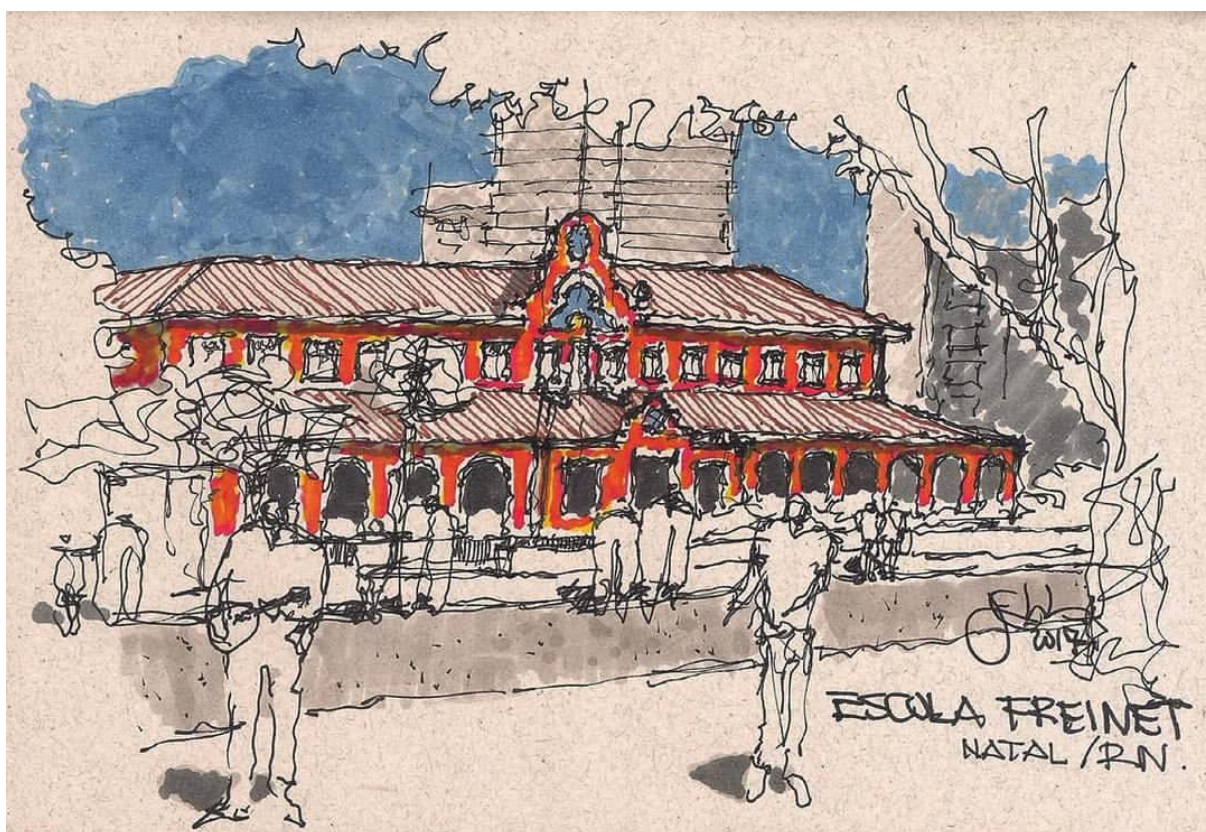




UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ESCOLA FREINET-NATAL RN
PRÁTICAS E CONCEPÇÕES POLÍTICA E SOCIAL NO PROCESSO EDUCATIVO DOS
ESTUDANTES DO 9º ANO - ANOS FINAS
(2018 A 2019)



ADRIANA DE VASCONCELOS CAVALCANTI

NATAL
2020

ADRIANA DE VASCONCELOS CAVALCANTI

ESCOLA FREINET-NATAL RN
PRÁTICAS E CONCEPÇÕES POLÍTICA E SOCIAL NO PROCESSO EDUCATIVO DOS
ESTUDANTES DO 9º ANO - ANOS FINAS
(2018 A 2019)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) do Centro de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação na linha de pesquisa: Educação, Política e Práxis Educativas.

Orientador: Prof. Dr. Walter Pinheiro Barbosa Júnior

NATAL

2020

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial Moacyr de Góes - CE

Cavalcante, Adriana de Vasconcelos.

Escola Freinet-Natal RN práticas e concepções política e social no processo educativo dos estudantes do 9º ano - anos finais (2018 a 2019) / Adriana de Vasconcelos Cavalcante. - Natal, 2020.

150 f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Educação, Programa de Pós Graduação em Educação - PPGED.

Orientador: Prof. Dr. Walter Pinheiro Barbosa Júnior.

1. Pedagogia Freinet - Dissertação. 2. Cooperativismo - Dissertação. 3. Políticas e Práticas Pedagógicas - Dissertação. I. Barbosa Júnior, Walter Pinheiro. II. Título.

RN/UF/BS/CE/Moacyr de Góes

CDU 37.013

ADRIANA DE VASCONCELOS CAVALCANTI

ESCOLA FREINET-NATAL RN
PRÁTICAS E CONCEPÇÕES POLÍTICA E SOCIAL NO PROCESSO EDUCATIVO DOS
ESTUDANTES DO 9º ANO - ANOS FINAS
(2018 A 2019)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) do Centro de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em cumprimento às exigências legais como requisito à obtenção do título de Mestre em Educação na linha de pesquisa: Educação, Política e Práxis Educativas.

Dissertação apresentada em ___/___/___, pela seguinte Banca Examinadora:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Walter Pinheiro Barbosa Júnior
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN
Orientador

Prof. Dr. Gilmar Barbosa Guedes
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN
Examinador interno

Prof. Dr. Flávio Boleiz Júnior
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN
Examinador interno

Prof.^a Dr.^a Daniela Dias dos Anjos
Universidade São Francisco – USF
Examinador externo

Prof.^a Dr.^a Bruna Tarcilia Ferraz
Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE
Examinador interno

A Emanuel meu companheiro incondicional de todas as horas, ao meu filho Arthur e (In memoriam) de minha filha Maria Clara, vocês fazem parte constante da minha caminhada na totalidade e estão ao meu lado nos momentos maravilhosos e difíceis dessa busca por mais conhecimento. A minha mãe, Sônia Maria, seridoense lutadora, que sempre dispôs do seu amor incondicional e que me ensinou que com coragem podemos vencer as dificuldades diárias.

AGRADECIMENTOS

A conclusão deste trabalho não foi um mérito individual, por este motivo, agradeço a todas as pessoas que junto comigo partilharam a difícil tarefa que foi viver esse período de construção intelectual.

Em primeiro lugar agradeço a Cooperativa de Professores do RN - COOPERN, Escola Freinet de Natal-RN que sempre nos recebeu de forma aberta e colaborativa, nutrindo as bases fundamentais para esta pesquisa, o apoio dos docentes que acolheram e contribuíram através dos diálogos pedagógicos proporcionando a reflexão para concluir essa dissertação.

Agradeço, ao meu esposo e filho, por serem os melhores companheiros em todos os momentos e que sempre entenderam as minhas ausências. Todos os caminhos que percorri por estes tempos trazem as marcas do amor e cuidado de vocês dois.

Ao meu orientador, professor Walter Pinheiro Barbosa Júnior, pela acolhida amorosa, por me fazer aprender com autonomia, pelas chamadas constantes sempre com o cuidado humano e peculiar que só ele tem. Por dividir, generosamente seus saberes e suas ideias e por acreditar que eu posso “Ser Tão” em vastidão de conhecimentos, me abraçando como orientanda num caminho árduo que só nós dois sabemos como foi. Tenho muito orgulho de ter sido com você. Muito Obrigada.

À Flávio Boleiz, por me impulsionar a esse momento, existem encontros que são providenciais, caso não o encontrasse, não estaria escrevendo este agradecimento, obrigada por me apresentar a Pedagogia Freinet e por me ensinar a fazer dela não algo importante em minha trajetória como educadora, obrigada também pela grata amizade.

Ao amigo Professor Rafael Rosendo, companheiro constante das aulas e da caminhada no mestrado, parceiro de muitas angústias e conversas pelos cantos da UFRN.

A minha querida amiga Pedagoga Raquel Marinho, companheira de conversas em todos os momentos, de trocas de ideias, de abraços e dores, conhecer você nessa jornada foi um presente maravilhoso. Obrigada por toda ajuda, carinho e companheirismo, que só uma amizade sincera é capaz de proporcionar.

Agradeço, ao Professor Gilmar Barbosa Guedes, examinador da banca de qualificação, pela generosidade em compartilhar seus conhecimentos, traduzidos na leitura acurada, nas sugestões e nas indicações de extrema relevância para uma melhor construção deste texto.

Agradeço, ao grupo de pesquisa Sertania pelos conhecimentos compartilhados e as discussões acaloradas que sempre fomentam nosso conhecimento.

Procuro despir-me do que aprendi
Procuro esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram,
E raspar a tinta com que me pintaram os sentidos,
Desencaixotar as minhas emoções verdadeiras,
Desembrulhar-me e ser eu...”

Alberto Caeiro”.

RESUMO

Esta dissertação tem como objeto de estudo as práticas e concepções políticas e sociais que nutrem a educação dos alunos do 9º ano dos anos finais na Escola Freinet em Natal/RN – Brasil, circunscrevendo-se o estudo ao período de 2018 a 2019. Nosso objetivo é compreender a viabilidade da *práxis* da pedagogia do educador francês Célestin Freinet e do pensamento político de Paulo Freire, ao nutrir a educação dos alunos em uma turma do 9º ano dos anos finais do ensino básico. O problema central que nos mobilizou à pesquisa, é o fazer discente e docente, e em como os alunos podem criar as concepções de política e de sujeito atuante de forma concreta através das práticas pedagógicas e dos processos sociais que acontecem cotidianamente. Nesse sentido, voltamos nosso pensamento durante os estudos para a reflexão acerca da concepção de cooperação e de Escola Moderna de Célestin Freinet (1969); e para o pensamento político e de Educação como Prática da Liberdade de Paulo Freire (2002). Buscamos trazer para o debate, o mais próximo possível, da sua globalidade a reflexão importante acerca da aproximação de Célestin Freinet e Paulo Freire quanto a busca constante por oferecer educação popular e de qualidade, para a formação do sujeito crítico através das práticas da Educação pelo trabalho e da Educação como prática da liberdade. No decorrer desta arteficialidade destacamos os aspectos relevantes para o tear rigoroso que a elaboração de um trabalho acadêmico exige. A intervenção permitiu que construíssemos o objeto de estudo pela reflexão em ação, a partir de dados produzidos durante as observações, as entrevistas, as conversas, os momentos de estudos e a consulta a materiais escritos, entrelaçando-se o material empírico com a teoria, trazendo para o debate como ocorre o funcionamento da escola desde a sua constituição até os seus princípios fundantes. Esta forma de análise permitiu alcançarmos a lógica do conjunto, como cremos que deve caracterizar a pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais. Ouvimos com cuidado os nossos protagonistas os alunos do 9º ano. As considerações finais indicam o potencial da pedagogia Freinet para orientar os processos de ensino e aprendizagem em todas as etapas da escolaridade. Revelam, ainda, algumas necessidades e olhares importantes que a pesquisa revelou e que possa trazer relevância para a escola e para futuras pesquisas.

PALAVRAS CHAVES: Cooperativismo, Pedagogia Freinet, Práticas Pedagógicas, Política.

ABSTRACT

Esta tesis tiene como objeto de estudio las prácticas y concepciones políticas y sociales que nutren la educación de los estudiantes de noveno año de los últimos años en la Escuela Freinet en Natal / RN - Brasil, y el estudio se limita al período de 2018 a 2019. Nuestro objetivo es comprender la viabilidad de la práctica de la pedagogía del educador francés, Célestin Freinet y del pensamiento político de Paulo Freire, al fomentar la educación de los estudiantes en una clase del noveno año de los últimos años de educación básica. El problema central que nos movilizó a la investigación es formar estudiantes y docentes, y cómo los estudiantes pueden crear las concepciones de la política y del sujeto activo de manera concreta a través de las prácticas pedagógicas y los procesos sociales que ocurren a diario. En este sentido, recuperamos nuestra conciencia durante los estudios dialogando con el concepto de cooperación y la moderna Escuela de Célestin Freinet (1969); y con el pensamiento político y educativo como práctica de libertad por Paulo Freire (2002). Buscamos llevar al debate, lo más cerca posible, a su globalidad la importante reflexión sobre el enfoque de Célestin Freinet y Paulo Freire con respecto a la búsqueda constante de ofrecer una educación popular y de calidad. Destacamos los aspectos relevantes para el funcionamiento de la escuela desde su constitución hasta sus principios fundacionales. La intervención nos permitió construir el objeto a través de la reflexión en acción, basado en datos producidos durante observaciones, entrevistas, conversaciones, momentos de estudio y consulta de materiales escritos, entrelazando el material empírico con la teoría. Esta forma de análisis nos permitió lograr la lógica del todo, ya que creemos que la investigación en Ciencias Humanas y Sociales debe caracterizarse. Escuchamos atentamente a nuestro protagonista, los estudiantes de noveno grado. Las consideraciones finales indican el potencial de la pedagogía de Freinet para guiar los procesos de enseñanza y aprendizaje en todas las etapas de la escolarización. También revelan algunas necesidades y perspectivas importantes que la investigación reveló y que pueden aportar relevancia a la escuela y a la investigación futura.

PALABRAS CLAVE: cooperación, escuela moderna, política y educación como práctica de libertad.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Imagem representativa sobre a construção do objeto.	15
Figura 2 –	Imagem representativa ao ciclo vivenciado	18
Figura 3 –	Imagem da matriz de Sertania.....	45
Figura 4 –	Imagem da matriz da pesquisa qualitativa em educação.....	46
Figura 5–	Imagem da operacionalização do Grupo focal.....	48
Figura 6 –	Imagem descritivo das entidades dos Sistema S.....	54
Figura 7 –	Imagem da Escola Freinet Natal-RN no ano de fundação	63
Figura 8 –	Imagem da placa de fundação da Escola Freinet de Natal - RN	65
Figura 9 –	Imagem Educandário Oswaldo Cruz (antes de sediar a Escola Freinet).	66
Figura 10 –	Imagem da Escola Freinet Natal-RN no ano de fundação.....	67
Figura 11 –	Imagem do pátio da Escola Freinet (2018)	69
Figura 12 –	Imagem do momento da aula Inicial	100
Figura 13 –	Imagem dos formulários utilizados na reunião cooperativa	102
Figura 14 –	Aula passeio RECIFE-PE –Instituto Brennand (Portão de entrada)	106
Figura 15 –	Aula passeio RECIFE-PE – Instituto Brennand (Museu de cera)	107
Figura 16 –	Imagem da conferência e debates	109

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Zona da cidade em que residem os alunos da Escola Freinet	115
Gráfico 2 – Classificação do relacionamento com os colegas	117
Gráfico 3 – Minha escola é o lugar onde aprendo sobre política?	118
Gráfico 4 – As práticas sociais na escola	119

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
1 RASTROS NOS CAMINHOS DA BUSCA	24
1.1 A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO	24
1.2 CAMINHOS PERCORRIDOS NA PESQUISA	41
2 COOPERATIVISMO E EDUCAÇÃO BRASILEIRA.....	50
2.1 COOPERATIVA DE TRABALHO DE PROFESSORES DO RIO GRANDE DO NORTE – COOPERN	50
2.2 PRINCÍPIOS DO COOPERATIVISMO	53
2.3 A ESCOLA COOPERATIVA NO BRASIL	56
2.4 A ESCOLA COOPERATIVA FREINET DE NATAL - RN	61
2.5 O PATRONO DA ESCOLA: UMA BREVE SÍNTESE SOBRE CÉLESTIN FREINET	72
3 PRÁTICAS E CONCEPÇÕES POLÍTICA E SOCIAL QUE NUTREM A EDUCAÇÃO DOS ESTUDANTES DO 9º ANO	78
3.1 CÉLESTIN FREINET E PAULO FREIRE NA ESCOLA FREINET DE NATAL.....	78
3.2 PRINCÍPIOS E TEORIAS FREINETIANAS NA ESCOLA FREINET DE NATAL.....	85
3.3 UMA APROXIMAÇÃO DAS TÉCNICAS FREINETIANAS NA ESCOLA FREINET DE NATAL..	94
3.4 COM A PALAVRA: OS ESTUDANTES DO 9º ANO DA ESCOLA FRENET DE NATAL ...	111
3.5 PARA UMA APROXIMAÇÃO DOS PROFESSORES DA ESCOLA FREINET	122
LIÇÕES APRENDIDAS – CONSIDERAÇÕES FINAIS	128
APENDICE A - DECLARAÇÃO DE SIGILO ÉTICO-CIÊNTIFICO PARA A PESQUISA NA ESCOLA FREINET NATAL RN.....	141
APENDICE-B - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA A PARTICIPAÇÃO DA ESCOLA PARA A PESQUISA NA ESCOLA FREINET NATAL RN	142
APÊNDICE C - QUADRO DOCENTE DA ESCOLA FREINET DE NATAL RN	143
APÊNDICE D	144
APÊNDICE E	146

INTRODUÇÃO

Nessa dissertação, nosso objeto de estudo são as práticas e concepções políticas e sociais no processo educativo dos estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental, dentro do recorte temporal de 2018 e 2019. Nosso campo empírico será a Escola Freinet, localizada em Natal-RN, que oferece educação nos níveis dos anos iniciais ao pré-vestibular. Objetivamos com a pesquisa, compreender os efeitos educativos quando se trabalha em uma escola articulando liberdade, práticas pedagógicas e o fazer político e social dos alunos.

Para realizarmos nosso estudo, incorporamos as orientações teórico-metodológicas da Linha de Pesquisa, intitulada: Educação, Política e *Práxis* Educativas do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e os ensinamentos do Grupo de Pesquisa Sertânia e Educação (UFRN), vinculado ao CNPq.

Focamos nosso trabalho, no que se refere às práticas e concepções políticas e sociais que acontecem na Escola Freinet, compreendendo o sentido de cooperação e educação pelo trabalho, através das teorias e técnicas pedagógicas de Célestin Freinet (1896-1966), e dos processos políticos e sociais pelo olhar político e libertário de Paulo Freire (1921-1997).

Partindo do tatear delicado e cauteloso, que abre o caminho para a descoberta da pesquisa científica, cheguei à conclusão de que pesquisa e pesquisador não se separam, estão entrelaçados, portanto este trabalho está inserido em minha própria vida, muito antes de tomar forma em construção de dados, estudos, constatações, quadros, gráficos, imagens, letras e papeis.

Suas páginas não trazem apenas o aspecto humano das minhas constatações, mas sim a comprovação de uma emergência, de uma metamorfose, que surgiu através de novas *sinapses* de aprendizagens, que ocorreram durante o trajeto na pós-graduação.

Para mim, essa jornada se tornou uma longa e profunda experiência que me proporcionou aprender e pensar, de forma científica, por vezes prosaica, por outras vezes poética, mais nunca perdendo o caminho da busca principal: a do conhecimento científico. Esse conhecimento é marcado por muitos momentos de encontros e desencontros, certezas e incertezas, desconstrução e construção.

Em muitos momentos desse trabalho, em consequência da inexperiência acadêmica em especial no âmbito da pesquisa científica, adquiri o entendimento de que o conhecimento científico é uma construção humana. No entanto, na andança da construção, dessa teia que se chama conhecimento científico, fui construindo o conceito de que esse conhecimento está distante de qualquer determinismo.

Entretanto aprendi que há rigor, que há ordem, curiosidade, mas que também há estranhezas e incertezas. Para minha vida, esse trabalho é de uma grandeza apaixonada, ao qual dediquei energia e tempo, e por meio do produto das incertezas anteriores e das certezas encontradas, fui construindo com cuidado e rigorosidade essa dissertação, buscando entender como as práticas e concepções políticas e sociais no processo educativo dos estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental educam os alunos da Escola Freinet de Natal.

Esse processo de construção de uma dissertação é constituído por narrativas. Essas narrativas trazem, um pouco de cada leitura, cada observação, entrevista, conversa, orientação. Todas em seu contexto, com sua importância, com uma lição a ser apreendida para cada capítulo.

Por falar em construção, muitas obras literárias estão presentes nesse trabalho, explícitas e implícitas em meu pensamento, escritas através do dedilhar das teclas, e assim com as letras e palavras escritas, ao constituir as frases e ao formular meus pensamentos, ao buscar erudição para expor minhas ideias e com cuidado, muito cuidado sigo.

Ao pensar no cuidado, me vem à mente a obra de Leonardo Boff *Saber Cuidar*, pois sigo com o cuidado de saber cuidar de algo muito importante para mim, em especial, no capítulo dois, em que falo sobre o cuidado, como uma atitude, uma fonte. Quando dizemos, por exemplo, que estamos cuidando da nossa própria casa, ao preocuparmo-nos com as pessoas que ali habitam. Assim é como o *ethos*¹ do humano², a representação perfeita do processo vivenciado por mim. Vejamos:

O que se opõe ao descuido e ao descaso é o cuidado. Cuidar é mais que um ato; é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção e zelo, representa uma atitude de ocupação, preocupação, responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro. (BOFF, 2014, p.37)

Como descrito na citação, a elaboração e escrita deste trabalho, abrangeu mais que um momento de atenção e zelo, representou um momento de relação e envolvimento afetivo, um envolvimento verdadeiro, ousado. Ora, posso afirmar agora: ciência e pesquisa são ousadia.

¹ *Ethos* é uma palavra com origem grega, que significa "caráter moral". É usada para descrever o conjunto de hábitos ou crenças que definem uma comunidade ou nação. No âmbito da sociologia e antropologia, o *ethos* são os costumes e os traços comportamentais que distinguem um povo.

² Leonardo Boff em seu livro "Saber cuidar" apresenta o homem como um ser social, um ser de relações, e que tem dentro de si uma enorme vontade de cuidar, seja de si mesmo ou de qualquer coisa que esteja dentro do seu conhecimento, e represente algo de importante em sua vida, o saber cuidar está intimamente ligado a sua existência, sem o cuidado o homem deixa de ser humano, já que no mundo o homem é um ser cuidadoso, ele também necessita de cuidados e sem cuidados não pode sobreviver, pois carece ser acompanhado cuidadosamente desde o seu nascimento até o momento da sua morte neste mundo.

E nesse sentido de ser ousada, descobri que a ousadia não é tudo, é preciso ter responsabilidade, conhecer e experimentar, pois até o mais simples artesão pensa e reflete sobre a sua obra apesar do amor que tem por ela.

Apesar do amor e o afeto que temos pela nossa obra, pela escrita, pelo nosso objeto é preciso em alguns momentos pensar como Alberto Caeiro³, heterónimo criado por Fernando Pessoa (1888-1935). Como ele, mestre ingênuo, me senti muitas vezes nessa jornada. Vejamos fragmento do poema *O meu olhar é nítido como um girassol*.

Creio no Mundo como num malmequer, porque o vejo. /Mas não penso NELE PORQUE pensar é não compreender.../O Mundo não se fez para pensarmos nele/ (Pensar é estar doente dos olhos) /Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo... /Eu não tenho filosofia: tenho sentidos.../Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é, /MAS porque a amo, /e amo-a por isso, /PORQUE quem ama nunca sabe o que AMA/ NEM sabe porque ama, /nem o que é amar...Amar é a eterna inocência, /E a única inocência é não pensar. (PESSOA, 1946, p. 24)

É com essa metáfora sobre o amor que começamos a descrição dos nossos capítulos, porque foi exatamente dessa forma que comecei a minha jornada, sem saber o que estava a amar, inocente, sem filosofias científicas, apenas sentidos, sem saber como seria, mas estava a amar. Muitas vezes é longe do equilíbrio que fazemos uma viagem. Vamos agora conhecer um pouco o mapa do caminho.

Seguindo o nosso mapa, apresentamos sucintamente a introdução que se constitui no primeiro capítulo. Ela nos mostra o caminho, o mapa deste trabalho, abrindo a estrada para os capítulos que se seguem, enquanto argumentos que vão concatenando nossa dissertação.

O segundo capítulo dessa dissertação, evidencia os processos de construção do objeto de pesquisa, articulando e problematizando as experiências pessoais, profissionais e acadêmicas, evidenciando que essas três dimensões se constituem na razão de ser do objeto. Descreve também, os caminhos percorridos na pesquisa e nele expomos e discutimos o método, a abordagem e as estratégias de busca e construção de dados para que com isto possamos esclarecer aos leitores, a luz dos arcabouços teóricos construídos, as intencionalidades das

³ *Alberto Caeiro* foi um heterónimo criado por Fernando Pessoa, sendo considerado o *Mestre Ingênuo* dos heterónimos Álvaro de Campos e Ricardo Reis e também de seu próprio autor, Fernando Pessoa, apesar de apenas ter feito a instrução primária.

Foi um poeta ligado à natureza, que despreza e repreende qualquer tipo de pensamento filosófico, afirmando que pensar obstrui a visão. Afirma que, ao pensar, entramos num mundo complexo e problemático onde tudo é incerto e obscuro. À superfície é fácil reconhecê-lo pela sua objetividade visual, que faz lembrar Cesário Verde, citado muitas vezes nos poemas de Caeiro, pelo verso livre e pela linguagem simples e familiar. É um poeta de completa simplicidade, e considera que a sensação é a única realidade. Suas principais obras são *O Guardador de Rebanhos*, *O Pastor Amoroso* e *Poemas Inconjuntos*.

minhas escolhas e dos fundamentos teóricos e metodológicos que regem e sustentam a produção do conhecimento aqui apresentado.

O terceiro capítulo nos leva ao campo de pesquisa, ou seja, a Escola Freinet de Natal/RN, começando pela constituição da Cooperativa de Trabalho de Professores do Rio Grande do Norte – COOPERN, os princípios do cooperativismo, sua estrutura, funcionamento e possibilidades.

Neste capítulo, fiz uma abordagem histórica a respeito da escola cooperativa quanto ao início de suas atividades, sua posição no meio educacional, sua representatividade e contexto político na época de seu surgimento. Quanto ao contexto pedagógico, nos detemos ao patrono da escola, Célestin Freinet, porque a escola estudada se sustenta nas formulações políticas e pedagógicas desse educador e pensador francês.

O quarto capítulo descreve a problemática do nosso trabalho a práxis de Célestin Freinet na Escola Freinet de Natal RN, a voz dos estudantes, e a relação estabelecida entre a liberdade constante, as práticas pedagógicas e o fazer político na Escola Freinet de Natal. Ou seja, as práticas e concepções políticas e sociais no processo educativo dos estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental.

As questões fundamentais para entendermos e respondermos às questões suscitadas neste trabalho, serão descritas através das práticas políticas e sociais que acontecem na escola, sob o olhar de duas categorias fundantes: Educação pelo trabalho e Educação como Prática da Liberdade, sendo essas descritas pelas palavras dos alunos.

Para que as palavras e olhares dos alunos nos possibilitassem uma aproximação dos efeitos educativos do trabalho e da liberdade, recorreremos a uma abordagem teórica que fosse capaz de nos dar vazão às permanências e transformações próprias da pesquisa que envolve pessoas (alunos), sujeitos sócio-históricos, isto é, sujeitos que se constituem ao longo da sua história de vida tendo como viés de sua transformação os contextos históricos e da sociedade que participam.

Por esse ponto de vista, escolhi para essa investigação o materialismo histórico-dialético como método, pois expressa um arcabouço conceitual com as marcas de sua filiação dialética. e, sertania como abordagem, ou seja, como referência para o meu olhar enquanto pesquisadora.

A abordagem sócio-histórica nos orienta a ver o sujeito em seu contexto histórico e social, sendo assim, fundamental para trazer à pesquisa as verdades contidas nas linhas e entrelinhas dos sujeitos partícipes do trabalho.

Por fim, apresento as considerações finais, através de três situações que aprenderemos a conhecer no decorrer desta pesquisa: realizando um elogio, uma crítica e uma sugestão. Para

pensarmos através deste movimento sobre as práticas e concepções políticas e sociais no processo educativo dos estudantes do 9º ano do ensino fundamental da Escola Freinet e como essas práticas educam os alunos desta escola para a vida.

Eis o mapa da minha viagem, desejo contigo estabelecer uma relação amorosa, mediada pelas palavras aqui descritas e, que deram início à nossa narrativa. Vamos a ela.

1 RASTROS NOS CAMINHOS DA BUSCA

1.1 A construção do objeto de estudo

Neste capítulo reconstituo, por meio das experiências pessoais, profissional e acadêmica a razão de ser do objeto em mim. Refletindo sobre essas três dimensões, compreendi que a razão de ser do objeto não se separa da minha história de vida.

Essas reflexões e a pesquisa que realizei, me possibilitaram compreender que a história não se apresenta de modo bicolor. Talvez por isso, não me limito a apreender o mundo como se ele fosse preto ou branco. As experiências que vivenciei aproximam-se do que Riobaldo, personagem da obra *Grande Sertão* veredas, percebeu sobre o mundo. Vejamos:

Que foi isso o que sempre me invocou, o senhor sabe: eu careço de que o bom seja bom e o ruim ruim, que dum lado esteja o preto e do outro o branco, que o feio fique bem apartado do bonito e a alegria longe da tristeza! Quero os todos pastos demarcados.... Como é que posso com este mundo? A vida é ingrata no macio de si; mas transtraz a esperança do meio do fel do desespero. Ao que, este mundo é muito misturado [...] (ROSA, 1996, p. 206).

Sim, a vida flui *ingrata no macio de si*, mas talvez seja nos momentos de ingratidão da vida, em que mais aprendemos. Aprender é a maior prova da maleabilidade do ser humano, mais que ser adaptável, somos programados para aprender.

Foi aprendendo no curso da pesquisa, que aos poucos descobri que o objeto de nossa pesquisa sempre está em nós, pois a vida com seus acontecimentos e as experiências apreendidas são indissociáveis. Nossa vida é impregnada pela variedade de práticas, sociais e coletivas.

Desde então, temos a ideia de que viver é relacionar-se e que assim como a vida o nosso objeto não está estático, ele se fez a cada momento que me permiti pensar sobre o que queria aprender.

Impregnada dessa vontade de aprender e, após conhecer algumas noções do campo da Complexidade, passei a compreender a importância das disciplinas com suas epistemologias próprias, mas que elas se potencializam na medida em que se relacionam, se comunicam.

Esse nosso entendimento sobre a importância do diálogo entre as disciplinas e áreas do conhecimento, nos ajudou a pensar sobre as aulas de Metodologia da Pesquisa Científica que assistimos ao longo do nosso curso de Pedagogia.

Recordo-me que no curso da minha formação como Pedagoga, os componentes focados na formação em pesquisa, estavam desarticulados entre si, eu não percebia um encadeamento e

sequência entre os componentes. Os professores não seguiam uma ordem de organização que nos possibilitasse uma aprendizagem que se ampliava e se aprofundava.

Além da ausência de uma concatenação entre os componentes voltados para formação em pesquisa, as aulas tendiam a tratar de conceitos e definições trabalhadas de forma isoladas. Esse movimento não nos ajudava a pensar o conhecimento, como um movimento ou processo que articula em si as várias áreas do conhecimento.

Foi no curso da pesquisa e recordando-me do que estudei sobre a teoria da complexidade, que pouco a pouco fui entendendo que não só as disciplinas se relacionam, se articulam, mas que o pesquisador durante sua busca necessita olhar o mundo a partir do lugar de um observador constituído pela sua subjetividade, suas experiências de vida, seus saberes constituídos de vivências escolares e não escolares, sua cultura e sua história pessoal se relacionam.

Nessa dissertação, o que procuro é relacionar a subjetividade construída pelas experiências de vida e o conhecimento científico produzido ao longo da história da humanidade.

Em sua obra *Ciências da Complexidade e Educação. Razão Apaixonada e Politização do Pensamento*, (2017) Conceição Almeida reforça essa nossa compreensão ao narrar sobre uma ciência da inteireza, em que ela sugere a indissociabilidade entre ciência e subjetividade.

Essa noção é importante, porque assumimos o materialismo histórico e dialético nesta pesquisa, sabendo que este método rejeita a existência de um princípio espiritual e liga toda a realidade à matéria e às suas modificações, afirmando que o modo de produção da vida material condiciona o conjunto da vida social, política e espiritual, cabe aqui ressaltar que a materialidade proposta não nega a subjetividade dos humanos que operam essa realidade material.

Do ponto de vista epistemológico, entendo que a epistemologia se diferencia da ciência comum; pois, como nos sugere Bachelard esta ciência se constitui enquanto uma mera opinião. Para este pensador: “O Estudo da ciência, surge como estudo da própria racionalidade, porque a ciência é sempre um processo histórico e tem um caráter social” (BACHELARD, 1996, p. 70).

Sendo assim, compreendo que a ciência, como a minha trajetória de busca do objeto se deram, por meio de rupturas epistemológicas. Pois, quando superamos a epistemologia da ciência comum, caminhando por saltos que se caracterizam pela recusa das premissas que orientavam o pensamento anterior, entre eles podemos citar a maneira de enxergar o mundo pelo olhar do senso comum, superando essa premissa, penso que avanço no conhecimento.

Essas premissas que recuso podem ser chamadas de dogmas e hábitos da forma de pensar. Assim como essas transformações acontecem no plano da individualidade elas também se manifestam na história social, como por exemplo, podemos citar duas situações históricas que denotam o desenvolvimento científico: Na Idade Média, quando a igreja se opõe ao conhecimento, não aceitando o novo espírito científico da pesquisa, pois suas “verdades” eram irrefutáveis; e no âmbito da física quando a Física Quântica e a Teoria da Relatividade formularam uma nova maneira de conceber o espaço-tempo, como resposta aos obstáculos representados pela Física Newtoniana.

Essas duas experiências e o processo que vivenciei no curso da pesquisa, evidenciaram que no processo de transformação da ciência comum, para um modo de pensar e agir científico, rigoroso e criativo, implica movimentos que são marcados pela imaginação, criatividade e o rigor, como elementos imprescindíveis à ruptura entre a ciência e ciência do senso comum.

Se fossemos vislumbrar em um quadro demonstrativo sobre o processo de construção do objeto e o movimento da pesquisa, seria da seguinte forma.

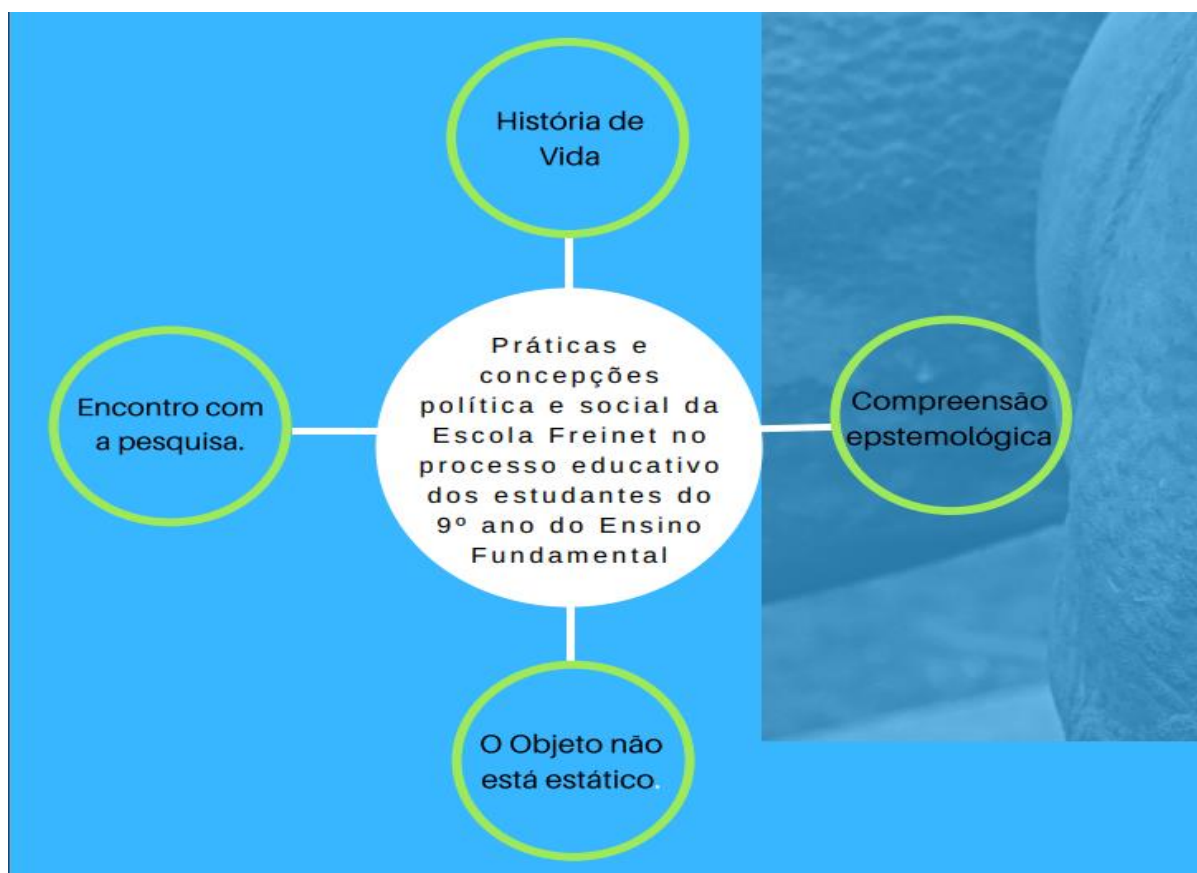
Figura 1 - Quadro representativo sobre a construção do objeto



Fonte: acervo da autora – Elaborado pela pesquisadora (2020)

Conforme pode se observar no Figura 1, o movimento que articula os quatro pontos evidencia todo o evento cíclico em que urdi esse capítulo, trabalhando com as três dimensões: vivências pessoais em que reconstituo a história de vida, procurando as razões do objeto; a dimensão profissional em que amplio e aprofundo a compreensão do fenômeno educativo e acadêmica que me possibilita uma compreensão epistemológica do objeto. Vejamos:

Figura 2 – Quadro representativo ao ciclo vivenciado.



Fonte: Fonte: acervo da autora – Elaborado pela pesquisadora (2020)

Na primeira dimensão, aprendemos que escrever é inscrever-se, pois partindo do estudo de si mesmo é que podemos compreender o mundo com suas alegrias e estranhezas, quando vemos a pura interpretação de nós mesmos, que são as nossas experiências, tornando-se conscientes, sendo elas materiais, fenomênicas, ou apenas reflexões. E assim construímos o conhecimento e ampliamos o nosso pensar não de forma individual, mas, articulados com um todo que fazemos parte.

Nesse sentido, abraço a ideia de Kant (2008) em sua obra *Crítica da Razão Pura*. Logo na introdução, ele nos escreve que:

Não se pode duvidar que todos os nossos conhecimentos começam com a experiência, porque, com efeito, como haveria de exercitar-se a faculdade de se conhecer, se não fosse pelos objetos que, excitando os nossos sentidos, de uma parte, produzem por si mesmas representações, e de outra parte, impulsionam a nossa inteligência a compará-los entre si, a reuni-los ou separá-los, e deste modo à elaboração da matéria informe das impressões sensíveis para esse conhecimento das coisas que se denomina experiência? No tempo, nenhum conhecimento precede a experiência, todos começam por ela. (KANT, 2008, p. 03)

Portanto, é tomando a experiência vivida que buscamos reconstruir nosso percurso de forma provocativa, expiando o que vem de dentro e não de fora, me trazendo a reflexão de que

sou mutável, plural em minha singularidade, olhando para o meu modo de *ser e viver* que me construiu, e foi assim que aos poucos descobri que me constituo um *ser daqui*, do Sertão, do Rio Grande do Norte, do Nordeste.

Venho de uma família pobre, constituída na cidade de Natal/RN⁴. Eu, a única mulher dos três filhos, nascida na cidade de Currais Novos⁵, porém criada na capital. Filha do meio, de pais semianalfabetos, minha mãe, Sônia Maria de Vasconcelos, seridoense da cidade de Acari/RN⁶, vivia desde os cinco anos de idade trabalhando de empregada doméstica nas casas em que as pessoas tinham uma condição econômica muito melhor que a da sua família.

Mas, como tudo se move, chegou o dia em que minha mãe migrou para a capital. No dia 02 de maio de 1974, tomou coragem e veio à procura de mais oportunidades, por sentir a necessidade de encontrar um novo ofício, que a tirasse das casas burguesas da cidade de Acari/RN. Chegou em Natal e logo assumiu um cargo de operária na antiga e extinta Fábrica Soriedem⁷.

Meu pai, Elias Pedro Cavalcanti, paraibano da cidade de Guarabira/PB⁸, antes de migrar para a capital norte-rio-grandense, viveu na pele a miséria do povo sertanejo. Chegando a Natal, logo começou a trabalhar de forma autônoma, vendia sacos nas feiras públicas da cidade, como a feira do Alecrim⁹, até se tornar abastecedor de supermercados. Meu pai era alcoólico, machista e eu o percebia naquele momento como uma pessoa que se acomodava à situação.

E nesse capinar sozinho dos meus pais, sabendo que a colheita é comum a todos, mas que capinar juntos é bem melhor, resolveram constituir família no ano de 1977. Neste período, em Natal, morávamos em um quartinho (chamado *um vão*) com apenas um banheiro comunitário, em uma vila, no bairro Bom Pastor, periferia da cidade de Natal

⁴ *Natal* é um município brasileiro, capital do estado do Rio Grande do Norte, na Região Nordeste do país. Com uma área de aproximadamente 167 km², é a segunda capital brasileira com a menor área territorial e a sexta maior capital do país em densidade populacional, distando 2 227 quilômetros de Brasília, a capital federal.

⁵ *Currais Novos* (frequentemente referida simplesmente como *Currais*, ou ainda pela sigla *CN*) é um município brasileiro no interior do estado do Rio Grande do Norte. Localiza-se na região do Seridó, junto à divisa com o estado da Paraíba, a 172 km da capital estadual, Natal.

⁶ *Acari* é um município da Microrregião do Seridó Oriental, na região do Seridó, na Mesorregião Central Potiguar, no estado do Rio Grande do Norte, no Brasil. Faz parte do Polo Seridó.

⁷ Confecções Soriedem S/A. Fábrica de roupas, com uma filial em Jardim do Seridó, que funcionou até 1994. No local, na capital potiguar, onde funcionava a Soriedem está instalado hoje o Shopping *Via Direta*.

⁸ *Guarabira* é um município brasileiro do Estado da Paraíba. É a nona cidade mais populosa do Estado, segundo o IBGE, com aproximadamente 58 mil habitantes. Situa-se a 98 quilômetros da capital paraibana, João Pessoa; a 100 quilômetros de Campina Grande, a cidade mais populosa do interior paraibano; a 198 quilômetros da capital potiguar Natal e a menos de 250 quilômetros do Recife, a capital de Pernambuco. Está inserida na Região Geográfica Imediata de Guarabira e na Região Geográfica Intermediária de João Pessoa.

⁹ *A Feira do Alecrim* é uma feira tradicional do bairro do Alecrim, na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte. A feira acontece todos os sábados, oficialmente no horário das 6 às 15h, no cruzamento das avenidas Coronel Estevam e Presidente Quaresma.

Hoje, percebo que como eu e minha família, muitas outras famílias naquela época, buscavam melhores condições de vida e tinham a periferia como lugar que lhes era reservado e a subsistência ocorria por meio de trabalhos em que a paga era pouca.

Não tínhamos televisão, geladeira, nem fogão a gás, nossa água era armazenada em um *pote* de barro, e dormíamos em redes. Nossa alimentação era preparada em um pequeno fogão à carvão e lembro que uma das mais felizes lembranças da minha infância era quando minha mãe jogava água no quartinho que era toda a nossa casa para lavá-lo e podíamos mergulhar na água, e para mim, tudo estava perfeito e por muito tempo foi assim.

Célestin Freinet no livro *Ensaio de Psicologia Sensível* (1998) em sua terceira lei, que é a do Instinto a Educação, nos fala que o instinto é o traço deixado em nós, através das gerações e do meio em que vivemos. Em um tempo não muito distante em que o homem não tenha conseguido modificar de maneira profunda o meio onde ele vivia e onde viviam seus filhos o instinto continuou a ser para ele algo que bastava, não importando a busca por conhecimento.

Talvez, essa compreensão de Freinet se aplique aos meus pais, seja pela necessidade de construir as condições para vivermos ou mesmo por ignorar a força que a busca pelo conhecimento carrega consigo. De qualquer modo, essa era a vida que existia para eles, a vida guiada apenas pelo instinto, não importando a busca pelo conhecimento. Vejamos o que Freinet nos fala sobre a quebra dessa técnica de (vida perfeita).

Basta que um indivíduo dessa família, ou meio, tenha a audácia de fazer uma descoberta técnica que traga consigo, o desejo que incontestemente esse modo de vida e traga um melhoramento, mas que atrapalha e desequilibra o modo instintivo de viver, eis que essa massa afetada pela novidade reage vigorosamente contra. (FREINET, 1998, p. 25).

Ao ter acesso ao conhecimento, e estudar refletindo sobre a realidade vivida, compreendi que eu e minha família estávamos imersos na vida reservada aos que são oprimidos pela classe burguesa, os que vivem desprovidos de quase tudo, pois sabemos bem que o interesse da burguesia e a manutenção dos seus privilégios implicam no impedimento de que os outros, seus empregados, possam ser e ter as mesmas condições.

Foi estudando que passei a entender que somos nós, os oprimidos, que de certo modo incorporamos e reproduzimos as ideias das classes dominantes até o dia em que, por meio dos estudos (libertadores), despertamos da alienação e entendemos toda a situação de opressão em que estávamos ou estamos imersos.

A opressão se materializa enquanto realidade histórica concreta da qual parte da humanidade é submetida. Trata-se da negação da vocação do homem de ser mais, da liberdade, do homem como ser para si, portanto, a condição de opressão é uma condição de heteronomia¹⁰.

Na capacidade de discernir estará a raiz da consciência de sua temporalidade, obtida precisamente quando atravessando o tempo, de certa forma até então unidimensional, alcança o ontem, reconhece o hoje e descobre o amanhã. (FREIRE, 1979, p. 63)

Hoje, entendo que foi na travessia, precisamente quando ingressei na academia, que consegui entender minha situação no mundo. Tomei consciência da classe social a que sempre pertenci, e consegui entender que tudo que busquei até então, no decorrer de minha caminhada, me induzia a querer estar no lugar de quem sempre me oprimiu e explorou, e foi então que comecei a moldar uma nova concepção de vida, pensamento e profissão, o que me exigiu muita coragem.

Os estudos na universidade combinados com as vivências da minha experiência profissional, me proporcionaram momentos de reflexão, para desenvolver um olhar mais crítico sobre a sociedade em que vivemos. Essa, a sociedade capitalista, que oprime, hierarquiza, explora, divide, impõe valores, incentiva estereótipos, enfim, em que, a classe social na qual se nasce sinaliza muito sobre o futuro reservado a cada um. Nesse sentido, Freire (1987) nos diz:

A realidade social, objetiva, que não existe por acaso, mas como produto da ação dos homens, também não se transforma por acaso. Se os homens são os produtos desta realidade e se está, na 'inversão das práxis', se volta sobre eles e os condiciona, transformar a realidade opressora é tarefa histórica, é tarefa dos homens. (FREIRE, 1987, p. 57)

Refletindo sobre minha realidade social, recorro o sentimento de inferioridade (que sentia) e dos olhares de superioridade dos filhos das senhoras das casas onde minha mãe fazia faxina, lavava e passava roupas para ajudar a completar o orçamento familiar, mesmo tendo um trabalho fixo.

Reconstituindo minha memória e história, na busca por compreender as relações existentes entre minha vida e o objeto de estudo é que percebo o sentido da cooperação e de autogerir-se. Pois, as primeiras lembranças que tenho da infância alcançam sempre situações em que de alguma forma, alguém sempre esteve a cooperar com minha família.

¹⁰ Heteronomia significa *dependência, submissão, obediência*. É um sistema de ética segundo o qual as normas de conduta provêm de fora.

Minha mãe necessitava ser autônoma, para realizar a gestão dos poucos recursos que tínhamos, de modo que para garantir a nossa sobrevivência, precisávamos de alguma complementação que chegava até nós, por meio da cooperação.

Assim é que me recordo que ora um tio pagava nosso aluguel, ora um amigo da família nos ajudava doando roupas, sapatos, entre outras coisas. Desse modo, as relações sociais para mim, se apresentavam como um processo colaborativo ou cooperativo entre a minha família e as pessoas mais próximas. Nesse sentido, posso inferir que em minha jornada de vida a cooperação se fez presente.

Diante da descoberta da cooperação como um rio constante e fluido no decorrer das vivências, numa infraestrutura tácita de ideias e conceitos, penso em Freinet e sua prática libertadora, uma vez que os problemas da vida e da prática social são discutidos em grupos e avaliados cooperativamente para realização e reorganização do trabalho em conjunto. Partindo dessa compreensão: a pedagogia Freinet é a cooperativa acontecendo e se desenvolvendo, por meio de todos os seus modos de ação e técnicas, de seu incentivo a ajuda mútua, e do esforço em conjunto, sem, contudo, abolir as individualidades (OLIVEIRA,1995 p. 121).

No entanto, apesar de todo o contexto em que a minha família estava inserida, a cooperação não era suficiente, e as necessidades da família me impulsionaram para a vida laborativa muito cedo. Aos 13 anos de idade precisei acompanhar minha mãe nas faxinas pelas casas nas quais ela trabalhava, passei a engomar roupas para ajudá-la, pois sabia que aquele capital, também viria de alguma forma a ajudar a família.

Trabalhar não era uma opção para os membros da minha família, mas uma necessidade, foi assim que aos 17 anos assumi o primeiro emprego formal no Bairro do Alecrim, como vendedora em uma loja de cosméticos chamada Loja Gerson para ganhar meu próprio sustento.

Como disse, anteriormente, não posso deixar de fazer uma relação, com a perspectiva histórico-ontológica da formação humana que se faz presente ao longo da obra de Karl Marx (1818-1883). Em seu *Manuscritos Econômico-Filosóficos* (1985), Marx aborda a questão do trabalho alienado e da alienação do homem a partir do trabalho.

A alienação do trabalhador em seu objeto se expressa, segundo as leis econômicas, da seguinte forma: quanto mais o trabalhador produz, tanto menos tem para consumir; quanto mais valores criam, tanto mais sem valor, tanto mais indigno ele é. (MARX, 1985, p. 106).

Assim, percebo que no ambiente de trabalho em que ingressei pela primeira vez, o ofício caracterizava-se como um processo mecânico e produtivo, no sentido de que tem como produto a mais-valia originada por meio da exploração da mão-de-obra proletária. A mais-valia é

marcada pela seguinte fórmula: seu trabalho + compra de parte do tempo desse trabalho = seu salário + excedente acumulado pelo dono do capital, sendo o primeiro termo da equação, muitas vezes injusto diante das demandas laborativas.

Em alguns episódios, eu era tratada como algo descartável (um funcionário que poderia ser facilmente substituível). Esse tratamento me levava ao sentimento e me instigava a ideia de ser uma trabalhadora estranha ao produto de minha atividade que não pertencia a mim, mas a outro (ao patrão), vivendo a experiência real referente a distribuição desigual do produto desse trabalho para as pessoas que o realizavam.

Isso me fez aprender precocemente que alguns exercem o comando enquanto outros obedecem, que minha energia e tempo pertenciam a outra pessoa (o detentor do capital). Marx nos fala em sua obra *Manuscritos Econômicos*, sobre essa relação entre patrão e empregado, trabalho e capital, que ultrapassa os tempos e continua presente nas relações de trabalho em pleno Século XXI. Vejamos:

No processo de produção efetivo se converte realmente em capital, mas essa conversão depende da troca originária entre dinheiro e força de trabalho. Só em virtude dessa conversão direta de trabalho em trabalho materializado pertencente ao trabalhador e sim ao capitalista é que dinheiro se converte em capital. (MARX, 1861, p. 126)

No entanto, a descoberta do meu lugar no mundo do trabalho, me despertou o olhar para a vida, e a vida carrega consigo uma complexidade imensa. Essa complexidade ou um fluir na contradição se apresentava em meu viver, pois se eu experimentava a alienação, por outro lado vivia a cooperação e a autogestão, começando pela relação com meus irmãos, no cuidado, na colaboração e na cooperação nascida e existente nas dificuldades do fluir da vida cotidiana.

Ainda na primeira infância aprendemos a colaborar e cooperar uns com os outros, como uma espécie de pacto de sobrevivência, pois éramos três irmãos, em que o mais velho tinha oito anos; eu tinha seis e nesse momento tinha a caçula com apenas três anos.

Como meus pais trabalhavam, saíam muito cedo, por volta das cinco horas da manhã e ao longo de oito horas ficávamos sozinhos em casa, de modo que aprendemos muito cedo a cuidar uns dos outros.

Aprendi que o cuidado se apresentava para mim e meus irmãos como um fenômeno biológico. Leonardo Boff, em sua obra *Saber Cuidar*, nos fala do amor e do cuidado como um fenômeno biológico, que nos diz:

Não foi a luta pela sobrevivência do mais forte que garantiu a persistência da vida e dos indivíduos até os dias de hoje, mas a cooperação e a coexistência entre eles. Os

hominídeos¹¹, de milhões de anos atrás, passaram a ser humanos na medida em que mais partilhavam entre si (BOFF, 2017, p. 126).

Esse fenômeno do cuidar do outro, ou do autocuidado, manifestava-se também quando precisávamos morar na casa de algum parente, pois meus pais não tinham condições de pagar um aluguel. Essa condição, me fez lembrar outras experiências dos processos cooperativos vivenciado em minha infância; foi quando a minha família passou a morar atrás de uma loja de móveis, que pertencia ao meu tio paterno. Naquele lugar o que separava minha cama (local onde eu dormia todas as noites) da loja, era apenas um guarda-roupa que estava a venda. Passamos longos oito anos (1985 a 1993) vivenciando essa situação.

Segundo Freire (2002), a primeira comunidade de aprendizagem a que pertencemos é a família, o grupo social da infância. Grupo esse, que me proporcionava muitas relações sociais, cooperativas, colaborativas. Pois essa loja para mim era como uma grande cooperativa, onde tudo acontecia. As pessoas, entravam, conversavam, compravam, íamos para lá assim que acordávamos, e nunca percebemos que isso incomodava o meu tio, pelo menos nunca percebi. Meus pais ficavam fora o dia todo, então eu e meus irmãos ficávamos por nós mesmos e muitas vezes fomos cuidados, olhados e até alimentados por meu tio e as pessoas que frequentavam sua loja.

Procurando elaborar a ideia de onde o objeto da minha pesquisa está em mim, tento falar na plenitude do meu pensar, pois muitas vezes temos medo de refletir, temos medo do conhecimento, e das transformações que esse conhecimento possa trazer.

Hoje, eu entendo que a condição que me faz humana é a de *pensar*, de me perceber e de entender que nenhuma experiência está isolada, e que todas elas integram o todo vivido.

Segundo Aristóteles (385 a.C. - 323 a.C.), o pensar, tal como o descrevemos, é aquilo que é em virtude de poder ser e tornar-se todas as coisas. Ao passo que existe algo que é o que é em virtude de poder fazer todas as coisas: trata-se de uma espécie de estado positivo como a luz; pois, num certo sentido, a luz transforma as cores em potência e cores em ato. Assim é o nosso saber pensar.

Foi pensando nesse aspecto do saber pensar que me dei conta da segunda dimensão que possibilitou compreender o nosso objeto de estudo, ou seja, foi a dimensão profissional. Não há como falar como nasceu essa pesquisa, a ideia, sem falar da docência, do meu *eu professora*, do exercício da minha vida profissional o momento em que assumi uma sala de aula pela primeira vez em uma escola privada no bairro de Lagoa Nova, em Natal/RN.

¹¹ O termo *hominídeo* é utilizado para descrever os humanos e os ancestrais extintos, como os *Australopithecus*. O único representante vivo é o *Homo sapiens, sapiens*. Este grupo encontra-se dentro da ordem dos primatas.

A escola em que atuei profissionalmente pela primeira vez é chamada Impacto Colégio e Curso, foi nessa instituição escolar que me encontrei com a minha primeira turma dos anos iniciais, era uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental. Percebi que não houve um encontro entre pessoas, mas um encontro com a minha vocação no sentido etimológico desse termo, uma vez que vocação deriva do verbo no latim *vocare* que significa chamar. Foi assim que me senti no primeiro encontro, inclinada a exercer a profissão docente.

Foi nesse primeiro contato com a profissão de educadora, que percebi que essa minha inclinação até então havia passado despercebida, talvez encoberta, pela experiência profissional anterior e pelas metas de vida antes objetivadas de forma equivocada.

E, como continuidade desse processo de reflexão, lembro-me também, que essa inclinação sentida assumia em meu corpo a sensação de que estava arriscando-me e, como todos nós sabemos, a palavra risco significa navegar em mar desconhecido.

No entanto, a minha consciência estava incomodada, buscando naquele momento de primeiro encontro com uma turma de estudantes compreender os motivos pela escolha de ser professora, e através do meu desejo de aprender e reaprender e da pluralidade das experiências, pude sempre sentir em cada aula ministrada um encontro, com meus alunos e com o que escolhi para seguir.

Segundo Meis (2002), na pesquisa sobre Ciência, Educação e Conflito é difícil explicar, mas, o que define se gostamos ou não de nossas atividades não é o trabalho manual, as informações utilizadas, ou o ambiente físico, mas sim o modo de pensar, o jeito de fazer as coisas e isso não está escrito nos livros.

Nessa perspectiva, assumo que um dos grandes desafios que abraço é buscar interpretar um mundo que o sinto imerso na incerteza. Assim, eu também tenho a sensação de que estou começando tentando, tateando e sempre buscando absorver as informações e transformá-las em conhecimento pertinente, aquele que estará inserido no meu contexto.

Tento construir a minha ideia de pesquisa sem ficar reproduzindo a noção de *outros*, mas, para efeito de construção dessa dissertação busquei inspiração no materialismo histórico dialético. Praticando o exercício constante em compreender o traço fundamental e essencial dessa teoria do conhecimento, como natureza *construtiva* para a construção do meu próprio conhecimento. Vejamos o que nos diz Prado (2002) sobre o que Marx pensava acerca da representação que criamos ao utilizarmos o materialismo histórico dialético, como teoria do conhecimento.

O conhecimento para Marx resulta de construção efetuada pelo pensamento e suas operações; e consiste numa “representação” mental do concreto (isto é, da parcela da

realidade exterior ao pensamento conhecedor, e por ele considerada), representação está “elaborada a partir da percepção e intuição”. (PRADO JÚNIOR, 2002, p. 9).

Assim, compreender que as experiências de vida pessoal e profissional se constituem em pontos de partida para entender melhor sobre o que tomei como objeto de estudo se fez em um movimento fundamental nessa dissertação.

Essa pesquisa, além de um trabalho acadêmico, também traz um pouco do registro do que me constitui como pessoa e profissional, que não são apenas palavras elaboradas, embasadas teoricamente para um fim acadêmico. Mas também como os grandes trabalhos, minha pretensão não é a de *Ser Grande*, pretendo sim, dialogar com outros pensamentos, procurar aproximações, problematizar as generalizações e principalmente me reconhecer no que escrevo.

A terceira dimensão, constituída de minha formação acadêmica encontra suas raízes na graduação do Curso de Pedagogia e as experiências que vivi nesse momento, que foram relevantes para que essa pesquisa, ainda embrionária fecundasse.

A atividade do estágio supervisionado, a docência assistida, um projeto de extensão e o trabalho de conclusão da graduação em Pedagogia promoveram grande aprendizagem e oportunidade de imersão inicial que culminou nesse projeto.

Nessa direção, descrever o caminhar rumo à docência, é lembrar quando me submeti ao exame vestibular, mas não obtive êxito na primeira tentativa. Somente numa segunda investida consegui ser aprovada para o Curso de Pedagogia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, em 2011. Ingressar na UFRN significou, para mim, uma conquista que até então não parecera possível.

O início dessa caminhada educacional foi de descrença, pois eu não acreditava ter condições de concorrer com os outros vestibulandos, já que havia abandonado os estudos no Ensino Fundamental para trabalhar e ajudar a minha família. É importante salientar que todas as iniciativas da busca educacional se deram pela minha própria vontade. A autonomia era e é minha companheira constante.

Descontente com a vida restrita ao trabalho, para prover-me materialmente e com um sentimento de incompletude em meus estudos, senti a necessidade de dar continuidade ao meu processo de escolarização. Segui em busca das maneiras mais rápidas e permitidas a mim naquela época, que era realizar exames supletivos pela antiga banca ofertada na Escola Estadual

Felipe Guerra. Dessa forma concluí o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, através do provão chamado ENCCEJA¹².

Novamente observo mais uma vez em meu percurso a ideia de que minha vocação ontológica, conforme sugere Freire (1989) era a de ser mais, ou seja, eu necessitava desprender-me da tradição da minha família, marcada pela baixa escolaridade. Eu queria ser diferente.

A primeira tentativa de ingresso na Universidade Federal do Rio Grande do Norte foi em 2010, prestei vestibular para Licenciatura em Ensino de História, pois sentia bastante identificação com esta matéria na época escolar. Infelizmente a falta de atenção ao edital me fez escrever o nome na redação, o que me desclassificou na seleção.

No ano seguinte, novamente presto vestibular. Nessa época, os caminhos laborativos da vida profissional haviam me levado a atuar na chamada Escola Salesiano São José, como Coordenadora de Recursos Humanos, na área administrativa da escola. Mesmo sem a titulação de graduação, a experiência profissional já adquirida e a boa atuação, me levaram sempre a funções de gestão.

Logo, opto pela Licenciatura em Pedagogia, pois desempenhava já há bastante tempo funções que me levaram para o meio da gestão de pessoas e pensava em desempenhar o conhecimento adquirido na universidade em ambientes não escolares.

Confesso que para uma pessoa que teve uma formação deficitária no Ensino Fundamental e que não teve a oportunidade de frequentar a sala de aula regular no Ensino Médio, prestar o exame de uma prova tida como muito difícil, era algo assustador para mim. Não imaginei que seria classificada, me surpreendi com o resultado.

Sempre fui realista quanto às minhas limitações, pois acreditando nas fragilidades existentes em minha formação escolar na educação básica e o fato de não ter frequentado uma escola regular, pensava estar em situação de menor conhecimento quanto aos outros que frequentaram regularmente a escola.

Entretanto, mesmo com meus pensamentos estatísticos (não estar entre os aprovados no vestibular) e convicções, estou aqui agora escrevendo a dissertação de minha pesquisa de mestrado. Apesar de muitas pessoas apontarem como ponto principal dessas conquistas o fator *inteligência* gostaria de deixar claro alguns pontos sensíveis.

¹² ENCEJA - O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) realiza exames que, além de diagnosticar a educação básica brasileira, possibilitam meios para certificar saberes adquiridos, tanto em ambientes escolares quanto extraescolares. O Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA) é um desses exames.

Em primeiro lugar foi preciso criar um distanciamento do meu mundo anterior. Para isso Freire (2002) nos diz em sua obra *Pedagogia do Oprimido*.

Ao me distanciar do mundo constituído na subjetividade, surpreendo-me com o mundo da objetividade. Nessa linha de entendimento, reflexão e mundo, subjetividade e objetividade não se separaram: Opõem-se, implicando-se dialeticamente. (FREIRE, 2002, p. 20)

Em segundo lugar, descobri que ingressar por meio do vestibular era menos exigente do que o esforço para permanecer e concluir o curso, pois não foi fácil conciliar as obrigações acadêmicas com o trabalho e as demandas domésticas.

Acompanhar a minha formação em um curso noturno, trabalhando oito horas por dia, cuidando de Artur (meu filho) que nesta época tinha apenas 07 anos, enfrentando reviravoltas na vida pessoal e problemas psicossomáticos, tudo isso era muito cansativo.

Por causa de toda essa demanda, desenvolvi crises de ansiedade e sentia que não tinha *tempo*. Mesmo diante de tantas dificuldades, nada abalava minha vontade de continuar e persistia com consciência de minha autonomia, compreendendo que eu era a responsável por meu percurso. Segui em frente, na busca do *Ser Mais*, Freire (2010) em sua obra *Pedagogia da Autonomia* nos fala de um amadurecimento do ser para *Si*, e assim vir a *Ser* vejamos:

Autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitosas da liberdade (FREIRE, 2010, p. 107).

O início da graduação não foi fácil. Tive muitos desafios e obstáculos para travar e superar como dito anteriormente. Como sempre tive curiosidade pelos processos que envolviam assuntos que abordassem a psicologia, a filosofia e a política, pois sempre gostei das disciplinas que me fazem pensar. Ainda muito pequena, na primeira infância, tinha o hábito de leitura, o gosto pela poesia e a música. A curiosidade sempre foi e é para mim um combustível inacabável.

Chegava a ser algo inusitado para alguns, pois nunca havia sido estimulada pelos meus pais, e que me recorde também não na escola. A escola para mim, durante o período em que cursei, trazia a seguinte sensação: de que eu era um sujeito, como objeto, que deveria ser dócil e passiva aos conteúdos que os professores me passavam de maneira imponente.

Hoje abraço a ideia de Freire (2002), que nos fala que “o conhecimento propriamente dito, pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito, em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade, demanda uma busca constante, implica em invenção e reinvenção” (FREIRE, 2002, p, 29).

Já na graduação, deixei de atuar na área administrativa, e decidi dedicar-me aos estudos. A cooperação entre meu companheiro e eu, existente e forte, culminou nessa decisão de que deveria dedicar-me à graduação e posteriormente tentar atuar na docência. Até então não enxergava a professora embutida, escondida que se fez em mim. Porém, não foi um caminho fácil de seguir, procurei por algumas vezes inserção na área da pesquisa, no entanto, sem sucesso, o que fez aflorar certa tristeza e desestimular algumas convicções, como exemplo, pensar que as oportunidades não se apresentam igualitárias para todos, que não basta apenas vontade em aprender, mas sim ter *know how*¹³ para pesquisar.

Passei por cinco seleções de bolsa para iniciação científica e não consegui inserção. Apenas algum tempo depois, sem intenção ou busca, recebi um convite inusitado e inesperado para atuar em uma pesquisa de extensão, intitulada: *Alternativas para Melhor Qualidade à Formação Cidadã na Educação Básica*, que aconteceria exatamente na Escola Freinet.

Tal experiência encaminhou-me ao momento de agora. O professor que me fez o convite, Flavio Boleiz Junior¹⁴, confidenciou-me depois, que me fez o convite, pois se sentiu desafiado a tentar mudar minha visão tão tradicional sobre a educação.

A imersão no projeto de extensão, desconstruiu muitas certezas ideológicas que estavam enraizadas na minha construção de vida e pelo meu conhecimento de senso comum.

Esse foi o fio condutor que fez chegar a esse momento o “agora”, é preciso muita coragem para mudar o pensar, a vida, a profissão. Coragem para abraçar a docência fazer a diferença, sobre isso também falará a minha pesquisa, sobre mudar, sobre poder fazer, poder ser, poder aprender ou reaprender.

Desde que ingressei no mestrado venho aprendendo constantemente tive sorte na chegada, pela acolhida amorosa, do meu orientador, do grupo de pesquisa Sertânia, pois nunca dissocie a importância da afetividade para a aprendizagem e até nas prosas mais simplórias me observo a aprender. Sinto a possibilidade de aprendizado diante da atitude e do comportamento do meu orientador, de meus colegas, do contexto em que estou inserida.

¹³ Know-how é um termo em inglês que significa “saber como” ou “saber fazer”. Refere-se ao conjunto de conhecimentos técnicos e práticos (fórmulas, tecnologias, técnicas, procedimentos, etc.) referentes à determinada atividade. Esse é um termo muito utilizado no universo corporativo, podendo ser aplicado ao profissional ou à empresa.

¹⁴ Professor do Departamento de Fundamentos e Políticas da Educação, da UFRN, ministrando a disciplina Fundamentos Sociais, Históricos, Filosóficos e Antropológicos da Educação. Coordenador do Curso de Pedagogia à Distância (2016 a 2019). Tem Licenciatura em Pedagogia - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Mestrado e Doutorado em Educação - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Área de pesquisa: Fundamentos da educação, Políticas educacionais, Pedagogia ativa, Educação popular, Educação à distância.

Em nossa vida afetiva os conhecimentos se constroem a partir das relações que estabelecemos uns com os outros e são essas relações que irão contribuir para a nossa constituição de pessoa. A qualidade dessas relações, estabelecidas com o mundo, nos permite contextualizar como educador e educando e demonstrar a partir do retorno desta interrelação uma construção simultânea que acontece partindo não só de um processo cognitivo, mas também afetivo. Neste sentido Wallon assevera que:

O eu e o outro constituem-se, então, simultaneamente, a partir, de um processo gradual de diferenciação, oposição e complementaridade recíproca. Compreendidos como um par antagônico, complementam-se pela própria oposição. De fato, o Outro faz-se atribuir tanta realidade íntima pela consciência como o Eu, e o Eu não parece comportar menos aparências externas que o Outro (WALLON, 1975, p.159)

Tão importante quanto os processos afetivos, são os processos de comunicação, pois as relações do homem com o mundo se apresentam através de relações de aprendizagens.

A obra *Extensão e Comunicação* nos traz o entendimento de que “Conhecer é tarefa de sujeitos e não de objetos e é como sujeito, e somente como sujeito que o homem pode realmente conhecer” (FREIRE 2017, p. 29).

Tenho a certeza de estar em processo de aprendizagem para me apropriar do aprendido e assim me transformar, para transformar o outro. Eis o caminho percorrido até agora, a busca pela educação, que se transformou em ciência, que se transformou em pesquisa, desafiando as tradições. E, esse trabalho se constituiu em caminho de aprendizagem e resultado de transformação e não de repetição e ele me despertou para que me percebesse em travessia.

Refletindo sobre essas três dimensões: pessoal, profissional e acadêmica, que construíram o meu objeto de estudo, percebi que é preciso dialogar muitas vezes com o próprio eu, percorrendo as distantes lembranças, apesar de muitas vezes não serem felizes ou de grandes realizações e de me causar em alguns momentos até mesmo a dor de me perceber em uma vida difícil, em determinados momentos até miserável.

No entanto, essa provocação nos faz fortes, vivos e perseverantes. Precisamos entender que para descobrir quem somos precisamos viver, voltar, chegar, organizar, desorganizar e até reorganizar, pois essa é a condição que nos faz humanos.

Todo o movimento de reflexão sobre as três dimensões apresentadas nesse texto, me indicam que efetivamente a noção de que história de vida e de pesquisa não se separam.

Assim minha história de vida profissional pessoal e acadêmica se materializa nesse processo de pesquisa e de escrita da dissertação, que tem como objeto de estudo: Práticas e concepções política e social da Escola Freinet no processo educativo dos estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental.

Agora, compreendo que esse objeto foi construído e nasceu do estranhamento e da continuidade dos processos de comunicação mediados pela linguagem e mediatizados pelo mundo. Processos que afirmavam em mim uma vontade de *Ser Mais*, ao mesmo tempo em que me fez entender que somos inacabados, incompletos e inconclusos.

Foi na abertura de nossa consciência intencionada ao nosso objeto, que nos constituímos e compreendemos o que precisava ser estudado. Vejo a pesquisa como dialógica e dinâmica e se dispôs de uma forma inesperada, depois de uma constante busca, procuro agora *Estar Sendo*.

A pesquisa nasceu principalmente da intenção em mostrar que a mudança de pensamento e a inquietação para uma nova construção se implica na liberdade que eu tenho de pensar criticamente sobre a vida, as escolhas e o que quero realizar como pessoa, pesquisadora e profissional da educação. Fazer ciência é o olhar sobre aquilo que ninguém ainda olhou, pois, a pesquisa emerge da curiosidade e do desejo de ordenar algo que despertou o seu interesse.

1.2 Caminhos percorridos na pesquisa

Tomar como objeto de estudo práticas e concepções políticas e sociais da Escola Freinet no processo educativo dos estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental no recorte temporal de 2018 a 2019, implicou em percorrer caminhos desconhecidos que geraram em mim um sentimento de que ao caminhar estava sendo produzida e engolida, ao mesmo tempo, pois os rebatimentos desse processo davam-me a sensação de que eu era arremessada para fora de mim, como se estivesse sendo cuspidada por uma boca quente.

Vivenciando essas sensações no curso da pesquisa, se fez necessário buscar um método que nos possibilitasse estudar os aspectos do fenômeno objetivando uma aproximação do modo como ele se apresenta e não da forma que desejassemos que fosse. Foi baseando-se nessa concepção, que assumimos o materialismo histórico e dialético como nosso método.

Falar do método remete ao meu primeiro contato com a pesquisa no mestrado que se inicia com a participação no Grupo de Pesquisa Sertânia¹⁵. O que proporcionou uma mudança de posicionamento quanto à forma de conceber e realizar a pesquisa.

Através do que aprendi e das reflexões que fiz ainda na graduação pelos processos estudados no componente curricular Seminário de Pesquisa IV, conheci um pouco sobre os métodos para realizar a pesquisa. Naquele contexto compreendi que pensar analiticamente

¹⁵ Estudos Sertanianos para Pesquisadores em Educação: Estudos sertanianos para pesquisadores em educação surge, como uma continuidade do trabalho desenvolvido em 2016, por meio do projeto de extensão *Raízes filosóficas que nutrem Sertânia* acerca da concepção de Sertânia, como matriz educacional.

sobre o método enquanto um paradigma do ocidente, é aceitar que o consagra a uma neutralidade científica e a separação entre sujeito e objeto.

Partimos da premissa de que o método que escolhemos, o materialismo histórico e dialético, é um fenômeno que objetiva uma aproximação do modo como o objeto se apresenta e não como o idealizamos.

Entendemos que os fenômenos de fato acontecem de forma concreta, histórica e dialética, ou seja, a realidade existe independentemente das ideias que trazemos. Mas é também preciso entender que apesar da realidade objetiva existir ela se relaciona dialeticamente com nossa subjetividade.

Sabemos que a concepção materialista se funda na maneira humana de produção histórica e social da existência. A escolha desse método se deu principalmente por estarmos buscando entender como as práticas políticas e sociais da Escola Freinet educam os sujeitos para o exercício social e político em sua vida cotidiana.

O fato, portanto, é o seguinte: indivíduos determinados, que como produtores atuam de modo também determinado e assim estabelecem entre si relações sociais e políticas determinadas. Esse fato corrobora com a premissa de que ao utilizarmos o materialismo histórico e dialético não podemos deixar de buscar responder algumas questões: como aqueles indivíduos vivem? O que comem? Como são? De onde vem? Os processos sociológicos: Como se organizam? E, por fim, os processos gnosiológicos, focando na busca por entender: como se socializam e como aprendem em qualquer uma dessas situações é preciso compreender que está ali implícita uma realidade que existe independentemente das minhas ideias enquanto pesquisadora.

Na visão de Kosik (1978, p. 42), “a realidade traduz-se num todo estruturado e dialético, no qual se compreende o concreto construído na articulação entre os fatos e os conceitos”, portanto:

Precisamente porque a realidade é um todo estruturado que se desenvolve e se produz, o conhecimento dos fatos, ou do conjunto de acontecimentos da realidade, vem a ser o lugar que ocupam na totalidade desta realidade [...] se a realidade – no pensamento dialético – é um conhecimento da realidade, consiste não na adição sistemática de uns fatos a outros e de uns conceitos a outros senão num processo de concreção, que precede do todo às partes e das partes ao todo (KOSIK, 1976, p. 16).

As concepções básicas que orientam esse estudo têm o objetivo de se aproximar do real, por meio de uma concepção materialista histórica, que conforme nos sugere Kosik (1978), lhe antecede essa relação entre o todo e as partes e as partes ao todo.

Assim, vinculamos nosso método a uma concepção da realidade de mundo e vida no seu conjunto. Este constitui-se em uma espécie de mediação no processo de aprender, revelar e expor a estruturação o desenvolvimento e transformações dos fenômenos sociais.

Essa imersão na compreensão do materialismo histórico e dialético, me permitiu aprender que efetivamente não devemos separar sujeito de objeto.

De acordo com Freire (2002) existe uma consciência, mesmo que não vejamos a sua intencionalidade que está dentro de todos que se permitem enxergar e apreender. Vejamos.

A consciência da intencionalidade da consciência não se esgota na racionalidade. A consciência do mundo que implica a consciência de mim no mundo, com ele e com os outros, implica também a nossa capacidade de perceber o mundo, de compreendê-lo, não se reduz a uma experiência racionalista. É como uma totalidade – razão, sentimentos, emoções, desejos - que meu corpo consciente do mundo e de mim capta o mundo a que se intenciona (FREIRE, 2006a, p. 75-76).

Nesse sentido aprendi que o estudo não envolve apenas um movimento de construir dados, informações, ler e escrever. Mas pouco a pouco, fui aprendendo que estudar implica em um desejo de saber mais, se estender, englobando a própria realidade existencial de todos os sujeitos envolvidos e suas expressões, suas ideias, suas ações.

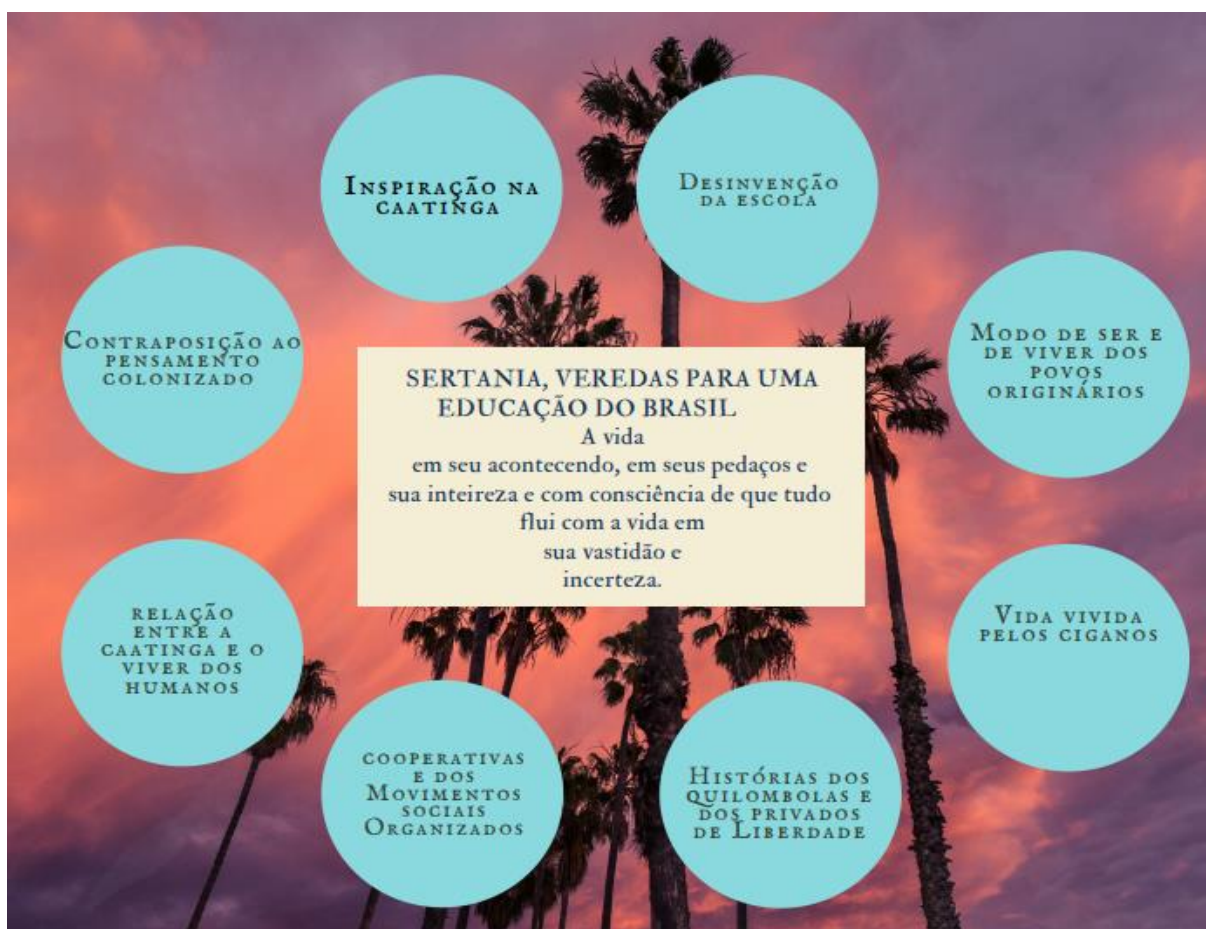
Estudar é ter uma atitude curiosa e de indagação para que o fruto dessas atitudes não se perca. Adentrando no grupo de pesquisa ao qual faço parte, iniciando nos estudos que nos propõem a abertura do pensar daqui de onde vivemos sigo o caminhar.

Sertânia, enquanto uma abordagem que me aproxima do objeto, consciente de que sou onde estou e estou onde sou, me torna consciente que não abduco do princípio de que quem realiza a pesquisa sou eu.

Assim, é Sertânia como abordagem, ou seja, enquanto aproximação do objeto, me possibilita a compreensão de que sou eu que tateio, observo, experimento e busco apreender as múltiplas determinações do que tomei para estudar.

Sertânia me orientou a desobedecer às atitudes burocráticas, formalistas e instrumentais do pesquisador, assim como me fez em todo o estudo assumir práticas simples e compreender que a minha história de vida não se separa dos processos de pesquisa que vivenciei construindo essa dissertação. Vejamos uma representação do que compreendemos dessa abordagem:

Figura 3 - Matriz de Sertânia



Fonte: Fonte: acervo da autora – Elaborado pela pesquisadora (2020)

Entendi que a inspiração do grupo Sertânia e Educação vem da desinvenção da escola, que se nutre no modo de ser e de viver daqui, do *Ser Tão* do Brasil. O Sertão que nos faz *Ser Mais* pela vastidão, como um processo que educa, do pensamento de desconstrução da matriz ideológica do colonizador europeu, que se enraíza na tríade do branco, burguês e masculino.

Diante dessas concepções é preciso que antes de tentarmos analisar ou responder a qualquer questão que sinaliza a natureza do processo dialético é preciso que antes possamos responder qual a concepção que temos da nossa realidade social.

Como caminho para desvelar aspectos do objeto de estudo, adoto também a matriz conceitual da pesquisa de natureza qualitativa. Vejamos o exemplo da matriz conceitual em pesquisa qualitativa por Ludke e André (1986).

Figura 4 - Matriz da Pesquisa Qualitativa em Educação



Fonte: acervo da autora – elaborado pela pesquisadora, fundamentado em Ludke e André (1986).

Essa matriz também nutriu nossa caminhada no processo de estudo e busca por compreender os aspectos do nosso objeto de estudo. Trabalhamos essa perspectiva de pesquisa qualitativa iniciando com a observação dos sujeitos e das práticas desenvolvidas em seu cotidiano diário. Visando ultrapassar a mera aplicação de instrumentos e técnicas e descortinar uma realidade mais ampla na qual a educação está inserida.

Nesse sentido, a Escola Freinet e as práticas desenvolvidas nessa escola vem sendo como um laboratório de pesquisa para mim, desde a graduação. E para que melhor compreendesse as atividades e processos que aconteciam dentro de seus espaços foi preciso mergulhar em seu mundo para entendê-los.

Após as observações tomei, como técnicas de pesquisa documental, a análise de documentos importantes para a constituição da Cooperativa de Trabalho dos Professores do RN, como o Estatuto de Constituição da Cooperativa, o Regimento Interno e o Projeto Político Pedagógico - PPP.

O próximo passo foi aplicar o questionário específico para identificar como se caracteriza o aluno da Escola Freinet. Esses alunos são sujeitos da pesquisa nas dimensões, sociais, políticas e da aprendizagem.

Em seguida houve a realização de entrevistas compreensivas com os educadores. De acordo com Kaufmann (2013, p. 79), “O objetivo da entrevista compreensiva é quebrar essa hierarquia, o tom que se deve buscar é muito mais próximo de uma conversa entre indivíduos iguais”. Nosso último passo na busca da construção de dados e informações foi realizarmos o grupo focal junto com os alunos.

A técnica de grupo focal situa-se no campo da pesquisa qualitativa e se constitui em uma técnica de construção de informações, dados e análise dos mesmos, que, por meio da interação grupal, propicia uma ampla problematização sobre um determinado tema com a finalidade de compreender fenômenos e processos do campo social.

Morgan (1997) define grupos focais como uma técnica de pesquisa que constrói dados por meio das interações grupais ao se discutir um tópico especial sugerido pelo pesquisador.

Como técnica, ocupa uma posição intermediária entre a observação e as entrevistas em profundidade. Pode ser caracterizada também como um recurso para compreender o processo de construção das percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos (VEIGA; GONDIM, 2001).

Essa técnica, no âmbito da educação, tem-se constituído relevante no estudo de várias temáticas e abordagens inerentes a trabalhos em grupo. Ela propicia ainda trocas intersubjetivas, uma vez que provoca o diálogo significativo entre os participantes, levando-os a externar posicionamentos afins e contraditórios, aproximações e divergências de ideias sobre determinado assunto. É, por excelência, uma técnica de interações grupais que possibilita a exteriorização de percepções, sentimentos, sentidos e representações sociais a respeito de determinadas temáticas subjetivas (GATTI, 2005).

Nesse sentido, a realização de um grupo focal, justifica-se nesta pesquisa, tanto por situar-se no âmbito das abordagens qualitativas (sendo cada vez mais empregada no campo da pesquisa social), quanto por representar uma perspectiva dialética, propiciada por sua capacidade interativa e problematizadora. Vejamos:

O grupo focal permite fazer emergir uma multiplicidade de pontos de vista e processos emocionais, pelo próprio contexto de interação criado, permitindo a captação de significados que, com outros meios, poderiam ser difíceis de manifestar (MORGAN; KRUEGER, 1993, p. 21. *apud* GATTI, 2005, p. 9).

Em sua essência essa técnica visa a interação entre os participantes e o pesquisador, a

partir da discussão focada em tópicos específicos e diretivos. Tem caráter interpretativo em vez de descritivo. Para além da construção de dados e informações o grupo focal se constitui foro que facilita expressão das características.

Figura 5 - Operacionalização do grupo focal



Fonte: Fonte: acervo da autora – elaborado pela pesquisadora, fundamentado em MORGAN; KRUEGER, (1993)

Conforme se observa no quadro acima, a realização do grupo focal implica em uma operação complexa. Inicialmente foram socializadas questões relacionadas aos aspectos práticos, pedagógicos, políticos e sociais que estão presentes na Escola Freinet. Logo após foi realizada a leitura do termo de anuência para a participação dos alunos e da escola na pesquisa e a subsequente entrega da declaração de sigilo ético-científico, ambos relacionados aos aspectos éticos vinculados ao estudo e ao processo interativo (ver Apêndice E).

Foi solicitada ainda a assinatura do termo de consentimento esclarecido, que autoriza a análise e a publicação dos resultados, e o preenchimento do formulário de caracterização/perfil dos alunos que participaram do grupo focal. (ver Apêndice F) Também foram dadas as orientações acerca da dinâmica de discussão, duração, condução e papel da pesquisadora.

Percebi que os alunos que participaram do grupo focal, não tiveram dificuldade alguma em participar das conversas motivadas pelas perguntas norteadoras. O grupo focal se constituiu em uma proposição muito rica, porém complexa de vivenciar pois são vários sujeitos num mesmo espaço, onde são apresentadas algumas questões para eles discutirem.

Esse momento inter cruzado exige muito do pesquisador além de muitas variáveis envolvidas na realização do grupo focal, tais como: garantir uma boa gravação e não perder, no meu caso, a atenção dos adolescentes, evitar a dispersão do grupo, trazendo-os para o foco, atentar para outras questões importantes suscitadas na discussão e não previstas inicialmente, dentre outros elementos.

Esse conjunto de procedimentos e cuidados foi possível, porque contei com a colaboração de uma pesquisadora do Grupo Sertânia e Educação. Trata-se de Raquel Marinho, que junto comigo, participou desse momento da pesquisa. Enquanto eu seguia com a reunião ela realizava o registro por meio da filmagem.

Na operacionalização dessa técnica, utilizei uma matriz referencial de análise com questões orientadoras para o debate. Participo da discussão intervindo, quando necessário, para retomar o foco temático, elucidar os pontos que não tenham ficado claro para os alunos ou fazer fluir a discussão entre os participantes, sem dar opiniões particulares, respeitando o princípio da não diretividade, conforme recomenda Gatti (2005).

Serviram ainda de suporte outras orientações consideradas relevantes, tais como: a quantidade de participantes, de modo a não haver riscos de limitar a participação, a socialização de ideias e o aprofundamento dos temas abordados; o tempo máximo de duração do encontro; os equipamentos necessários para os registros; e a elaboração do roteiro para guiar, de forma flexível, as intervenções dos entrevistados.

O grupo focal foi cuidadosamente planejado de forma a proporcionar a interação entre os participantes e facilitar a gravação em vídeo/áudio. Participaram dessa atividade 19 alunos. A reunião foi realizada na própria escola, na sala do 1º ano do Ensino Médio cujas mesas são dispostas em círculo, favorecendo a aproximação e a interlocução, o que criou um ambiente propício e deixou todos bem confortáveis e atentos às orientações e às questões propostas. O encontro teve duração de três horas, iniciando às 09h da manhã e encerrando às 12h.

Realizado o processo de coleta dos dados, deu-se início à transcrição das falas dos sujeitos participantes, observando-se um cuidadoso tratamento das informações resultantes dos relatos das interlocuções do grupo focal. Essa etapa configura-se em fase preparatória para a análise dos dados.

Na sequência, efetivou-se a fase de análise dos dados. Nesta abordagem, a análise e a interpretação são construídas de maneira iterativa, sendo, paulatinamente, elucidada a lógica da situação estudada. Os conceitos e opiniões são construídos a partir do exame e reexame das unidades de sentido e das inter-relações entre as unidades e as categorias emergentes.

Tal modalidade de análise qualitativa é estabelecida em um movimento simultâneo de desenvolvimento analítico e de verificação. Constitui-se num vaivém de reflexão, observação e interpretação ao longo do processo.

Em tal circunstância, o pesquisador prende-se às nuances de sentido que emergem entre as unidades de análise, unindo os elos lógicos entre as categorias analíticas que as reúnem. Outro aspecto relevante nessa opção analítica é o fato de que os conteúdos tendem a ser valorizados à medida que são interpretados, levando-se em consideração o contexto social e histórico sob o qual foram produzidos (MAROY, 1997).

Para Bogdan (1994), a análise de dados em pesquisa qualitativa refere-se, sobretudo, ao conjunto de práticas comprometidas com a perspectiva de compreender o mundo de modo crítico. Tal perspectiva teórico-metodológica manifesta-se já no projeto inicial de investigação da realidade. Por sua vez, a fase da construção dos dados, impreterivelmente, deverá aliar-se às fases de constituição do problema, às de análise e às possíveis elaborações de descobertas e proposições temporariamente conclusivas.

Por fim, vejo a escrita do método e das estratégias de construção dos dados e informações, como um caleidoscópio que é uma das imagens que sugere a multiplicidade de travessias promovidas pelas palavras. Nele, o que é visto se multiplica e se transforma a cada olhar. São fragmentos que, devido ao movimento no suporte e ao jeito de olhar, tornam possíveis as composições observadas.

São imagens que, móveis, refletem e modificam a si mesmas, construindo outras imagens, trazendo novos significados. Com as palavras acontece algo parecido: também podem ser caleidoscópicas, pois, ao se encontrarem e serem refletidas em um jogo de sentidos, produzem várias combinações, cessando as buscas e estando diante do que eu procurava me deparo com a pesquisa acontecendo. Através desse acontecimento, compreendo meu objeto, me entrelaço, me encontro e me implico sabendo da responsabilidade de escrever não para mim, mas para o mundo.

2 COOPERATIVISMO E EDUCAÇÃO BRASILEIRA

2.1 Cooperativa de Trabalho de Professores do Rio Grande do Norte – COOPERN

No segundo capítulo dessa dissertação, buscamos descrever e elucidar o processo de construção do objeto de estudo e como ele se materializa em uma escola que surgiu como uma atividade da Cooperativa de Trabalho de Professores do Rio Grande do Norte – COOPERN, Esse novo capítulo, agrega elementos relacionados à constituição da cooperativa e a aproximação desse processo de constituição junto aos aspectos históricos do movimento cooperativista em seu surgimento inicial.

Evidenciaremos de forma breve, sua organização, valores e princípios, os principais fundamentos do cooperativismo, os motivos para a criação da Escola Freinet de Natal, a escolha de seu patrono Celestin Freinet e as concepções teórico-metodológicas que orientam as práticas política e social no decorrer dos dias desta escola.

Esperamos que através deste movimento de conhecimento possamos compreender as razões e os motivos que fizeram com que o coletivo de profissionais da educação de nível superior natalense, desse início a esse empreendimento e em seguida ao movimento da criação da Escola Freinet de Natal.

A fim de compreender como esses elementos estão relacionados, ficou evidente durante a pesquisa que é necessário entender a gênese¹⁶ da Cooperativa de Trabalho de Professores do Rio Grande do Norte – COOPERN, para compreender a Escola Cooperativa Freinet de Natal e suas representações. Abarcar com profundidade em sua singularidade e entender como as práticas que ocorrem em seu interior educam os estudantes para se implicar conscientemente nas relações políticas e sociais do mundo em que vivem.

A esse respeito, os relatos e documentos pesquisados nos comprovam que tudo começou com uma ideia¹⁷, produzida por uma pessoa, compartilhada por um grupo, que cooperando e pensando junto deu forma e importância, fazendo com que essa ideia virasse realidade.

Corroborando com essa ideia inicial, os envolvidos deram início à Cooperativa de Trabalho de Professores do Rio Grande do Norte, ao perceberem no contexto de nossa capital

¹⁶ A palavra *gênese* quando usada para o sentido figurado, pode fazer referência a um conjunto de fatos ou elementos que contribuíram para produzir uma coisa. Veja o exemplo: *A gênese de uma obra de arte*

¹⁷ A palavra ideia é usado em duas acepções: como sinônimo de conceito ou, num sentido mais lato, como expressão que traz implícita uma presença de intencionalidade. A palavra deriva do grego *idea* ou *eidea*, cuja raiz etimológica é *eidos* – imagem.

a necessidade de mudança educacional, ou seja, uma nova alternativa para suprir o então defasado ensino público e o inacessível ensino privado às famílias mais desfavorecidas financeiramente de nossa capital.

Em face desta constatação, acreditamos que esse foi o grande pensamento que surgiu nas pessoas que estiveram envolvidas na criação da cooperativa, encontrar uma alternativa nova para o meio educacional que pudesse favorecer as classes mais populares e que também chamasse a atenção do público mais favorecido financeiramente trazendo um ânimo novo ao meio educacional.

Assim, concretiza-se a ideia de criação da cooperativa. O coletivo de profissionais da educação de nível superior natalense com o apoio da professora Djanira Brasilino de Souza¹⁸, tomados pelo desejo de alcançar seu objetivo, iniciaram o processo de fundação da COOPERN em 08 de junho de 1996.

Podemos descrever como incubadora da cooperativa o momento em que as reuniões vinham acontecendo para elaboração e execução deste projeto, ou seja, era o momento em que a ideia estava sendo fomentada. A criação da cooperativa de trabalho dos professores foi um ato político e filosófico, e todo ato filosófico possui uma dimensão política e uma proposta educativa. Essa dimensão política é o que irá respaldar um conceito educacional no contexto de determinadas relações sociais.

Percebemos o quanto as ideias dos precursores da criação da cooperativa tinham a preocupação de buscar ações educativas conscientes e responsáveis dentro das relações sociais e porque não dizer com perspectivas políticas e filosóficas. Dentre as propostas apresentadas pelo coletivo inicial podemos ver em resumo, nos debruçando no que seria um dos objetivos principais da COOPERN, a nítida intenção da busca de novas propostas educacionais. Vejamos como descrito em seu Estatuto Social aprovado em assembleia na data de 08 de julho de 1996,

A COOPERN como base, na colaboração recíproca a que se obrigam seus cooperados, o objetivo social de prestação de serviços, na área da educação do Ensino Fundamental, Ensino médio, Ensino Superior, Educação de Jovens e Adultos, Cursos Técnicos e de Capacitação, Especialização, Mestrado e Doutorado, Instrutória e consultoria a cooperativas e empresas públicas e privadas. (ESTATUTO SOCIAL DA COOPERN, 1996, p. 02)

É fundamental deixar registrado que a reflexão acerca dos dados e entrevistas coletadas, do princípio ao fim desta pesquisa, trazem a constatação da presença marcante de duas categorias metodológicas fundantes que me parecem presentes e enraizadas na constituição das

¹⁸ Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN - pioneira do Movimento de Educadores Freinet do Rio Grande do Norte - é uma referência nessa área de estudo e atuação. (falecida no ano de 2002).

falas de cooperados e ex cooperados que participaram do momento inicial da cooperativa, seriam essas categorias a *Educação pelo Trabalho de Celestin Freinet* e a *Educação como Prática da Liberdade de Paulo Freire*.

Nesse sentido, entender essas duas categorias, portanto, é fundamental para compreender a complexidade dos fenômenos que aconteceram.

Partindo da premissa das metodologias de Freinet e de Freire, podemos perceber que a ideia da criação da cooperativa foi uma ideia voltada para a educação cooperativa ou educação pelo trabalho e de educação popular.

Tendo em vista as suas especificidades, esses dois teóricos, como educadores populares que dialogam, trazem para a realidade alternativas diferentes quando comparamos as práticas educacionais tradicionais.

Assim, podemos averiguar no ensaio *Freinet e Freire: Educadores populares que dialogam* de Boleiz (2010), duas situações em que esses teóricos dialogam perfeitamente, que são quanto ao pensamento e criação de uma realidade possível, diferente da educação tradicional. Vejamos:

Vale a pena citar duas situações muito interessantes que envolvem Freinet e Freire. A primeira diz respeito ao método. Um e o outro insistiam, quando perguntados sobre o método, que não desejavam ser copiados, mas, reinterpretados e recriados. A segunda é que certa vez, Paulo Freire disse em uma entrevista sobre a educação libertadora: Eu venho fazendo com os adultos o que Freinet fez com as crianças (BOLEIZ, p.39, 2010).

Portanto, observamos que uma das motivações para a criação da cooperativa foi a quebra de paradigmas, algo que não é fácil, uma vez que somos vítimas de um sistema que cada vez mais se opõe a educação democrática, de auto-gestão, isto é, voltada para a liberdade que priorize essencialmente a formação da consciência cidadã.

Mais adiante ao nosso tear da constituição da cooperativa, buscamos demonstrar as dimensões existentes que fomentaram as ideias desse grupo ao pensar, idealizar e concretizar uma entidade cooperada.

Para isso, precisamos detalhar sua organização, começamos pela forma de como o sistema cooperativo ao qual a COOPERN está filiada, se constituiu em nosso estado. Esta organização está dividida da seguinte forma:

O sistema de Organizações de Cooperativas do Brasil - OCB é a entidade cooperativa organizadora em âmbito nacional, da qual o Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo - SESCOOP/RN, entidade pertencente ao *Sistema S*, faz parte e é a entidade a qual a COOPERN está filiada. A cooperativa dos professores, portanto, se desenvolve como um braço da SESCOOP/RN na busca em oferecer processos educativos como cursos, oficinas entre

outras coisas.

Em síntese, podemos dizer que o *Sistema S* é o termo que define o conjunto de organizações das entidades corporativas voltadas para o treinamento profissional, assistência social, consultoria, pesquisa e assistência técnica, que além de terem seu nome iniciado com a letra S, têm raízes comuns e características organizacionais similares.

Fazem parte do Sistema S: Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - SENAI; Serviço Social do Comércio - SESC; Serviço Social da Indústria - SESI e Serviço Nacional de Aprendizagem do Comércio - SENAC. Existem ainda os seguintes: Serviço Nacional de Aprendizagem Rural - SENAR; Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (SESCOOP e Serviço Social de Transporte - SEST. Veja abaixo o quadro demonstrativo.

Figura 6 – Descritivo das entidades relacionadas ao Sistema S

SIGLA	ENTIDADE
SENAI	SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL
SESI	SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA
SENAC	SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM DO COMÉRCIO
SESC	SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
SENAR	SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM RURAL
SEST	SERVIÇO SOCIAL DE TRANSPORTE
SESCOOP	SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM DO COOPERATIVISMO

Fonte: Agência Senado (2018)

Como podemos visualizar a COOPERN está filiada a SESCOOP-RN, que por sua vez é filiada a OCB. De acordo com a OCB, não existe cooperativismo sem o compartilhamento de ideias. Ser cooperativista é acreditar que ninguém perde quando todo mundo ganha, é buscar benefícios próprios enquanto contribui para o todo, é se basear em valores de solidariedade, responsabilidade, democracia e igualdade.

2.2 Princípios do Cooperativismo

Em seguida, buscamos expor os princípios do cooperativismo, na busca por expor a forma como se constitui uma cooperativa, seus valores e princípios, esse movimento se dá para que possamos entender o porquê desse grupo de professores trilharem em busca dos mesmos interesses.

De acordo com a história do surgimento do cooperativismo, seu principal fundamento é o progresso social da cooperação e do auxílio mútuo. Vejamos o que nos diz a história sobre o

cooperativismo e como esse movimento evoluiu de forma progressiva no espaço de tempo entre o seu surgimento e os dias atuais.

Os dados demonstram que a primeira cooperativa que se tem notícia teve início em 1844, na cidade de Rochdale¹⁹, no distrito de Manchester, interior da Inglaterra. A cooperativa surgiu pela necessidade de um grupo de 28 trabalhadores (27 homens e 1 mulher) que enxergaram o associativismo como forma de contornar, por meio da compra e venda comum de mercadorias, os efeitos perversos do capitalismo sobre a condição econômica dos trabalhadores assalariados.

Assim, o cooperativismo evoluiu e conquistou espaço próprio, definido por uma nova forma de pensar o homem, o trabalho e o desenvolvimento social.

Nesse sentido, o grande feito de Rochdale foi ter criado um estatuto social que estabelecia objetivos mais amplos e que definia normas iguais e democráticas para a constituição, manutenção e expansão de uma cooperativa de trabalhadores.

Porém, apesar de apresentar-se como uma solução para os momentos de crise sociais e econômicas, de acordo com Marx (1866), não deve ser entendido como uma atividade de terceira via para a organização social ou um sistema econômico que possa vir a ter prática semelhante ao capitalismo ou ao socialismo, mas sim como uma atividade de busca. Vejamos em síntese:

O cooperativismo não pode ser considerado uma terceira via de organização social, um sistema econômico possível de viabilidade prática semelhante ao capitalismo ou ao socialismo, mas deve ser entendido como uma atividade que busca mediante ação coletiva dos cooperados meios materiais para a valorização das pessoas e não do capital. Sua realização pode se efetivar tanto em uma sociedade capitalista quanto numa sociedade socialista (MARX, 1866, p. 80).

Nesse sentido, outro aspecto importante é que no Brasil a cultura da cooperação é observada desde a época da colonização portuguesa, estimulada por funcionários públicos, militares, profissionais liberais, operários e imigrantes europeus. Oficialmente, esse movimento teve início em 1889, no estado de Minas Gerais, com a fundação da Cooperativa Econômica dos Funcionários Públicos de Ouro Preto, cujo foco era o consumo de produtos agrícolas.

Podemos então dizer que o cooperativismo ocorre como consequência de uma necessidade humana e da consciência de poder resolver problemas com o objetivo de trazer benefícios aos que cooperam. Para que ocorra o cooperativismo, portanto, é necessário que se apresentem condições objetiva e subjetiva. A condição objetiva é a situação vivenciada geradora

¹⁹ Rochdale é uma cidade no Noroeste da Inglaterra, possui uma população de 95.796 habitantes. É a principal cidade do distrito metropolitano de Rochdale, em Manchester.

de problemas; a condição subjetiva é a tomada de consciência de que os problemas são comuns e de que, com a união, é possível superá-los, proporcionando vantagens para todos.

Segundo as Organizações de Cooperativas do Brasil – OCB, o Brasil possui 6,6 mil cooperativas, distribuídas nos treze ramos existentes. Elas possuem mais de 13,2 milhões de associados e geram 376 mil empregos formais. As cooperativas contribuem de forma fundamental para o desenvolvimento econômico do Brasil, sendo uma das atividades econômicas que mais cresce no país. Provas deste crescimento estão demonstradas no relatório de atividades da OCB (2018). Entre as cooperativas e suas modalidades está a cooperativa educacional.

Em resumo, a OCB é a entidade que congrega todas as cooperativas brasileiras, de todos os ramos e representa formal e politicamente o sistema nacional. Pode-se dizer que integra todos os ramos de atividade do setor e mantém serviços de assistência, orientação geral e outros de interesse do sistema cooperativo.

Além disso, fixa as diretrizes políticas do sistema cooperativo, mantém cadastro das sociedades cooperativas de qualquer grau e objeto social. Promove, acompanha e faz cumprir a autogestão das entidades constituintes do sistema cooperativo, integra e classifica as cooperativas por ramo de atividade, incentiva a produção de conhecimentos aplicados ao desenvolvimento funcional e organizacional das cooperativas, promove a divulgação do cooperativismo e a defesa judicial e extrajudicial dos direitos individuais homogêneos, coletivos e interesses difusos do sistema cooperativo.

Assim, a OCB também exerce a representação sindical patronal das cooperativas, assumindo todas as prerrogativas de Confederação Patronal, indica representantes para cargos em órgãos públicos ou privados, nacionais ou internacionais, estabelece parâmetros e arrecada a contribuição cooperativista e mantém relações de integração e intercâmbio entre os ramos e órgãos cooperativistas do País e do exterior.

Dessa forma, após conhecer sua história, características e organização conseguimos organizar o pensamento quanto à constituição da Cooperativa de Trabalho de Professores do Rio Grande do Norte, entendendo suas singularidades. Sabemos agora que a COOPERN é uma cooperativa educacional que nasceu para oferecer serviços educacionais, com base na colaboração recíproca a que se implicam seus cooperados.

Mais adiante, apresentaremos como se deu a iniciativa da escola cooperativa no Brasil, uma vez que estaremos a mergulhar em uma nova etapa da pesquisa, ainda neste capítulo, entrando agora no mundo da constituição da Escola Freinet de Natal, uma atividade que surgiu da COOPERN.

2.3 A escola cooperativa no Brasil

Conforme apresentamos o cooperativismo, sua trajetória histórica do *processo cooperativo*, estamos constatando que tais processos e modalidades, principalmente a cooperativa educacional, se constituem em uma proposição política, educativa e social para fazer florescer uma educação em que a instituição e as famílias possam assumir cooperativamente a educação das novas gerações.

Nesse sentido, fomos em busca de compreender o início dos movimentos cooperativos educacionais e o surgimento das escolas cooperativas no Brasil. Constatamos que as escolas cooperativas não são uma novidade para o meio educacional.

A primeira escola cooperativa no Brasil surgiu no final dos anos 1940, sendo organizada por professores de antigas escolas técnicas de comércio, públicas e privadas de Belo Horizonte, no estado de Minas Gerais. Inaugurada em março de 1948, com a denominação de Escolas Reunidas Cooperativa Limitada, passou depois a chamar-se Cooperativa de Trabalho Educacional Ltda (Cotel), sendo considerada a mais antiga do Brasil e da América Latina (GOMES, 2006).

Porém a legislação que rege esse tipo de instituição só foi criada no ano de 1971. Nos dias atuais, a pesquisa revelou que em alguns estados pioneiros desse seguimento, como o Rio Grande do Sul, a atuação de cooperativas escolares é bastante salutar, ao passo que o assunto *cooperativismo* está em pauta na assembleia legislativa do estado para se tornar disciplina permanente para os jovens do ensino médio. Segundo Gomes (2007), em outro estado da mesma Região Sul, no Paraná, vão mais além, trazem a proposta de implantar cooperativas de escolas na rede estadual de ensino.

A época de efervescência de criação da modalidade escola cooperativa no Brasil, coincidiu com o período de anseio por mudanças políticas e sociais não apenas em nosso campo educacional, mas em toda a sociedade de nosso país, ansiando por práticas de gestão democrática que refletisse diretamente nos processos educativos.

Assim, o debate em torno da gestão democrática na educação, suas ideias e propostas emergiram em torno do movimento pela democratização da educação brasileira, a partir dos anos 80, relacionando-o aos movimentos mais amplos de redemocratização do país e aos movimentos reivindicatórios de participação.

Esses movimentos foram iniciados à margem das instituições do Estado, no final dos anos de 1970 e início dos anos de 1980, e demonstraram resistência ao modelo instituído pelo golpe militar de 1964.

O modelo estabelecido na área da educação mostrava o excessivo grau de centralidade administrativa; a rigidez hierárquica de papéis nos sistemas de ensino; o superdimensionamento de estruturas centrais e intermediárias, com o conseqüente enfraquecimento da autonomia da escola como unidade de ponta do sistema; a separação entre planejamento e execução das atividades educacionais e a exclusão dos agentes das atividades educacionais dos processos decisórios.

Nesse sentido, constatamos que as décadas de 1980 e 1990, foram importantes, não apenas pelas grandes crises e recessões econômicas, mas, principalmente pelas mudanças trazidas pelo marco histórico de sua nova organização.

Na medida em que as condições históricas de superação do regime militar aconteceram, em meados dos anos 80, o debate entre a perspectiva conservadora na área da administração educacional e a perspectiva crítica progressista foi se ampliando. Nesse período se elegeu a temática da democratização da educação e a sua gestão democrática como eixo fundamental das ações políticas das diversas entidades que constituíram o Fórum Nacional em Defesa da Escola Pública, lançado oficialmente em Brasília, em 9 de abril de 1987, por meio da Campanha Nacional pela Escola Pública e Gratuita.

Nesse sentido, Paro (2002) afirma que se buscava na educação, por meio de sua gestão, uma proposta de construção da escola democrática para a construção da sociedade democrática envolvendo a participação dos setores mais amplos, como pais, moradores, movimentos populares e sindicais.

O princípio da gestão democrática do ensino público foi contemplado no artigo 206, inciso VI, do texto constitucional de 1988, com vistas a atender ao anseio dos movimentos que reivindicavam a democratização da educação.

A proposição pautava-se pela defesa da participação colegiada da sociedade civil através dos conselhos.

Referindo-se a esse marco histórico e pensando nesses momentos importantes, refletindo sobre os processos de democratização da educação, vejamos o que nos diz Barbosa Júnior e Domingos Sobrinho (2014) quando falam sobre esse momento:

A constituição Federal de 1988 é o documento que traduz, bem os anseios de redemocratização do Brasil após a ditadura militar, e a relação de forças que levou sua promulgação. Para uns trata-se de uma constituição ainda limitada do ponto de vista dos avanços democráticos, para outros era a constituição possível a ser construída naquele momento histórico (BARBOSA JUNIOR; DOMINGOS SOBRINHO, 2014, p. 234).

Sendo assim, concluímos que nesse período o país viveu fases de ricas discussões políticas que repercutiram pela aprovação da atual Constituição Federal e chegada de propostas de mudanças para as políticas públicas. Uma delas foi a da educação, que teve constituída a sua nova Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/96)²⁰.

Voltando-nos aos processos de gestão democrática que refletem diretamente nos processos educativos podemos classificar como escolas cooperativas aquelas instituições formadas a partir das iniciativas de grupos da sociedade, compostos por pais, professores e pessoas interessadas.

A diferença deste tipo de escola para as cooperativas de ensino, no entanto, está no fato de que a organização possui um caráter aberto à comunidade, na qual qualquer cidadão pode se tornar um associado e usufruir seus benefícios, ou seja, o produto final da organização que é a educação.

A dificuldade de localização e conceituação específica desta modalidade de escola foi sentida também por Gomes (2001):

Comumente conhecida e divulgada como cooperativa educacional, e às vezes confundida com o próprio ramo do qual é elemento constitutivo, a escola cooperativa brasileira, em alguns casos, apresenta-se como um imbróglio que tem dificultado, para a sociedade e até mesmo para os seus empreendedores, a real compreensão do seu processo de criação e de funcionamento. (GOMES, 2001, p.152).

Prossegue ainda o autor, buscando mostrar que esta indefinição significa um ônus para a imagem desta escola que, apesar de ter sido de iniciativa de parte da classe média brasileira, parece à primeira vista oportunista, quando de fato é fruto das condições históricas de reorganização política e social do país.

Em outras palavras, a história desse tipo de cooperativa educacional tem convivido com tantos equívocos, inclusive problemas administrativos e financeiros que, ao invés do fenômeno de criação de escolas cooperativas no Brasil obter o apoio político popular, no sentido de realmente ser uma alternativa educacional, consegue muito mais angariar críticas contundentes e manifestações de não-aceitação, que o tempo de vida de tantas tem sido bastante meteórico (GOMES, 2001, p.152).

No caso da Escola Cooperativa Freinet, essa situação de tempo de vida meteórico

²⁰ Ressalta-se que a LDB n° 9.394/96 não disciplina ou faz qualquer referência específica a essa nova modalidade de escola privada, compreendendo-se, dessa forma, que já está enquadrada no que estabelecem o inciso II do Artigo 19 e inciso I do Artigo 20, portanto, esteja no corpo da referida lei para amparar legalmente Escola Cooperativa, que vinha sendo bastante divulgada e apresentada como alternativa escolar a população Brasileira.

citada pelo autor, não se concretiza, haja vista que a escola continua atuante em um período de tempo considerável que ultrapassa 20 anos. No entanto, se enquadra nas outras colocações, com problemas administrativos financeiros e dificuldades de aceitação de sua modalidade por parte de muitos que procuram a escola.

Essa modalidade, que apareceu recentemente, difundiu-se em nosso estado e nas grandes capitais do país. Ela difere, também, das escolas cooperativas que surgiram no Estado do Paraná como parcerias com o ensino público, que eram gratuitas para o povo e tinham micro-gestão privada.

Apesar, portanto, do fato de todas as cooperativas vinculadas à área da educação serem legalmente vistas como *cooperativas educacionais*, percebe-se claramente que estas diferentes instituições possuem enfoques distintos, mas que somente observando a prática de cada uma é possível perceber.

A própria lei que rege as cooperativas educacionais²¹, então, acaba por incluir na mesma categoria instituições de ordenamentos diferentes. Enquanto a cooperativa de ensino possui como princípio ordenador a economia e o trabalho (funcionando como uma cooperativa de trabalho) e as cooperativas de alunos a produção e o consumo, a escola cooperativa tem como princípio ordenador as leis educacionais, deixando como fator secundário os aspectos econômicos.

Assim, as escolas cooperativas, por sua composição e filosofia de organização, diferem-se de todas as outras. Do ponto de vista de Gomes (2001, p.152) embora esteja referindo-se a uma abrangência maior de tipos de escolas, alguns fatores concorrem para que ocorram esses equívocos:

- O fato de a população brasileira não ser chamada a participar do processo de reorganização política e social do país;
- De não existir uma definição ou conceituação prática do que seja uma escola cooperativa;
- A própria OCB não apresentar uma definição concreta que possa subsidiar os projetos de escola cooperativa que são pensados e criados por muitos grupos no Brasil.

Atualmente, a escola cooperativa ainda tem que se enquadrar de acordo com a Nova

²¹ LEI Nº 5.764, DE 16 DE DEZEMBRO DE 1971. Define a Política Nacional de *Cooperativismo*, institui o regime jurídico das sociedades *cooperativas*, e dá outras providências.

LDB, Lei n. 9394/96, artigo 20, inciso II, que regula as instituições privadas de ensino. Pela lei, entende-se por escolas comunitárias “as que são constituídas por grupos de pessoas físicas ou por uma ou mais pessoas jurídicas, inclusive cooperativas de professores e alunos, que incluam na sua entidade mantenedora representantes da comunidade” (SAVIANI, 1998, p.169)

Essa citação constitui o único vínculo que permite a entrada do cooperativismo enquanto filosofia e visão de mundo em qualquer escola, e que distingue de fato a escola cooperativa da qual estamos falando.

É importante observar que a Lei, persistindo na divisão do sistema educacional em público e privado, e incluindo esse tipo de escola na rede privada de ensino, compara com outras escolas das quais ela deveria se distanciar pelos seus aspectos filosóficos cria entraves burocráticos para que as diferenças e a inclinação à real cooperação se instale.

Nessa perspectiva, a escola cooperativa torna-se uma alternativa, apesar de se enquadrar em escola, uma opção organizacional dos pais para garantir a educação de seus filhos, dentro de suas possibilidades. Por todos esses fatores, a escola cooperativa constitui um outro espaço, com características próprias, que lhe confere um lugar diferenciado na rede de ensino.

Este lugar que essa escola vem ocupando parece estar associado a uma vaga gerada pelas políticas públicas de educação e suas possibilidades. Na verdade, esse movimento da criação de escolas cooperativas no início da década de 90, procuram trazer uma garantia para os filhos dos menos favorecidos financeiramente, revelando-se um bem frente à crise que, naquela época, atingia também as escolas privadas e desmantelava a escola pública a caminho de uma visão mercantilista da educação, bastante deslocada dos reais problemas sociais.

Todas essas situações se refletem com a escola cooperativa, *locus* do objeto que pesquisamos nessa dissertação, pois tem sua origem na reação de um grupo. Em contraponto a educação pública do estado busca criar uma alternativa para educação, porém se situa como empresa privada se delegando assim ao chamado terceiro setor, o voluntariado, a possibilidade de gestão democrática e participação política (BRANDÃO, 1986, p.91).

Para existir, a escola cooperativa precisa se colocar sob duplo sistema de organizações. Ela necessita, ao mesmo tempo, existir no campo das cooperativas e no campo educacional. Precisa, para isto, se filiar à OCB, integrando o sistema cooperativista legalmente estabelecido (sob a regência da Lei n. 5764/71) e também obter junto ao Conselho Estadual de Educação a autorização para funcionar como instituição de ensino.

2.4 A escola cooperativa Freinet de Natal - RN

A escola Moderna não é nem uma capela nem um clube mais ou menos restrito, mas, na realidade uma via que nos conduzirá àquilo que, todos juntos, construiremos.

Célestin Freinet

Figura 7 – Escola Freinet no ano de sua fundação, em outubro de 1996.



Fonte: Acervo da escola (2007)

*Eis aqui uma escola bonita, com cores fortes onde pulsa a vida.
Nesta escola a educação acontece criando as condições como prática da liberdade.*

Referindo-nos ao marco da constituição da Escola Freinet de Natal, sabemos que reconstituir a história da criação da Cooperativa de Trabalho de Professores do Rio Grande do Norte era uma necessidade para a nossa dissertação. Não poderíamos iniciar nossa investigação sobre a Escola Freinet, sem conhecer suas raízes mais profundas, sua relação com o movimento da escola cooperativa em nosso país.

Efetivamente, a Escola Freinet foi o local de partida do meu desejo de pesquisar. Tinha em mim uma vontade imensa de mergulhar nesse mundo de aprendizagens e descobertas desde

quando recebi o convite para ser bolsista de extensão na Escola Freinet, referenciado anteriormente no capítulo em que descrevemos a construção do objeto de estudo.

De fato, no decorrer desses anos de estudo (2015 a 2019) entre a extensão e estágio, trabalho de conclusão de curso e mestrado, entre a pesquisa e a aprendizagem constante, no decorrer da vida acadêmica, sempre observei e constatei que o que de melhor essa escola pode oferecer à educação é a *sua essência*.

Mas adiante, quando entrei na Escola Freinet pela primeira vez, as sensações e percepções imediatas me induziram a pensar que, do modo como estavam a realizar as suas práticas pedagógicas, tudo naquela escola estava errado, e que ali, nada daria certo.

Tomada por essa sensação, percebi-me confusa, pois havia aprendido sobre um fazer pedagógico diferente, o fazer tradicional, e mais uma vez pensei: que a forma como estava a acontecer as aulas, os momentos de intervalo e até as discussões, não dariam resultado.

Diante disso pensei: Tudo aqui está misturado, como um grande embrulho, que se aperta e se afrouxa. Os professores precisam de coragem ... a escola precisa de coragem. Ao mesmo tempo lembrei-me de Riobaldo em *Grande Sertão: Veredas*, quando ele diz que:

O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem. O que Deus quer é ver a gente aprendendo a ser capaz de ficar alegre a mais, no meio da alegria, e ainda mais alegre ainda no meio da tristeza! A vida inventa! A gente principia as coisas, no não saber por que, e desde aí perde o poder de continuação porque a vida é mutirão de todos, por todos remexida e temperada. O mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas, mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. Viver é muito perigoso; e não é não. “A gente quer passar um rio a nado, e passa: mas vai dar na outra banda é um ponto muito mais em baixo, bem diverso do em que primeiro se pensou.” (ROSA, 2006, p.82)

Percebia o que Riobaldo sentiu, na obra *Grande Sertão: Veredas*, que como um facho de luz, me iluminou em alguns momentos da pesquisa. Riobaldo, nesse momento em especial, me possibilitou compreender que o caminho pode ser confuso, cheio de sensações às vezes inesperadas, mas que o mais importante é que o que a vida quer da gente é coragem. E foi orientada por esse mote, essa coragem, que continuei a escutar e observar as práticas, dando molde ao nosso objeto de estudo: as práticas e concepções política e social da Escola Freinet, no processo educativo dos estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental.

Sabemos que a Escola Freinet foi a primeira ação concreta da COOPERN, tendo sido criada em 30 de outubro de 1996, impulsionada por uma proposta de parceria feita pela direção do Educandário Oswaldo Cruz, instituição filantrópica de assistência a crianças e adolescentes de classe desfavorecida economicamente. Vejamos a imagem da época de sua fundação.

Figura 8 - Imagem da placa de Fundação da Escola Freinet



Fonte: acervo da pesquisadora (2019)

Dessa forma, podemos dizer que o Educandário Oswaldo Cruz é uma instituição de ensino, situada no bairro do Tirol, em Natal. Planejado pelo Dr. Varela Santiago²², pouco depois da construção do prédio do Hospital Infantil do Instituto de Proteção e Assistência à Infância, tendo em vista a educação de filhos de leprosos pobres.

O edifício começou a ser construído em 1939, com o apoio da população local e do governo federal, e foi inaugurado em 1º de maio de 1942, vejamos a imagem abaixo do Educandário Oswaldo Cruz nos anos de 1970.

É impossível dissertar sobre essa escola sem falar do Educandário Oswaldo Cruz, pois uma permanece na outra em sua essência. O educandário era um local que se agrupava e se acolhia as crianças, não doentes, mas de famílias de pais que se encontravam doentes, como já descrito como classe desfavorecida economicamente. Então, nesse local podiam encontrar toda

²² Manoel VARELA SANTIAGO Sobrinho: Médico, educador e filantropo Nasceu em 28 de abril de 1885, no engenho Boa Vista, em Touros, RN. De família de agropecuaristas, fez o curso primário em sua própria residência e o curso de humanidades no Atheneu Norte-riograndense, em Natal. Iniciou o curso universitário na Faculdade de Medicina da Bahia, onde cursou até o quarto ano. Depois, se transferiu para a Faculdade Nacional de Medicina, no Rio de Janeiro, então capital da república, concluindo o curso em 1910, quando apresentou a tese *Estudo Clínico das Paralisias Consequentes à Sfilis Cerebral*. Recém formado, viajou para a França, onde se especializou em Pediatria. De volta à Natal, abriu uma das salas de sua residência, na rua Conceição, no centro, para atendimentos gratuitos às crianças carentes. Divulgador da *idéia social e humanitária* do Dr. Arthur Moncorvo Filho, fundador do Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Rio de Janeiro, Dr. Varela Santiago utilizava-se do jornal A República para difundir os ideários médico-higienistas através de práticas filantrópicas. Em 12 de outubro de 1917, fundou o Instituto de Proteção à Infância do Rio Grande do Norte (IPAI-RN), com a finalidade de prestar assistência médico-social gratuita à infância desamparada, sem qualquer discriminação de credo político ou religioso, ou qualquer preconceito de raça ou de cor.

uma estrutura de quartos, de espaços de acolhimento, podendo assim dizer que o educandário é uma instituição filantrópica.

Figura 9 - Imagem do Educandário Oswaldo Cruz, antes de sediar a Escola Freinet.



Fonte: Acervo da Tribuna do Norte (2017)

De certa forma, muitas pessoas estavam envolvidas nessa proposta, de criação de uma escola que tivesse a identidade da cooperativa de trabalho de professores. Entre eles, professores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como a Professora Djanira Brasilino de Souza, pioneira do Movimento de Educadores Freinet do Rio Grande do Norte. Ela é uma referência nessa área de estudo e atuação e comprometida com a criação da COOPERN, como citamos anteriormente.

Importante lembrar que a trajetória dos freinetianos no Rio Grande do Norte inicia-se com o retorno da professora Djanira ao Brasil e à UFRN, quando voltou do curso de doutoramento na Universidade de Paris VIII. Em 1984, os seus alunos no Mestrado em Educação e no curso de Pedagogia, através de seminários, deparavam-se com a pedagogia Freinet.

Do contato na universidade para a prática nas escolas onde trabalhavam foi uma consequência natural. Plantava-se a semente, que por volta de 1988, começara a germinar através de um grupo de docentes da UFRN que passou a coordenar experiências em escolas públicas de Natal, contando com o auxílio direto dos alunos de graduação dos cursos de formação docente.

Figura 10 - Imagem da Escola Freinet, em 1996 seu ano de fundação.



Fonte: Acervo da Escola (1996)

É a partir dessas reflexões que os sócios da COOPERN resolvem priorizar, num primeiro momento, dentre tantas linhas de ações possíveis numa Cooperativa, a implantação da Escola Freinet de Natal, que teve seu início no dia 30 de outubro de 1996 e cuja escolha do nome deve-se prioritariamente às seguintes razões: está integrada a uma Cooperativa de Professores, ter sido criada no mês de outubro de 1996, ano centenário do professor Célestin Freinet, que defende o cooperativismo, e é idealizador da Cooperativa de Ensino Leigo (CEL).

De certa forma podemos explicar não apenas pelos argumentos acima o porquê do educador Célestin Freinet ser escolhido como patrono, mas também por proporcionar através dos seus métodos e técnicas o princípio da cooperação, a educação pelo trabalho e uma pedagogia do bom senso.

A pedagogia do bom senso exemplifica que a educação não é uma fórmula de escola, mas um tipo de obra de vida. “Transformar tecnicamente a escola da saliva e da explicação em um inteligente e flexível canteiro de obras, eis a tarefa urgente dos educadores.” (FREINET, 2004, p.110).

O caminho norteador para criação da escola deve-se a possibilidade de configurar-se uma instituição diferente dos ensinamentos tradicionais, cuja pedagogia pudesse revolucionar o ensino.

Podemos observar essa constatação aos termos acesso ao PPP, quando descreve o objetivo maior da escola. Vejamos:

Assim, a Escola Freinet de Natal tem como *objetivo maior* contribuir para a organização de uma sociedade mais democrática, portanto mais justa e, assim sendo, preocupa-se com a formação de um homem mais livre das amarras do poder dominante, ou seja, que saiba quais são os seus direitos perante a sociedade, assim como saiba cumprir os deveres que lhe são inerentes como cidadão, o que caracteriza um homem mais livre mais autônomo e mais responsável ao tomar decisões e, portanto mais apto a contribuir na transformação da sociedade. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA FREINET DE NATAL, 2014, p.4).

Assim, para que a escola passe de ideia à concretude dos educadores, foi criada uma estrutura administrativa de cooperativa, com seus cargos eletivos, seu estatuto e por fim um corpo de trabalho composta por presidente, vice-presidente, conselho fiscal e administrativo. Em seguida, foram eleitas as pessoas que iriam compor a estrutura administrativa da escola, com gerente administrativo, gerente pedagógico, secretário, psicólogo escolar e professores.

A Escola iniciou suas atividades com poucas turmas, tendo salas de aula de Educação Infantil e de Ensino Fundamental. Esse número foi crescendo com o passar dos anos com a chegada de alunos.

É preciso deixar registrado que a Escola Freinet de Natal, apresenta quatro características que a diferencia das demais escolas públicas e privadas do Estado do Rio Grande do Norte.

Em primeiro lugar, ela é um empreendimento cooperativista e assim sendo, todas as suas funções administrativas e pedagógicas são assumidas pelos professores membros da Cooperativa, ou seja, seus cooperados.

Em segundo lugar, reúne na mesma sala de aula alunos de duas classes sociais bem distintas: crianças de classe social mais favorecida como filhos de professores universitários e crianças atendidas pela parceria firmada entre a Cooperativa de Professores e a Sociedade Eunice Weaver (entidade filantrópica que assiste a crianças menos favorecidas), como filhas de lavadeira, de empregada doméstica, entre outras.

A Sociedade Eunice Weaver, representada nesta parceria através do Educandário Oswaldo Cruz, participa como parceira da Escola Freinet de Natal cedendo o espaço físico necessário para implementação da estrutura das salas de aula e espaços administrativos, em contrapartida são atendidos 100 alunos do educandário na escola, com todos atendimentos usufruídos pelos alunos pagantes.

Devemos considerar, em terceiro lugar, como característica peculiar da escola, o desenvolver de uma pedagogia diferenciada dos ensinamentos tradicionais, que é a pedagogia Freinet, cujo centro do processo ensino-aprendizagem é o aluno, é com ele e para ele que o ensino acontece.

Por fim, para que essa pedagogia funcione a contento, o número máximo de alunos, em sala de aula, no Ensino Fundamental - Anos Iniciais (1º a 5º ano) é de 25 alunos; no Ensino Fundamental - Anos Finais (6º ao 9º ano) e no Ensino Médio (1º ao 3º ano), pode-se chegar a 30 alunos, em casos excepcionais, se as condições assim o permitirem.

A descrição da estrutura física do nosso campo de pesquisa se constitui de espaço arborizado, com muito espaço livre, de convivência e com a circulação constante de pessoas, plantas presentes em todo o ambiente, na tentativa de integrar natureza e estrutura física.

Suas salas são organizadas em grandes ateliês, onde são realizadas atividades por área de conhecimento. Estas, por sua vez, são compostas de disciplinas que geram possibilidades de trabalho, proporcionando aos alunos, se tornarem autores do seu próprio processo de aprendizagem.

Nestes ateliês existe uma mesa central, onde todos os alunos fazem suas discussões, organizam seu trabalho e o avaliam, para em seguida reiniciar todo o processo, procurando sempre o crescimento dos estudos em curso. Existe espaço aberto a ser explorado, para que as aulas aconteçam onde for decidido através dos planejamentos realizados pelos alunos. Vejamos a imagem do pátio da escola.

Figura 11 - Pátio da escola Freinet de Natal



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2018

A sala freinetiana, neste formato de um grande ateliê, equipado com ferramentas de trabalho educativo e temático, se assemelha a um laboratório de disciplinas, no qual os alunos poderão realizar seus estudos. O acesso às salas temáticas ocorrem de acordo com o dia e horário determinado quebrando a fronteira, entre as séries sem perder o vínculo com o grupo.

Cada grupo de alunos (alunos do 1º, 5º ou 6º, etc) dirigir-se-ão às salas temáticas onde terão suas aulas experimentais e estudos teóricos em cada área. Outros objetos que compõe o acervo das salas são livros de diversos autores. Havendo também um vasto acervo de paradidáticos, acesso à internet para pesquisa e comunicação, bem como material em dvd e cd de consulta.

Pensando nos processos metodológicos e voltando à essência da cooperativa, como já referido anteriormente. Esse caminho diferente do tradicional pode ser caracterizado pela práxis de Célestin Freinet e Paulo Freire.

Obviamente, que estamos falando de uma escola constituída nas bases do segmento Freinetiano, mas também, estamos falando de uma escola socializadora constituída com uma visão muito ampla de liberdade, em principal quando falamos no contexto político, que nos traz na pedagogia de Paulo Freire o sentido de uma prática educativa que só pode alcançar efetividade e eficácia na medida da participação livre e crítica dos alunos.

Essa prática se dá exatamente por acreditar na eficácia e participação dos alunos de forma livre e critica, preocupados e conscientes de que o sistema público escolar brasileiro é alicerçado em regras e determinações do poder legislativo e executivo e que este sistema usa a escola para direcionar os indivíduos versus os seus interesses, alienando-os da função de cidadãos, levantam questões que precisavam ser revistas e contestadas.

Nesse sentido Paulo Freire expressa que a escola deve ser um lugar de trabalho, de ensino, de aprendizagem. Um lugar em que a convivência permita estar continuamente se superando, porque a escola é o espaço privilegiado para pensar. Ele que sempre acreditou na capacidade criadora dos homens e mulheres, e pensando assim é que apresenta a escola como instância da sociedade.

Sendo assim, o grupo que estava criando a escola, compreendia que educar significava muito mais que apenas disciplinar o indivíduo e faze-lo se conformar com um modelo de sociedade e de escola numa estrutura social fundada na desigualdade social, de tal forma que o sistema de ensino se estrutura no sentido de formar para as necessidades do mercado e não as demandas das pessoas.

Pensando nisso, muitas perguntas e questionamentos foram surgindo para os membros

do grupo que estava concebendo e criando a escola Freinet, tais como: por que a escola pública se atrela a um livro texto único e obrigatório para todos, editado dentro dos propósitos do sistema político? Porque as aulas são monótonas – escutar o professor, ler sempre o mesmo livro, cada aluno na sequência estabelecida pelo professor? Por que os alunos são tratados como meros produtos gerados em laboratórios educacionais para suprirem o mercado capital?

A Escola Freinet de Natal, para a professora Djanira que estava entre as idealizadoras da escola, significava a implantação de algo novo e poderoso que daria muitos frutos para educação do nosso estado, vejamos pela fala da professora, em entrevista concedida ao Blog da Rádio FM Portal do Vale no ano de (2012).

Precisamos de uma escola que oriente o aluno para o exercício pleno de sua cidadania, concretizando as suas ações no dia a dia da sala de aula. Para tanto, se escolheu a Pedagogia Freinet - que tem em mira a formação de um homem consciente e responsável capaz de agir e interagir, com consciência e responsabilidade no meio onde está inserido. Uma Escola que não normatiza, não classifica, não anula o aluno pelo fracasso, mas que toma o fracasso como ponto de partida para o sucesso. Uma Escola que no seu sistema de avaliação integra: aluno - professor e pais. O tema da Escola Freinet é: Educação para o sucesso escolar". (DANTAS, 2012).

Nesse sentido, podemos enxergar explicitamente os motivos que levaram a criação da escola. Vejamos a fala do entrevistado 1.

A escola Freinet nasceu de uma ideia inovadora após a criação de uma cooperativa, que não tinha como objetivo fundar uma escola. Porém, em 1996 através da parceria com o educandário Oswaldo Cruz a escola surgiu. Nasceu para atender um público que era bolsista e o externo também, a escola nasceu dessa necessidade, então quando a professora Djanira chegou com o seu projeto de doutorado da Franca que era voltado para a pedagogia de Freinet, surgiu a caracterização pedagógica da escola que é o seu referencial (ENTREVISTADO 1)

Conforme sinalizamos e foi expresso pelo entrevistado 1, a Professora Djanira se constitui numa importante referência na criação da escola, uma vez que foi ela, com base em sua tese de doutorado, que orientou as pessoas no sentido de instituir uma escola inspirada nas proposições pedagógicas de Célestin Freinet.

No entanto, é importante evidenciar que as proposições de Djanira foram aceitas porque as ideias desse educador francês correspondiam às necessidades e percepções do grupo que estava criando a escola.

Para Célestin Freinet a escola é concebida como uma preparação para a vida, pelo fato de o aluno assumir as responsabilidades escolares como um trabalho que está inerente a todo aquele que nela está engajado em busca da formação de sua personalidade.

Assim sendo, a sua proposta pedagógica não se restringe a simples transmissão de conhecimentos, ultrapassa o estudar para a memorização dos conhecimentos prontos e acabados, esta proposta tem suas bases na reflexão, na ação, a participação, a ajuda mútua, a compreensão dos direitos e deveres, o respeito ao outro etc, são elementos integrantes da sua ação educativa.

O Projeto Político Pedagógico da Escola Freinet de Natal, como não poderia deixar de ser, refere-se inteiramente sobre a Pedagogia Freinet, seus princípios e técnicas. Porém, faz-se por bem lembrar que, um projeto pedagógico, por mais bem delineado que esteja por si só não protege a escola de possível fracasso, gargalos ou traz uma fórmula de perfeição. Seu sucesso depende da atuação de um grupo produtivo e cooperativo, consciente de seu compromisso com a educação, característica inerente a todos os professores que trabalham a Pedagogia Freinet como o próprio documento caracteriza:

Três observações se fazem pertinentes: a) O professor deve ter claro, em sua proposta de ensino, que toda atividade realizada em sala de aula deve ser endereçada àqueles que são os sujeitos, por excelência da aprendizagem, – os alunos - e para tanto, eles devem estar engajados tanto quanto o professor nessa proposta; b) Para maior segurança sobre o que se está estudando o professor deve recomendar aos alunos que afixem nos seus cadernos, tanto a lista de conteúdos determinada pelas exigências oficiais de ensino, como a organização prévia da programação que funcionará como guia à organização dos planos de trabalho, no decorrer do processo de ensino-aprendizagem, ao tempo que facilitará a retomada de algum tema não devidamente estudado. c) O professor não pode esquecer que uma bibliografia atualizada é indispensável a um bom planejamento. (PROJETO POLÍTICO PEDAGOGICO DA ESCOLA FREINET DE NATAL, 2014, p.16).

Além disso, percebemos ao examinar documentos e realizarmos entrevistas com educadores envolvidos no processo de criação da Escola, que outro fator contribuiu para criação da escola, foi o fato de que não existia uma escola moderna²³ na cidade de Natal/RN, e um dos pensamentos mais fortes foi a necessidade de criar uma escola diferente.

Para avançarmos nessa compreensão do processo de criação da escola vejamos o depoimento de uma das integrantes da Escola Freinet na época da Fundação e que acabou assumindo a direção da Escola por alguns anos.

A ideia da criação desse projeto foi por acreditar que poderia ser possível a criação de uma escola “diferenciada” A escola Freinet foi criada por professores que acreditavam em uma ideia em comum, e as pessoas que estavam lá buscavam colocar em prática um projeto sem a busca por retorno financeiro. Seria uma grande conquista para o meio educacional se outras pessoas pudessem ter a mesma curiosidade, vontade, iniciativa

²³ Escola Moderna, é como são chamadas as escolas que seguem a pedagogia Freinet.

de criar espaços como esse como alternativas vivas para a educação, não perfeita, mais possível. (ENTREVISTADO 2)

Apesar das palavras da entrevistada 2, estarem impregnadas de entusiasmo e amor pela causa da criação da escola, criada por um pensamento de escola ideal, temos muitas observações quanto a Escola Cooperativa, seja ela de forma generalizada ao quando falamos em especial do nosso campo empirico sobre seu caminhar e permanencia no meio educacional.

Nesse sentido, constatamos que uma Escola cooperativa é sobretudo um desafio para todos os envolvidos, difícil de gerir e de tornar permanente, quando se fala dos fins e dos meios, precisa-se falar dos interesses. A escola cooperativa, é um terreno ambíguo, conflitante, porque congrega diversos segmentos sociais.

Portanto, vários fins e interesses diferentes se entrechocam sob a bandeira da democracia, da participação e dos ideais cooperativistas, articulados de forma burocrática e arbitrária pelos estatutos e normas que regem as diferentes esferas de poder, competências e atribuições.

Tal constatação se aproxima da Escola Freinet de Natal, em especial, porque no ano de sua fundação, pareceu perfeitamente capaz de se manter no mercado educacional, tendo sucesso em suas atividades e o interesse constante de profissionais e estudiosos do meio nessa nova modalidade de ensino, bem como nas práticas ali desenvolvidas.

No entanto, no decorrer dos anos, a escola apesar de ainda manter-se viva no meio educacional, sente dificuldades constantes. Hoje há mais bolsistas que alunos pagos, mesmo sendo uma escola cooperativa, o que dificulta a manutenção da escola, pois é sabido que a escola depende das mensalidades dos alunos para se mantenha viva.

É perceptível quando chegamos na Escola Freinet, que esse grupo de pessoas forma uma grande família, com deveres e direitos iguais, participação conjunta, que usufrui dos bens adquiridos coletivamente, que de outra forma não seria possível.

Todavia, foi possível perceber durante as observações que os conflitos nestes ambientes assumem características muito sérias. Apesar desse ideal e de certa forma os grupos conseguirem trabalhar e efetivar a escola, tornando-a realidade, a administração escolar tem apresentado muitas dificuldades de relacionamento entre as partes e as pessoas, principalmente em relação ao processo decisório.

Percebemos por fim, que alguns dos grandes gargalos da Escola Freinet é a de lidar no coletivo com as dificuldades financeiras, com a diferença entre o número de alunos projetados e aqueles efetivamente matriculados, entre as condições físicas desejadas e aquelas que podem

ser adaptadas.

A partir dos discursos apresentados, percebemos o princípio marcante da criação da Escola Freinet, seu segmento progressista freinetiano, os pensamentos idealizados pela busca de alternativas para a educação.

Para continuarmos nossa jornada de aproximação das práticas e concepções política e social que acontecem nesta escola, no processo educativo dos estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental, vamos conhecer um pouco da jornada do patrono da escola, aquele que enche de entusiasmo os profissionais que fazem parte da escola, de forma marcante e permanente.

2.5 O patrono da escola: uma breve síntese sobre Célestin Freinet

Nossa jornada de aproximação com nosso objeto: as práticas e concepções política e social que acontecem no processo educativo dos estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental continua. Nessa perspectiva, entender a essência das práticas é fundamental para o nosso estudo. Para tanto, conheceremos o patrono da escola, idealizador de uma forma de ensinar revolucionária, através do trabalho da cooperação e do bom senso.

Patrono é um substantivo masculino, cujo significado é ser aquele que luta ou defende uma causa ou ideia. No caso específico de Freinet, escolhido como patrono da escola em que se situa nosso objeto de estudo, ele foi escolhido por ser uma pessoa que contribuiu de forma positiva para se ampliar e aprofundar as concepções e prática educativas.

Sobre a pedagogia de Freinet podemos afirmar que implicitamente ao pensar sua prática educativa, estava impregnado de preceitos políticos, pois podemos ver tais preceitos nas falas e descrições de todos os estudiosos e simpatizantes da pedagogia idealizada por ele.

Sobre a trajetória de Freinet, Boleiz (2012) recupera alguns momentos da vida do professor primário, quando fala sobre as relações existentes entre ele e seu país de origem, apontando que a França é um país que se constituiu como nação, apresentando como peculiaridade o centralismo e a constituição de uma organização territorial baseada nas pequenas propriedades produtivas.

Contudo, Boleiz fala ainda, que este mesmo centralismo perdura até hoje, e fez brotar em Freinet um sentimento contrário a tal forma de governo, uma vez que as

Céles [...] bases políticas da República Francesa, instaurada definitivamente em 1879, eram formadas pelos comerciantes, artesãos, profissionais liberais, funcionários públicos, pequenos e médios proprietários rurais, além de pequenos e médios empresários; constituintes da pequena e média burguesia. (BOLEIZ, 2012. p. 56).

Percebemos, portanto, que neste período, em várias áreas da vida francesa, tudo com real significado se estabelecia na capital Paris. Boleiz (2012) afirma que, não por acaso o sistema educativo também é altamente centralizado, seguindo uma hierarquia rígida e com determinações e diretrizes que se impõem a todo o país, até os mínimos detalhes, a partir da capital.

Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865), exerceu forte influência por sobre os sindicalistas franceses, aguça seu pensamento acerca da indústria, afirmando que não consegue ver nela nada mais do que a concentração e a soma dos trabalhadores da tradicional divisão do trabalho das oficinas artesanais, sem entender em profundidade as mudanças que aconteceram no trabalho e nas relações de propriedade. Como bem afirma Boleiz (2012, p. 60):

O sindicalismo na França sofre forte influência de suas ideias, impregnando por longo período, por exemplo, as lutas do sindicato dos professores, inclusive durante a época de Freinet — com a aversão pelos partidos políticos, o espírito libertário e um profundo anticentralismo. (BOLEIZ, 2012, p. 60)

Neste sentido podemos afirmar que toda essa discussão pode nos apontar o quanto Célestin Freinet foi influenciada pela política de seu tempo.

Ao buscar sua história, desde o seu nascimento, fomos em busca de construir o caminho. Freinet nasceu em 15 de outubro de 1896, nos Alpes Marítimos (sudoeste da França), em Gars, e viveu na aldeia com a natureza e a sua liberdade até os 13 anos de idade, era considerado um pequeno burguês, pois seus pais eram donos de suas próprias terras.

O período escolar vivido por Célestin Freinet foi marcado pelos seus rígidos métodos. Pouco se sabe sobre o período escolar dele, pois a escola não o marcou nem bem, nem mal.

A escola não me marcou nem para o bem nem para o mal. Já que decerto ela não podia marcar-me para o bem, alegro-me que não me tenha marcado para o mal, que tenha sido neutra, que tenha passado como algo anônimo por meus dias de criança, como água que escorre sobre a argila ressecada (FREINET, 1978, p. 8).

A discussão acerca da trajetória escolar de Freinet tem importância para que possamos entender as marcas constituídas que geralmente são construídas na idade escolar. Marcas que podem influenciar o pensamento e a aprendizagem a ponto de idealizarmos um tipo de educação a qual gostaríamos de ter tido. Essa marca ou pensamento constituído é algo presente nas falas dos alunos da escola Freinet, *A escola que eles querem Ter*.

Entretanto ao ler as obras de Freinet, como *Educação Pelo Trabalho* ou *Pedagógica do Bom Senso*, constata-se que para Freinet, foi a vivência com os camponeses o que o marcou e ensinou muito mais do que suas experiências escolares, e suas raízes rurais o levaram a lutar pelas classes menos favorecidas.

Aos 13 anos, Freinet foi admitido no primário superior – curso suplementar – em Grasse, após 3 anos ingressou na Escola de Formação de Professores de Nice, onde passou 2 anos e recebeu influência do ensino da época (ensino este contra o qual Freinet, posteriormente, se rebelou). Porém, ao ser convocado para o serviço militar na 1ª Guerra Mundial, seus estudos foram interrompidos, e sua experiência em uma guerra tão cruel e violenta foi determinante para ele buscar uma educação diferente e inovadora.

Em 1920, Célestin Freinet foi nomeado professor adjunto de uma escola primária na zona rural, onde iniciou suas primeiras experiências pedagógicas. Vale destacar que a sala de aula em que lecionou pela primeira vez era uma sala tradicional nas escolas oficiais, com as carteiras enfileiradas e o professor como centro. No entanto, ferido no pulmão por gases tóxicos durante o período do serviço militar, Freinet tinha pouco fôlego e não conseguia falar muito nas aulas.

Segundo Elias (2001), as complicações respiratórias causadas pela ação dos gases tóxicos que atingiram Freinet na 1ª Guerra Mundial, além de sua insatisfação com o ensino tradicional, fizeram com que ele buscasse outra forma de dar aula, outra pedagogia para conseguir seguir na profissão que tanto amava.

Ao pensar nas crianças, Freinet sentiu que precisava de um caminho diferente já que, muitas vezes, pensava que as crianças não o escutavam e não compreendiam. Ele não queria precisar chamar a atenção dos alunos o tempo todo, pois sabia que seria um esforço inútil dentro de uma sala, entre quatro paredes.

Então, começou a pesquisar para melhorar suas condições de trabalho, bem como sua eficácia. Logo adotou o Livro de notas – que substituiu o diário de classe – e passou a registrar todos os dias o que ouvia dos alunos, o que falava a eles, as observações e tudo mais que o ajudasse a conhecer melhor a personalidade de cada criança.

Pode-se observar que através da atitude de registrar a prática cotidiana, Freinet transformava o estudo em paixão, isto é, fez da sua observação e registro uma fonte para a partir dela refletir e construir caminhos que possibilitaram educar as crianças.

Mas como nem tudo é perfeição, e tudo tem sua parcela de dificuldade, Freinet percebeu logo seus grandes gargalos, para conciliar as exigências dos programas, o rigor dos horários e a inquietação das crianças nas atividades em que lhes eram exigidas que ficassem parados. Percebeu que as crianças não se interessavam pelas aulas ministradas, mas sim pela vida fora da escola, por aquilo que acontecia na natureza, nas ruas.

De acordo com Elias (2001), Freinet objetivava melhorar as condições de trabalho na escola, refletir e propor uma escola democrática. Quando descobriu a imprensa escolar²⁴ para a escola, ao invés de monopolizar sua ideia, ele a dividiu com seus colegas. Então, fundou uma cooperativa com circulares, boletins e textos infantis.

É necessário destacar que Freinet criticava a mera transmissão de um conhecimento já produzido, também defendia a construção de conhecimentos pelos sujeitos envolvidos. Podemos ver nessa crítica uma aproximação com as ideias de Paulo Freire, quando enfatiza a necessidade de respeito ao conhecimento que o aluno traz para a escola, visto ser ele um sujeito social e histórico, e da compreensão de que educar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destreza.

Já Freinet em um de seus livros mais publicados *Educação do Trabalho* nos mostra sua preocupação em procurar prender a atenção de seus alunos numa escola diferente da tradicional na busca de fazê-los gostar da escola, apreender as lições de uma forma diferente, não no sentido de transferir conhecimento para aqueles alunos, mas no sentido de ensiná-los para a vida.

Continuando a trajetória, no ano de 1926, Celestin Freinet casou-se com uma artista plástica, Élise Lagier-Bruno (1898-1983), que passou a ser sua principal colaboradora por toda sua vida, e juntos, organizaram a Cooperativa do Ensino Leigo – CEL para publicar as produções das crianças. A oposição entre a escola ativa e a escola tradicional começou a se intensificar, agravou-se e, conseqüentemente, a campanha contra Freinet foi submetida a inquérito pedagógico e todos os textos impressos pelas crianças foram examinados.

Em junho de 1933, Freinet foi banido do ensino público, mas em 1935 ele inaugurou a primeira escola proletária particular em Vence, a Escola Freinet (inaugurada em 1º de outubro de 1935). Durante a 2ª Guerra Mundial, Freinet foi preso no Campo de Concentração de Var na França. Mesmo preso, ele não desistiu: passou a lecionar para seus companheiros de prisão e escreveu dois livros *A Educação do Trabalho* e *Ensaio da Psicologia Sensível aplicada à Educação*.

Sua esposa Elise, lutou para que ele fosse libertado e conseguiu. Ao sair da prisão, se aliou ao Movimento de Resistência Francesa. Nos anos 1950, a Pedagogia Freinet ganhou forças e se espalhou por todo o mundo. Muitos professores ficaram tentados a praticar essa nova proposta, mas tinham muitas dúvidas em como começar, como dar o primeiro passo.

²⁴ A imprensa escolar foi desenvolvida por Freinet com o objetivo de divulgar e socializar os trabalhos infantis. Essa atividade pode ser usada desde as séries iniciais tendo como base os textos livres escritos pelas crianças a partir de atividades como a entrevista e a aula-passeio.

Por isso, ele organizou uma série de princípios que chamou de invariantes pedagógicas. Ele queria, assim, estabelecer uma nova gama de valores escolares.

Freinet percebeu que somente a transmissão de conselhos técnicos corria o risco de ser insuficiente, se estes não fossem acompanhados de instruções mais exatas. Por isso, ele organizou uma série de princípios que chamou de Invariantes Pedagógicas. Ele queria, assim, estabelecer uma nova gama de valores escolares, numa busca da verdade, que deveria ser feita à luz da experiência e do bom-senso. (SAMPAIO, 2007, p.80)

Assim são as 30 invariantes pedagógicas que definem os princípios básicos para que o professor tenha uma postura pedagógica que desenvolva o trabalho, o respeito, a cooperação e a relação de confiança em todo o grupo.

Após seu efetivo trabalho com uma educação de qualidade e respeito, Célestin Freinet faleceu em Vence, em sua própria escola, em 8 de outubro de 1966. Sua esposa, Elise deu continuidade à sua obra, escrevendo e trabalhando em prol do projeto que mantinham juntos. Em 1983, Elise faleceu, deixando a missão de continuar o trabalho idealizado por Freinet à sua filha, Madaleine.

Eis aqui de modo breve uma noção sobre o patrono da escola onde localiza-se nosso objeto de estudo. Para encerrar este tópico, vamos recorrer a uma compreensão do próprio Freinet:

Eu sei que deve aprovar o que há de bom não apenas demolir. Na escola deve-se conservar ordem, disciplina, autoridade e dignidade, mas a ordem que resulta de uma melhor organização do trabalho, a disciplina que se torna solução natural de uma cooperação ativa no seio da sociedade escolar, a autoridade moral primeiro, técnica e humana depois, que não se consegue com ameaças ou castigos, mas por um domínio que leva ao respeito; a dignidade do educador que não se pode conceber sem o respeito total, pela dignidade das crianças que ele quer preparar para a função de homens. (FREINET, 1986, p. 45)

Em seu tempo, Freinet entendia por tradicional, uma escola que tem por objetivo principal de seu fazer, o conhecimento científico e que para tanto lança mão de uma atuação do professor de forma excessivamente expositiva, explicativa, onde os alunos ocupam o papel de receptores do saber.

É necessário salientar que a escola, que hoje intitulamos como tradicional, já não corresponde à descrição feita por Freinet uma vez que a escola é produto do meio social, e nesse sentido mudanças significativas foram implementadas. Apesar de saber que alguns preceitos apontados ainda não foram superados, como o excesso de explicações pelo professor, e uma preocupação também exagerada quanto ao currículo oficial.

Freinet sempre teve um olhar que ampliava a escola como algo para a vida. Ou seja, por mais que a escola tradicional tenha sofrido mutações no decorrer do tempo sua essência

continua tradicional. Para Freinet a educação era algo muito simplificado. Vejamos.

Em minha longa experiência dos homens simples, das crianças e dos animais convenceu-me de que as leis da vida são gerais, naturais e válidas para todos os seres, foi a escolástica que complicou perigosamente o conhecimento dessas leis, fazendo-nos acreditar que o comportamento dos indivíduos obedece unicamente a dados misteriosos dos quais uma ciência pretensiosa se atribui a paternidade, como uma espécie de reserva a qual as pessoas do povo, inclusive os professores, não têm acesso (FREINET, 2004, p.05)

Em face dessas palavras, constatamos que Freinet foi um pensador situado em seu tempo histórico, com ideias inovadoras, e já demonstrava séria preocupação com o ensino tradicional. Ele consegue ter uma visão que iguala a natureza do homem à natureza da criança, exposta em suas teorias e práticas pedagógicas, rompendo com o pensamento tradicional.

Ao estudarmos sobre Freinet, nos aproximamos do patrono da escola. Precisamos dessa aproximação, para bebermos da fonte do seu pensamento e fundamento pedagógico, e assim, nos aproximar do nosso objeto, práticas e concepções política e social da Escola Freinet, que educa os estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental da instituição que estudamos. E assim continuamos nossa jornada.

3 PRÁTICAS E CONCEPÇÕES POLÍTICA E SOCIAL QUE NUTREM A EDUCAÇÃO DOS ESTUDANTES DO 9º ANO

3.1 Célestin Freinet e Paulo Freire na Escola Freinet de Natal

Continuando nossa jornada, vamos ao nosso objetivo, compreender quais as práticas e concepções políticas e sociais da Escola Freinet no processo educativo dos alunos do 9º ano Anos Finais. Nossa busca por esse objeto, vem por acreditar que a educação é um instrumento essencial para a cidadania e, sendo assim, sua função vai muito além do termo *aquisição de conhecimento*, e assume um papel mais complexo voltado para a formação integral do ser humano, partindo do desenvolvimento de suas capacidades cognitivas, afetivas, físicas e sociais.

Outra questão importante, é o fato de que as Práticas Pedagógicas realizadas nesta Escola, já foi objeto de estudo de alguns trabalhos, mas sempre direcionados pela diferença entre uma prática pedagógica progressista, indo de encontro às práticas pedagógicas tradicionais.

Nosso trabalho, busca compreender através da análise das suas práticas, a concepção de educação da escola, levando em consideração aspectos como o contexto político, econômico, social e cultural no qual o aluno está inserido. Entendemos que a ação educativa tem como base justamente estes fatores.

Para isso, foi preciso, entender como tudo iniciou, mergulhar no surgimento da Cooperativa e da Escola Freinet, buscar sua história de constituição, compreender suas singularidades, entender seus princípios, que nos levam ao ponto essencial, o convite às análises importantes sobre o trabalho e a práxis – as técnicas de Freinet, e o pensamento de Paulo Freire, que acreditamos estar enraizadas nas concepções da escola e em consequência nas práticas ali desenvolvidas.

Estas duas categorias fundantes para o nosso trabalho, se entrelaçam durante todo o caminho, sempre com muito cuidado em deixar claro que a Escola Freinet é uma Escola com seguimento Pedagógico Freinetiano e não Freiriano.

No entanto, as práticas desenvolvidas na escola, práxis pedagógicas, baseadas em métodos ativos, nos mostra o estreito caminho entre as técnicas de Célestin Freinet e o pensamento de Paulo Freire.

Esses dois teóricos convergem para a grande importância do protagonista dentro do processo de ensino-aprendizagem – o aluno e a enfatizam. Outro aspecto preponderante nesse diálogo entre Freinet e Freire são as relações entre educação e humanização.

De um lado, Paulo Freire defende em sua práxis a substituição da educação tradicional pela educação orientada e para a criação de disposições mentais críticas, favoráveis à participação, coletividade, à dialogicidade e conseqüentemente, à sua contribuição para com a democratização.

Do outro lado, Célestin Freinet defende em sua práxis que o aluno tem motivações e entusiasmos no qual o professor deve proporcionar liberdade e favorecer um espaço ao processo de ensino, facilitando, por sua vez, a aprendizagem dos estudantes através de suas técnicas pedagógicas, direcionadas para a vida.

Pela nossa percepção, tanto Freinet quanto Freire não só criticam as formas tradicionais do ensino e da aprendizagem, mas apontam ações práticas e simples através de suas experiências: Freire – com as expressões da emergência política das classes populares e com os movimentos sociais; Freinet – com as técnicas e práticas pedagógicas e o ensino direcionado ao povo.

Essa aproximação de teorias e pensamentos, foi observada na pesquisa através das observações na escola e dos estudos que entrelaçaram a minha permanência no mestrado, este estreito pensamento existente pode ser constatado quando vamos delimitando nossa busca de dados no caminho da pesquisa.

Nos encontros do grupo de estudo Sertânia, entre as obras analisadas, temos o trabalho de tese de doutoramento da professora Sandra Borba²⁵, que nos traz uma aproximação consistente com o olhar e pensamento Freiriano que se aproxima dos olhares e técnicas desenvolvidas por Freinet.

Através do olhar e pensamento Freiriano, Borba (2010) descreve como podemos ver Paulo Freire inserido como as originalidades que o projetam como dos mais profícuos pensadores contemporâneos, cuja obra permanece sendo investigada por estudiosos de variadas áreas, da arquitetura à ciência política, da linguística à ecologia. Borba (2010), fala ainda, que das originalidades mais importantes da obra de Paulo Freire situa-se, no nosso modo de

²⁵Sandra Maria Borba Pereira, graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco onde também concluiu Mestrado em Filosofia (1986). Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte onde é docente na área de Fundamentos Histórico-Filosóficos da Educação e Didática. Possui experiência em cursos de formação de educadores de Jovens e Adultos e formação de professores para a Educação Básica..

compreender, na sua visão antropológica do conhecimento, uma categoria essencial que perpassa todo o pensamento sócio-filosófico e político-pedagógico freireano.

Assim como Freinet, o educador Paulo Freire nos desperta para pensarmos a educação de forma diferente, projetando um pensamento que ultrapassa os afazeres pedagógicos tradicionais, e nos desperta para pensar em uma educação libertadora, não perfeita mais possível.

As contribuições de Paulo Freire para a educação são de extrema importância, assim como a ênfase dada por ele à educação popular. Esse tipo de educação que encontramos muito durante a pesquisa, nas salas de aula, nas práticas pedagógicas e até na voz dos alunos. Sobre Educação Popular, Paulo Freire a descreve como:

Educação popular é a que, substantivamente democrática, jamais separa do ensino dos conteúdos o desvelamento da realidade. É a que estimula a presença organizada das classes sociais populares na luta em favor da transformação democrática da sociedade, no sentido da superação das injustiças sociais [...] critica também a natureza autoritária e exploradora do capitalismo (FREIRE, 2007 p.103-105).

Portanto, o pensamento freiriano responde, de igual modo, às reivindicações de uma educação propícia ao desenvolvimento de atitudes de aceitação das mudanças. Na verdade, é mais do que isso; é a proposta de uma educação voltada à formação de agentes da mudança social. Porém, é preciso lembrar que para isso acontecer é preciso substituir a relação de autoridade na educação por outra, bem mais eficiente e diversa, em que educador e educandos, trabalhando os conteúdos das experiências da vida real, pudessem aprender juntos.

As primeiras orientações que Paulo Freire (1959) trouxe em seus estudos foram acerca das relações entre o homem, a educação e a sociedade. Considerava o homem um ser de relações, aberto para o mundo, que dialoga com os outros homens, distingue o ontem do hoje e do amanhã, o aqui do ali, mantém relações com o *mundo natural*, que não é criação sua, mas ao qual confere uma significação que varia ao longo da história e o *mundo da cultura*, que é criação sua, quando afirma:

A posição do homem diante destes dois aspectos de sua moldura não é simplesmente passiva. No jogo de suas relações com esses mundos ele se deixa marcar, enquanto marca igualmente. Ao se estudar o comportamento do homem, a sua capacidade de aprender, a licitude do processo de sua educação, não é possível o esquecimento de suas relações com a sua ambiência (Freire, 1959, p. 8-9).

Todas essas breves análises, nos fazem entender os quanto parecidos e próximos são os pensamentos de Freinet e Freire. O que buscamos deixar como contribuição para futuras pesquisas sobre a pedagogia de Célestin Freinet e o Pensamento de Paulo Freire justifica-se não

somente pela riqueza das orientações didáticas que os envolve, mas pelas suas bases psicológica, filosófica e sociológica, facilmente localizadas ao se estudar as obras de ambos.

Terminando nosso esquema de análises sobre o pensamento de Paulo Freire passamos as técnicas freinetianas. Já sabemos que Freinet, nosso grande professor primário francês, desenvolveu sua pedagogia na década de 20. Acreditava no potencial e na capacidade da criança em participar do seu processo de ensino e aprendizagem, na cooperação entre os pares, na criatividade e na autonomia como processo de conhecimento e descobertas.

Este paradigma fez com que Freinet rompesse com a pedagogia tradicional e elitista por outra em que a falta de diálogo, a repetição, a memorização, o individualismo, a escolástica e a não inclusão em todo seu contexto fossem superados.

Neste sentido, Freinet elabora em sua práxis da sala de aula, exatamente a práxis que analisamos nas práticas da escola Freinet de Natal, são atividades das quais os alunos participam em grupos, expressam-se livremente, tomam decisões, discutem suas ideias, tem voz ativa por meio de diálogos e, principalmente, participam de sua aprendizagem como construtores do conhecimento.

A fim de efetivar sua pedagogia, Freinet denominou estas atividades de técnicas, que mudariam radicalmente sua prática como professor, e a do aluno, como aprendiz. Deixamos claro que as técnicas deveriam ser geridas pelo professor e pelas crianças, desafiados a aprender, a se superar num contexto de diálogo e cooperação.

Pensava Freinet que o estudo do entorno só fazia sentido realmente quando houvesse também um esforço para agir sobre ele e transformá-lo. Desse modo, as criações de suas técnicas tornaram o instrumento de uma formação cívica mediante a ação. Consideramos relevante esclarecer e reiterar que Freinet elaborou técnicas e não um método de trabalho.

A diferença, segundo o autor, é que as técnicas não seriam constantes, não estariam acabadas, nem seguiriam um rito; seriam instrumentos, vias para facilitar o trabalho pedagógico.

Como podemos ver, a práxis de Freinet fundamenta-se em valores que o comprometem politicamente, com a formação do cidadão. Tal constatação, poderemos ver mais a frente pela voz dos alunos, no indica que processos psicológicos e sociais de fato ocorrem para a constituição desses alunos como ser humano inteiro, consciente do seu papel social. Trata-se, essencialmente, de um projeto que se contrapõe ao do ensino tradicional, que reproduz o modelo social burguês.

Falando sobre este modelo, no seu livro *Para uma escola do povo*, anterior à Segunda Guerra Mundial, Freinet (1995), apresenta as linhas gerais da sua proposta prática e as intenções político-pedagógicas da mesma. As suas reflexões, partem da *escola* da Idade Média, quando era voltada para a prática, para o ensino de ofícios, objetivando atender as necessidades sociais dos senhores da época.

Seu resgate analisa os efeitos ao longo da história do sistema econômico, social e político, que vem determinando os modelos pedagógicos e as ações da escola. Destaca o fato da igreja ter estruturado uma escola para atender aos próprios objetivos, precisamente “a iniciação de futuros homens da igreja, que *não precisariam compreender*, mas crer e servir em seu seio cioso.” (FREINET, 1995, p. 2, grifo nosso).

Freinet realça que a burguesia também teve (e tem) uma escola, que instrumentalizava os seus filhos, inclusive com as ferramentas raras e respeitadas da época, ou seja, a leitura e a escrita, o que lhes conferiu novos parâmetros de poder à dominação.

Lembra-nos que, com a Revolução Industrial, eclodiu a necessidade econômica de se ter um povo com o mínimo de instrução, de modo que pudesse servir ao capitalismo. Essa contestação, foi um passo para instituir-se a escola pública, voltada para a preparação de uma mão de obra qualificada, para lidar com as máquinas, cuja ideologia perpassada, levava o povo, acriticamente, a sentir-se satisfeito e orgulhoso por tamanha conquista.

Segundo Freinet (1995, p. 2), a ordem econômica imposta pela Revolução Industrial estabeleceu que “ler, escrever, contar tornavam-se as técnicas básicas, sem as quais o proletário não era mais que um operário medíocre.” Por outro lado, a iniciação aos conhecimentos de outras áreas, como a geografia, a história, as ciências, a literatura, a filosofia e a moral eram apenas complementares, dando conta de adaptar o homem às novas demandas.

Os reflexos dessa organização curricular, que supervaloriza o ler, o escrever e o contar, no nosso entendimento, produz efeitos até os dias atuais. Esses efeitos confirmam que as escolas dedicam maior tempo da carga horária de aulas às disciplinas de português e matemática, como se os alunos também não escrevessem, lessem, raciocinassem nas demais áreas.

O conjunto da obra de Célestin Freinet é revelador de fundamentos filiados às ideias de grandes filósofos, pedagogos, psicólogos, pensadores de várias épocas, mas, sobretudo, das suas reflexões a partir da experiência docente e é o que nos leva a querer entender e estudar suas práticas.

No entanto, estudar uma escola ou prática pedagógica inserida em um contexto progressista é, sem dúvida, um desafio. Pensar de forma libertária, e acreditar que a educação pode ser constituída por essa vertente, torna-se um caminho para abraçar — fácil de envolver e

difícil de desenvolver. Estamos pesquisando as práticas e concepções desta escola através do olhar curioso e pensamento aguçado dos estudantes, adolescentes que ainda estão construindo seu pensamento e convicções sobre a escola, sobre a política, a democracia, a liberdade e a aprendizagem.

Não é que seja difícil de acreditar na concepção dos alunos, porém, seria mais fácil deixar que o professor fosse a figura principal: aquele que iria nos dizer como é a constituição da aprendizagem, porém nesta pesquisa o professor aparecerá como parceiro, mediador, atuante, ouvinte e amigo.

Vamos observar que o aluno, em plena sala de aula, atua em seu papel de sujeito ativo e integrante, e não de alguém passivo, que esteja ali para apenas absorver o conhecimento, mas alguém que participa constantemente de tudo que diz respeito à escola, à aula, ao planejamento, às atividades, enfim, à comunidade educativa.

Apropriar-se de uma concepção progressista de educação é entender que não se trata apenas de um contexto a ser estudado ou uma técnica a ser desenvolvida, pois trata-se de conhecer e optar por apropriar-se de uma filosofia de vida, um modo diferente e prazeroso de ensinar.

Mas o caminho a trilhar para se conhecer e optar por uma nova forma de ver e estar no mundo é muito difícil. Apesar da aparente liberdade que se apresenta ao se mergulhar em um mundo que concebe a educação com nuances libertadoras, a imersão num ambiente prenhe de técnicas que não conhecemos — mas que queremos muito apreender e abraçar — não é tarefa fácil.

Para uma cabeça formada em escolas com caráter conservador é difícil deixar para trás todas as concepções adquiridas, advindas de construções teóricas e perceptivas, que nascem de nossas leituras de mundo, da visão que forjamos, através e por meio de tudo que vivemos: a primeira escola, a educação familiar, o que o mundo de modo geral nos leva a acreditar.

Todas essas concepções que adquirimos durante a vida escolar dão a impressão de que a melhor educação é aquela que impõe, controla, manipula, dita, determina.

Entretanto quando se conhece e passa a conviver no meio de práticas como aquelas desenvolvidas numa escola baseada na Pedagogia de Freinet, tem-se a impressão inicial de que nada vai dar certo.

Afinal de contas, num lugar com tanta liberdade e participação direta dos alunos na gestão do tempo e espaço escolar, como é que se pode ter controle? Como garantir a certeza de que os alunos estão aprendendo? Tudo parece, inicialmente, uma grande bagunça, que aos poucos se organiza. Isso gera um grande conflito interior nas concepções de quem vive essa

experiência pela primeira vez, pois o mais impressionante é que a “bagunça toda” se organiza pelos próprios alunos.

Os gritos autoritários são substituídos por diálogos constantes, as brigas dos alunos são substituídas por reuniões cooperativas em que cada turma resolve os problemas de forma coletiva e a escola passa a ser um local não só de aprendizagem, mas de crescimento cognitivo e social.

Para nossa pesquisa, ouvir os alunos, saber seus desejos, suas motivações e fazer disso seu material de trabalho, é um desafio, uma vez que as práticas estão diretamente ligadas a reflexão acerca de algo que já ocorreu internamente, um ciclo de pensamento e linguagem que é estabelecido de maneira funcional no momento em que se promove o espaço necessário ao discurso que levará a uma prática reflexiva.





Para tratarmos das práticas e das concepções políticas e sociais da escola, que constituem os processos educativos dos estudantes do 9^a ano, vamos expor o que nos foi dado saber, por meio da pesquisa, sobre a constituição; alicerce pedagógico; princípios das práticas e das concepções políticas e sociais, buscando evidenciar as singularidades desses processos.

Para tanto, precisamos entender como se dão os princípios norteadores, fundantes que constituem as técnicas Freinetianas, este será o nosso próximo conteúdo da dissertação.

3.2 Princípios e Teorias Freinetianas na Escola Freinet de Natal

Como já afirmamos, para entendermos as concepções e práticas políticas e sociais da Escola Freinet precisamos entender seus princípios e sua arte de fazer, ou seja, suas técnicas. Princípio e técnica são dois termos importantes do ponto de vista filosófico, pois a palavra princípio, foi introduzida na filosofia por Anaximandro (ABAGNANO, 2003, p. 792) e significa ponto de partida e fundamento de um processo, ao passo que técnica é uma arte de fazer.

Em nossa pesquisa e para efeito de produção dessa dissertação as técnicas são fundamentadas nas proposições teóricas de Freinet que as formulou a partir de suas experiências dentro e fora da sala de aula, realizando interlocuções, observações, anotações e experimentações. Essas formulações de Freinet, são organizadas em quatro princípios:

-  *Trabalho*
-  *Tateamento experimental*
-  *Cooperação*
-  *Livre expressão*

Falaremos um pouco sobre cada um desses princípios da Pedagogia de Freinet porque são essas referências que afetam a vida social dos alunos. Ao mesmo tempo em que orientam o professor no processo de construção de uma aprendizagem coletiva com seus alunos, o que materializa uma proposta real de interação entre todos os sujeitos que vivenciam o processo educativo.

Começamos pelo primeiro princípio fundante: *O Trabalho*. Este muito conhecido pelos estudiosos da Pedagogia Freinet, por meio da obra intitulada: *A educação pelo Trabalho*. Nesse livro, o trabalho, é entendido como uma necessidade vital do ser humano, consiste no primeiro princípio da pedagogia freinetiana.

O trabalho na concepção de Freinet está relacionado à uma atividade que é própria do ser humano, algo que proporciona prazer e que possui uma finalidade social determinada, conforme ele próprio nos diz: “Em resumo, o trabalho como base educativa prepara a harmonia social pela harmonia individual, é um estimulante para o estudo abstrato, é finalmente, um fator inestimável de moralidade e sociabilidade” (FREINET, 1998, p. 94).

Em sala de aula, o trabalho refere-se à uma ação que implica em procedimentos necessários à prática pedagógica, tais como: elaboração de planos de trabalho, criação e

confeção de materiais, horários estabelecidos, entre outros. Todos esses procedimentos devem ser elaborados em conjunto pelo educador-educandos.

O trabalho é uma prática social que pode libertar o homem de dogmatismos, tornando este um ser atuante na sociedade de forma crítica e criadora, inclusive tornando-se um ser criador de sua própria educação. O verdadeiro sentido do trabalho é encontrado, segundo Freinet, através da relação de troca que o homem faz com o meio e, assim, descobre seus complexos de interesse.

Trabalho para Freinet é uma atividade vital, mas sabemos que existe uma noção de trabalho como alienação, ou seja, como uma ação estranha ao sujeito que a executa. Talvez, aqui resida a grande diferença na proposição freinetiana, ou seja, para Freinet o trabalho é uma atividade vital, uma ação na qual e com a qual o sujeito educa-se e se humaniza. Essa perspectiva é distinta da escola onde as ações são estranhas ao sujeito e este é tratado como um ser passivo, que apenas recebe aquilo que o professor planeja e executa.

O segundo princípio da pedagogia freinetiana é o *Tateamento Experimental*, que trabalha a sensibilidade dos alunos. Para Freinet a aprendizagem é construída pelo educando através da elaboração de hipóteses que são testadas podendo tornar-se uma apropriação concreta do conhecimento, e a pesquisa que a criança realiza usando o tateamento experimental possibilita essa análise.

Para Freinet (1969, p. 85), “os únicos conhecimentos que podem influenciar o comportamento de um indivíduo são aqueles que ele descobre sozinho e dos quais se apropria”. Esse pilar presente no método natural de aprendizagem possibilita ao aluno um maior conhecimento do ambiente em que vive, através de suas descobertas, que são necessidades naturais do ser humano, utilizando o tatear, sondar, investigar.

O terceiro princípio da pedagogia freinetiana é a *cooperação*. De acordo com Freinet, é através desta que os alunos e o educador se relacionam e desenvolvem suas responsabilidades e competências, havendo uma maior valorização mútua e, principalmente, a prática real da liberdade pessoal necessária.

Diante da troca de experiências e conhecimentos entre os alunos, estes passam a se tornar seres autônomos com seus processos de aprendizagem, conseguem atribuir significância à prática educativa exercida e essa cooperação contribui consideravelmente para a formação de valores e atitudes nos sujeitos envolvidos. Para Souza:

A classe cooperativa se fundamenta nas relações interpessoais, assim sendo ela ajuda as crianças a multiplicarem as relações umas com as outras em todas as idades, e com os adultos, tendo com estes não mais uma relação de dependência e de submissão,

mas de troca e amizade. E a independência da criança vai se processando gradativamente, com consciência e responsabilidade (SOUZA, 1996, p. 1).

A livre expressão é o quarto pilar, e é nesta que o aluno é capaz de expressar seus sentimentos, emoções, pensamentos, conhecimentos prévios através de uma aprendizagem real e significativa. Quando a criança sente segurança e confiança no ambiente em que está inserida, torna-se possível o crescimento e o desenvolvimento de suas potencialidades e de sua autoconfiança.

Eis aqui os quatro princípios ou pontos de partida formulados por Freinet, que inspiram o processo educativo vivenciado na Escola Freinet de Natal. Observe-se que esses princípios centram na busca por humanizar e politizar, ao mesmo tempo, educandos e educadores. Eles evidenciam as condições necessárias para que o processo educativo permita a construção de educandos providos de autonomia e autodisciplina.

Agora, vamos nos debruçar um pouco sobre as técnicas formuladas por Freinet, que orientam as práticas e concepções políticas e sociais que educam cotidianamente os estudantes do 9º ano na Escola Freinet. É importante observar que os quatro princípios formulados por Freinet, exigiam uma arte de fazer que estivesse alinhada com os princípios e as demandas que emergiam no cotidiano da sala de aula. Vajamos o que nos diz Santos (1996):

Ao introduzir no ambiente escolar, técnicas educativas tais como o texto livre, o jornal, a imprensa, a correspondência, o plano de trabalho, a biblioteca de classe, o conselho cooperativo, Freinet dotou a sala de aula de condições estruturais e funcionais para uma prática educativa baseada na liberdade de expressão, no intercâmbio de ideias, no tateio experimental, no trabalho criativo e na cooperação (SANTOS, 1996, p. 158)

Conforme pode se observar, os princípios se materializam nas técnicas introduzidas em sala de aula. Mas, na Escola Freinet, mesmo que nem sempre os textos sejam produtos de aulas passeios pela cidade, foi possível perceber durante nossa pesquisa, que nessa unidade de ensino o movimento da livre expressão se constitui em uma prática, por meio da escrita de textos. Pois, ao entrevistar a professora de Português do 9º Ano, ela nos relatou que:

Os alunos na escola Freinet mostram seus textos com entusiasmo, com orgulho de sua produção e encontravam sentido para escrever, enxergam um significado para sua própria escrita (Professora Vanessa - Língua Portuguesa 2019).

Observe-se aqui que, mais do que codificar o mundo, por meio da escrita, os estudantes constroem um significado social para o ato de escrever, ou seja, eles escrevem para comunicar e encantam-se com a descoberta dessa dimensão da escrita, orgulhando-se de sua livre expressão, por meio da escrita.

No prólogo de *A Educação do Trabalho*, destaca-se que Freinet mostrando certa indignação com o uso de materiais prontos, pensou em utilizar material impresso com os textos das crianças, substituindo o material previamente feito e desinteressante. Os alunos se apaixonaram pela composição e pela impressão. De acordo com SANTOS (1996, p. 35):

A grande originalidade da proposta freinetiana encontra-se no fato de atribuir às atividades escolares as características de um verdadeiro trabalho e de colocar à disposição das crianças, meios para que elas possam divulgar suas realizações a um público maior do que o grupo-classe.

Observe-se aqui que a proposição freinetiana transborda o grupo-classe e espalha-se para outros espaços sociais, ou seja, aquilo que se produz em sala de aula, pode afetar outros espaços e outras pessoas que constituem a sociedade.

Assim, o trabalho em sala de aula ganha um sentido que extrapola a lógica de escolarização, ou seja, deixa de ser uma atividade para obter uma nota e passa a constituir um processo que cria as condições para que se expressando livremente, os estudantes se comuniquem com os que estão fora do grupo-classe.

Observando as práticas e concepções educativas da Escola Freinet, foi possível perceber que, associado à produção do texto livre, a escola desenvolve a técnica de seminários, que permitem o exercício da oralidade, da expressão de ideias organizadas para outros. Essa técnica combina dois elementos básicos: a curiosidade e a disciplina para o estudo, no momento em que os estudantes são provocados a pesquisar sobre uma determinada temática o que estimula a curiosidade e a capacidade de refletir e, em seguida são convidados a apresentação oral daquilo que conseguiram aprender.

Esse exercício de apresentar as ideias para os colegas de turma, constrói nos estudantes uma espécie de disposição para se relacionar socialmente, comunicando aquilo que pensam a partir dos estudos realizados. Desse modo, exercita-se a aprendizagem política para convivência com os diferentes, utilizando a palavra para se comunicar e, ao mesmo tempo, fortalece a sociedade na medida em que o grupo que faz a sua apresentação, escuta o que os outros da mesma turma produziram e tem para partilhar.

Outra técnica formulada por Freinet que orienta a prática educativa na escola que estudamos é o Livro da Vida. Trata-se de um instrumento, que favorece a comunicação e dá significado para a escrita, além de fazer da aula um acontecimento, em que os adolescentes fazem registros.

O Livro da Vida é um diário, uma espécie de memória do tempo presente da turma, onde se registram as decisões tomadas, os conteúdos aprendidos, as descobertas, as contribuições e

as discussões. Esses registros transformam o livro da vida em uma técnica que possibilita um exercício político prático de dimensões sociais.

Podemos dizer que o jornal registra a vida em seu acontecendo, permitindo o registro da memória de um grupo social, que convive em uma mesma sala de aula, criando evidências que podem vir a ser retomadas em momentos de conflito político entre indivíduos da sala ou a turma e a professora, ou mesmo entre a sala e a direção da escola. Na Escola Freinet a cada finalização do ano letivo cada aluno recebe o seu livro da vida, com os registros da vivência e aprendizagem constituída durante o ano.

Outra característica da escola, que objetiva construir a condição para uma convivência de socialização humanizada, é a prática de constituir as salas de aula com um número reduzido de estudantes. Atualmente as salas de aula da escola tem em média 15 a 25 estudantes por sala.

Essa perspectiva de redução do número de estudantes por sala de aula, objetiva promover uma convivência em que todos se relacionem com todos. A redução de estudantes por sala, possibilita ao professor o desenvolvimento de aulas mais atentas as demandas individuais, bem como permite promover momentos em que todos possam fazer uso da palavra.

Essa perspectiva educa política e socialmente os estudantes para a convivência com o outro, por meio do exercício da palavra e escuta autenticas. Pois, cada um pode dialogar com o outro e com toda a sala de aula falando o que pensa e ouvindo o outro sobre aquilo que ele ou ela pensa.

Talvez a reunião cooperativa, a qual veremos mais à frente detalhadamente se constitua na maior experiência da escola onde se reflete a importância da redução do número de estudantes por sala de aula. Pois, nessa reunião, todos podem se experimentar como presidente da reunião ou secretário, além de ter tempo para que todos possam elogiar, criticar e sugerir.

Nesse sentido, novamente identificamos o distanciamento da Escola Freinet daquela escola tradicional, focada no conteúdo e esquecida das pessoas que constituem a comunidade escolar. Observando a Escola Freinet e comparando com as escolas onde estudei e as que trabalhei, me foi possível perceber que a escola tradicional faz o trabalho ser minuciosamente controlado: os programas são cumpridos, os cadernos das crianças ficam cheios, os pais ficam satisfeitos e acreditam que os saberes de seus filhos vão sendo aumentados – metodicamente.

Mas, podemos inferir que o aluno não vê significado no que lhe ensinam, nem sente prazer em estar na escola. Na obra, intitulada: *Para uma Escola do Povo*, Freinet (1996) descreve como seria a escola que ele almejava, uma escola que valoriza o espírito de liberdade e que possibilita à criança oportunidades de autonomia, movimentação, exploração e diálogo

professor-aluno. Uma escola na qual o aluno não é passivo e o professor não é o centro, superior aos alunos, transmissor de conteúdo. No livro *A Educação do Trabalho*, Freinet (2012) afirma:

Faltou muito pouco, aliás, para que eu, como a maioria de meus colegas, me contentasse com a sossegada rotina que leva à aposentadoria sem grandes esforços ou preocupações (FREINET, 2012, p. 32)

Ele tinha a consciência de que era mais fácil seguir o tradicional, mandar as crianças decorarem textos e seguirem materiais didáticos pré-estabelecidos do que aguçar nelas o que elas já possuem, a curiosidade e o desejo de saber.

Vale ressaltar novamente que em *A Educação do Trabalho*, nas falas do personagem Mathieu, Freinet (2012) enfatiza que o progresso, a ciência, tem causado graves consequências para a humanidade e, sobretudo, afastado a Educação da vida.

Para Mathieu, de nada adianta ter os conhecimentos científicos se isso não se aproxima da vida, se isso não forma humanos, se isso não interessa as pessoas. (FREINET, 2012, p. 43). Sabemos que a ciência quando submetida aos interesses do capitalismo, não se importa com a vida ou os processos sociais, prejudicando a natureza, com a falsa aparência de estar sempre contribuindo para o bem, para a melhora do mundo e da vida das pessoas.

Ainda pelas falas de Mathieu, a ciência considera apenas o meio artificial do laboratório e/ou visões com lentes deformadas do lucro mercantil e esquece que os seres humanos são um todo maravilhoso.

Pensando nesta perspectiva, podemos trazer para o debate a *teoria do capital humano*, como as ideias contidas no livro, intitulado: *A Produtividade da Escola Improdutiva*. Nesta obra, Frigotto (2001) é bastante enfático ao concluir que a educação não apenas passa conhecimentos para o mercado, mas também articula e desarticula outros conhecimentos para os interesses dominantes prevalecerem. Vejamos o que nos diz:

No princípio da década de 1960, a referida teoria foi desenvolvida e divulgada positivamente, sendo saudada como cabal demonstração do valor econômico da educação. Em seguida na década de 1970 sob a influência da tendência crítico-reprodutivista buscou-se então, evidenciar que a subordinação da educação ao desenvolvimento econômico significa torná-la funcional ao sistema capitalista, isto é colocá-la a serviço das classes dominantes. (FRIGOTTO, 2001, p. 41)

O autor vai além ao dizer que, “a escola é uma instituição social que mediante suas práticas no campo do conhecimento, valores, atitudes e, mesmo, por sua desqualificação, articula determinados interesses e desarticula outros” (FRIGOTTO, 2011, p. 44).

Vai mais além ao afirmar que o sistema educacional brasileiro opera vinculando o ideário mercadológico com os fins da educação nacional, passando a ideia de que a educação é

a redentora de todas as mazelas sociais existentes e sendo assim, é depositada na educação a função de formar a mão de obra necessária para o sistema capitalista.

Frigoto (2001) ainda afirma que a partir dos ideais da Teoria do Capital Humano a educação passa a funcionar seguindo e passando um sistema de valores e atitudes que fomentam o *status quo* do capitalismo e auxilia o mesmo em sua manutenção.

Além de responder as demandas de mão de obra, ou seja, o capital humano, a escola usa uma ideologia neoliberal para transmitir os ideais e valores necessários para o sistema vigente. A educação não qualifica para o trabalho, mas passa as características que são apropriadas para o indivíduo se enquadrar no sistema imposto.

Para a Teoria do Capital Humano, investir nos indivíduos e promover o aumento de sua produtividade pode levar à mobilidade social e melhor distribuição de renda por meio da preparação adequada para o trabalho. Frigotto (2001), afirma que a educação passa a ser definida

Pelos critérios de mercado, cujo objetivo é averiguar qual a contribuição do “capital humano”, fruto do investimento realizado, para a produção econômica. Assim como na sociedade capitalista os produtos do trabalho humano são produzidos não em função de sua “utilidade”, mas em função da troca, o que interessa, do ponto de vista do mercado (FRIGOTO, 2001, p. 67).

A Teoria do Capital Humano oculta a desigualdade e mostra-se útil para mascarar a realidade e manter a consciência alienada, pois esta teoria tenta explicar e depositar na educação o fator essencial para a produtividade.

No campo da educação, a Teoria do Capital Humano não mostra seus verdadeiros objetivos, pois se coloca como um fator predominante para o desenvolvimento econômico. Sendo assim, “uma das funções efetivas da Teoria do Capital Humano reside não enquanto revela, mas enquanto esconde a verdadeira natureza dos fenômenos” (FRIGOTTO, 1993, p. 53).

Realizando uma aproximação da Teoria do Capital Humano com as teorias desenvolvidas na Escola Freinet em minhas observações, tanto a escola quanto o próprio Freinet, articulam seu pensamento em corroboração com o pensamento de Frigotto (1993), quando fala que mantemos nossa consciência alienada, de forma que muitas vezes não percebemos a nossa situação de *Capital Humano* para tanto nos diz Freinet (1998):

Mas, se todos mergulham prazerosamente no mal, sem perceber que é um mal, às vezes acreditando mesmo que é um bem, censurando a originalidade e o humor dos que teimam em alertar do perigo, percebe-se então a gravidade dessa perdição coletiva. (FREINET, 1998, p. 19)

Esse pensamento e características além da influência crítico reprodutivista presente nos processos educacionais do pensamento capitalista e neoliberal, que estão presentes na maioria das escolas, nos indicam que a maior preocupação é criar o capital humano, peças de troca para o mercado, sem pensar na formação do ser social e político.

A sociedade exige que as pessoas tenham certa quantidade de conhecimento, mas o que observamos nas práticas cotidianas da Escola Freinet é que ela trabalha um conhecimento político e social que em certa medida se encontra na contramão dos interesses de quem deseja alunos conformados à ordem, uma vez que a Escola Freinet educa os seus alunos para respeitar a vida em seu fluir e os direitos da humanidade.

Percebemos também que as práticas e concepções da educação política e social na Escola Freinet, produzem uma transformação material e técnica na estrutura da escola. Pois, busca-se um espaço que possibilite a realização de atividades agradáveis, dinâmicas e produtivas e não um espaço cheio de salas recheadas de carteiras, lousas, mapas, ou seja, uma sala entulhada, que obstrui o próprio processo de aprendizagem.

Essa modificação do espaço físico provoca um deslocamento dos processos de ensinar para os processos de aprendizagem, ou seja, esse movimento instaura a necessidade de modificação da mentalidade e dos métodos, atitudes e comportamento do professor, que passa a ocupar-se mais do ritmo dos estudantes do que do ritmo imposto pelos programas, conteúdos e rituais escolares.

No curso das nossas observações, percebemos que essa mudança, promove uma reeducação do professor, que passa a ser mais cuidadoso e, pouco a pouco, vai abandonando aquele ritmo acelerado e descuidado que Freinet (1998) denunciou, quando escreveu:

Vocês dão uma aula aos alunos; impõe-lhes um trabalho e vêm verificar logo em seguida, com uma miopia de burocrata, o efeito produzido, como as crianças da cidade que enfiam na terra uma muda, regam-na apressadamente e vêm no dia seguinte ver se as frutas cresceram. (FREINET, 1998, p. 164)

Essa compreensão de Freinet, sobre o modo apressado e descuidado com que se educa, como se as pessoas e a natureza não precisassem de tempo para processar seus momentos, me remeteu aos momentos em que eu estive nas escolas tradicionais em minhas experiências profissionais e, agora como pesquisadora na Escola Freinet me foi possível compreender que a aprendizagem, como as plantas, necessita de tempo para aprender e maturar.

Nas escolas tradicionais²⁶, não há um meio termo; ou o aluno sabe, ou ele não sabe, são quantificados com uma nota o tempo todo. Essa nota se constitui em um indicador que não mensura a aprendizagem.

Nesse movimento, os professores se apressam, enchem a memória das crianças, exigem uma quantidade enorme de tarefas e passam para o próximo conteúdo. Com os cadernos cheios e com muitas listas de tarefas, o professor tem a sensação de trabalho cumprido.

Mas, refletindo sobre esse processo, passamos a pensar que essa pressa se assemelha aos frutos desenvolvidos precocemente: mas será que esses frutos nutrem a vida? Pensamos que a educação deve exaltar no indivíduo o que ele tem de humano, enriquecer e fortalecer os conhecimentos que tem. Não se pode obrigar a criança a fazer o que para ela não tem sentido, o que não lhe desperta interesse.

Para Freinet a escola é concebida como uma preparação para a vida, pelo fato de o aluno assumir as responsabilidades escolares como um trabalho inerente a todo aquele que nela está engajado e que busca a formação de sua personalidade.

Assim sendo, a sua proposta pedagógica não se restringe a simples transmissão de conhecimentos. Ela ultrapassa o simples estudar para a memorização dos conhecimentos prontos e acabados. A reflexão, a ação, a participação, a ajuda mútua, a compreensão dos direitos e deveres, o respeito ao outro, são elementos integrantes da sua ação educativa.

Toda essa problematização acerca dos princípios e técnicas freinetianas que orientam a Escola Freinet de Natal nos ajudarão a uma maior compreensão das técnicas desenvolvidas na escola Freinet, campo empírico de nossa pesquisa.

²⁶ Assumimos o termo escola tradicional, porque encontramos no Projeto Político Pedagógico da escola estudada, esse termo como referência daquilo que não deve ser a Escola Freinet. Veja fragmento: “Expulsando os alunos da sala de aula, como se costuma fazer na escola tradicional”. (PROJETO POLÍTICO PEDAGOGICO DA ESCOLA FREINET DE NATAL, 2014, p. 4).

3.3 Uma aproximação das Técnicas Freinetianas na Escola Freinet de Natal

No curso da pesquisa se fez necessário abandonar a ideia de que estando na escola o tempo inteiro já estaria com a pesquisa realizada. Observar é um elemento importante quando se busca entender aspectos do objeto de estudo, especialmente quando se busca compreender a materialização das técnicas freinetianas em uma escola cooperativa de Natal.

Foi preciso muitas observações, leituras e reflexões sobre os aspectos do objeto de estudo dessa dissertação. E, nosso primeiro ponto a ser observado, quanto às técnicas desenvolvidas na escola, encontrava-se no Projeto Político Pedagógico, especialmente nos tópicos que tratam das metodologias desenvolvidas na escola e que estão descritas neste documento.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico da Escola a relação que os professores devem ter com os alunos no que diz respeito às práticas é a de que mesmo em metodologias progressistas o professor continua sendo a figura que em alguns momentos irá mediar a construção do conhecimento, porém orientando sua prática no sentido contrário às técnicas da pedagogia do grito:

O professor da Escola Freinet de Natal não pode esquecer que, em sua sala de aula ele é uma autoridade constituída a quem cabe resolver por si só, se isso for possível, ou conjuntamente com os alunos, toda e qualquer desordem que venha de encontro à disciplina da sala de aula e, conseqüentemente prejudique a aprendizagem, mas deve lembrar que não é com autoritarismo ou com a *pedagogia do grito* que se resolve esses problemas, ou mesmo *expulsando os alunos da sala de aula*, como se costuma fazer na escola tradicional (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA FREINET DE NATAL, 2014, p.4, grifo nosso).

Essa perspectiva da contrariedade a pedagogia do grito, nos traz a reflexão de que quando a educação não faz mais nenhum sentido e não possui qualquer propósito o disciplinamento torna-se a única razão da escola. Quem não educa para a liberdade necessita subordinar e adestrar para a obediência.

Conforme podemos constatar no Projeto Político Pedagógico da Escola Freinet, existe uma orientação para que as práticas se pautem nos princípios de trabalho cooperativo e liberdade de expressão, de modo que todos assumam a tarefa de estudar e aprender. Vejamos:

Para quebrar o autoritarismo professor e alunos devem trabalhar juntos, com o objetivo de no final de cada estudo chegarem ao mesmo nível de discussão do conhecimento e de compreensão em relação à resolução dos problemas advindos da jornada escolar. Só assim é possível avançar no exercício da cidadania, para tanto, deve criar o hábito de no início de cada jornada escolar lembrar aos alunos sobre a importância de sua participação para o crescimento de todos e de cada um em particular, bem como no final da sua jornada de aulas, fazer um *balanço* das atividades realizadas no sentido de verificar se as competências pré-estabelecidas foram

atingidas e assim poder retomá-las de imediato, se necessário. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA FREINET DE NATAL, 2014, p. 4).

Conforme essa orientação do trabalho cooperativo objetivando o estudo e a aprendizagem de alunos e professor, se constitui no princípio que quebra a relação autoritária e possibilita o avanço não só na apreensão do conteúdo, mas na dimensão mais ampla, como a formação cidadã.

Considerando essa orientação instituída pela escola, vamos buscar imergir nos processos que envolvem as técnicas freinetianas no cotidiano dessa unidade de ensino que pesquisamos.

Utilizando instrumentos de pesquisa, foi possível, garimpando informações e dados, e sua análise e interpretação, entender que os professores têm o cuidado de selecionar conteúdos socialmente relevantes e que contribuem para o desenvolvimento intelectual do aluno.

Nesse sentido, percebemos que os professores selecionam os conteúdos numa perspectiva mais ampla, ou seja, os conteúdos de natureza conceitual que se referem à construção ativa das capacidades intelectuais, os de natureza procedimental – agir, pensar, organizar, argumentar, verificar; e os atitudinais que se referem às normas, valores e atitudes.

Nesse contexto, os professores da Escola Freinet de Natal, não deixam à margem os estudos dos temas transversais, que são conteúdos complementares à formação do cidadão. Em nossas observações e participação nas atividades da escola, especialmente nas da turma do 9ª ano, vimos que o planejamento das atividades escolares é fruto de um processo contínuo de construção e reconstrução que tem sempre em mira atender as necessidades dos alunos, sem se restringir a elas, mas tomando-as enquanto ponto de partida.

É certo que, os blocos de conteúdos e os eixos temáticos são agrupamentos que representam recortes internos à área e visam explicitar objetos de estudo essenciais à aprendizagem.

É importante saber que cada nível de ensino tem suas peculiaridades e especificidades para que haja clareza sobre o objeto do trabalho, tanto para o professor como para os alunos, sobre o que se está ensinando e aprendendo.

Faz-se por bem esclarecer, que o processo de planejamento das atividades escolares nessa escola não tem função estática. Ele é contínuo e dinâmico e a todo o momento que se fizer necessário, ele é retomado e atualizado para atender às necessidades dos alunos, mediante os avanços tecnológicos e científicos, tendo em vista uma aprendizagem mais real, ou seja, mais condizente com os reclamos das relações sociais e posicionamento político consciente.

Ainda sobre a metodologia e as técnicas de Freinet, pode-se constatar durante a pesquisa, que a organização da programação de ensino na Escola Freinet, ocorre do seguinte modo:

Inicia-se com um momento global, no qual os professores de cada nível de ensino se reúnem para discutir, selecionar e analisar os conteúdos das diversas disciplinas com seus respectivos temas e subtemas; a seguir elaboram os objetivos a serem atingidos nesses estudos.

Dar-se sequência com a discussão dos procedimentos mais viáveis à dinamização do processo de ensino-aprendizagem.

Organizada a programação ela é apresentada aos alunos, momento aberto à discussão conjunta entre professor-alunos, para os devidos reajustes e escolha das melhores formas de condução do processo de ensino e dos processos de aprendizagem, de maneira que os alunos possam se integrar com consciência, responsabilidade e autonomia nesse processo.

Quanto a este movimento de programação do ensino e da aprendizagem, duas observações se fazem pertinentes: toda atividade em sala de aula tem como partida e chegada o aluno que está na sala de aula e, a segunda observação diz respeito ao fato de que é preciso estar seguro do que se estuda, ou seja, ter consciência das razões do que se está estudando.

Quanto à primeira observação me foi possível perceber no campo de pesquisa que os professores da Escola Freinet trabalham com consciência de que toda atividade realizada em sala de aula deve ser endereçada àqueles que são os sujeitos, por excelência da aprendizagem, – os alunos e, para tanto, eles devem estar engajados tanto quanto o professor nessa proposta.

No que diz respeito à segunda observação, percebemos que o próprio processo de organização do que se vai estudar possibilita aos envolvidos uma consciência, ou segurança do que se está ou se deseja estudar. Esse movimento rompe com um aspecto da escola tradicional: a alienação, ou o estranhamento do sujeito aquilo que ele está estudando.

Nessa dimensão, o professor sempre recomenda aos alunos que afixem nos seus cadernos, tanto a lista de conteúdos determinada pelas exigências oficiais de ensino, como a organização prévia da programação que funcionará como guia à organização dos planos de trabalho, no decorrer do processo de ensino e de aprendizagem, ao tempo que facilitará a retomada de algum tema não devidamente estudado.

Para entendermos o funcionamento político e pedagógico da escola vamos explorar, algumas técnicas de Freinet, desenvolvidas na escola. Estes exemplos que se fazem presentes permanentemente no cotidiano da sala de aula, foram análises construídas através de observações concretas na escola. Vamos falar de algumas, como a conversa livre; balanço das atividades; a reunião cooperativa; as aulas passeio; as conferências e debates e o texto livre.

A) A Roda de conversa ou reunião inicial

Conhecida nessa escola como *aula inicial*, técnica essa que devidamente utilizada serve a uma rápida revisão de conteúdos não bem concretizados na aula anterior; a introdução de novos estudos importantes, a criação de novos projetos, entre outros.

Vejamos o exemplo abaixo, na sala de aula pode-se observar durante a pesquisa que o momento inicial é sempre muito espontâneo. Os alunos chegam e junto com o professor dão início à conversa livre. O professor sempre pergunta se os alunos trazem novidades! O que se constitui em um procedimento importante, pois através desta troca de informações é possível que professor e aluno criem uma relação de intimidade e de troca de informações importantes.

A roda da conversa é o primeiro momento de reunião da turma, é um momento de livre expressão e cada aluno tem a oportunidade de manifestar suas ideias, opiniões e sentimentos. É também um momento em que se planeja o dia, discutem os conteúdos a serem trabalhados e se contam as novidades.

Figura 12 - Momento da aula inicial na turma do 9º ano. Representando a Técnica: A conversa Livre



Fonte: Acervo da autora (2019)

A roda da conversa, para Freinet, é uma das técnicas que, além de outras vantagens, contribui para a transformação da relação autoritária entre o professor e os alunos. Como aponta a Pedagogia Freinet, a roda da conversa deve ser um momento em que os alunos são efetivamente ouvidos. Mais que isso, um momento em que todo o grupo é ouvido e se manifesta, expondo suas impressões, opiniões, sentimentos.

Todas essas manifestações devem ser acolhidas e respeitadas reciprocamente por todos no grupo, ainda que opiniões divergentes apareçam, todos devem desenvolver um senso de respeito mútuo.

Para que o aluno queira aprender é necessário estímulo, motivação e isso ocorre quando suas necessidades vitais são satisfeitas. Segundo Freinet (1978 *apud* Sampaio, 1989, p. 177), as necessidades vitais são: criar, inata em todo ser humano; expressar-se; comunicar-se; viver em grupo; ter sucesso, de agir-descobrir e organizar-se. Se o aluno puder satisfazer essas necessidades, sentir-se-á mais animado, envolvido, com interesse, querendo produzir, construir seu conhecimento e autonomia.

Conforme observamos os processos vivenciados na roda de conversa essas necessidades são trabalhadas nesse primeiro momento em que a turma se encontra com o professor em sala de aula.

B) A Reunião Cooperativa

Esta técnica é uma técnica desenvolvida na Escola Freinet como um momento destinado ao balanço semanal para detectar tanto algumas falhas no processo de aprendizagem, como algumas capacidades ainda não completamente atingidas, tendo em vista revisão e reajuste imediato dos trabalhos realizados na semana letiva em curso, bem como reorganizar as atividades para a semana seguinte.

Na Reunião Cooperativa deve-se reservar um momento especial que se pode intitular momento do *Conselho Cooperativo*, para se tratar dos problemas que estão interferindo no bom desenvolvimento dos trabalhos, e, de imediato propor soluções viáveis, como por exemplo, o estabelecimento de regras de vida, que devem ser propostas pelos alunos e, conseqüentemente cumpridas por eles.

De acordo com Dantas (2001) um dos aspectos mais importantes para a vida cooperativa é o *conselho*. E o que é o conselho? Alguns perguntam e devido à variedade de terminologia que se empregam, podem ser conceituados como: Reunião cooperativa, Reunião de cooperativa, Reunião de conselho cooperativo, entre outras.

Em nosso caso, em específico na Escola Freinet, ocorrerá uma *Reunião Cooperativa*. Todas as semanas, na sexta-feira, o grupo de alunos e docentes discutem questões concernentes à vida da classe. Inicialmente é organizada a gestão dos encontros, para isso é nomeada uma equipe que é constituída de presidente, vice-presidente, secretário e vice-secretário.

Todas as situações deliberadas são registradas em atas. Em cada sala de aula, no momento da reunião, são afixados painéis com os dizeres: *Eu critico, eu sugiro, eu parabenizo*.

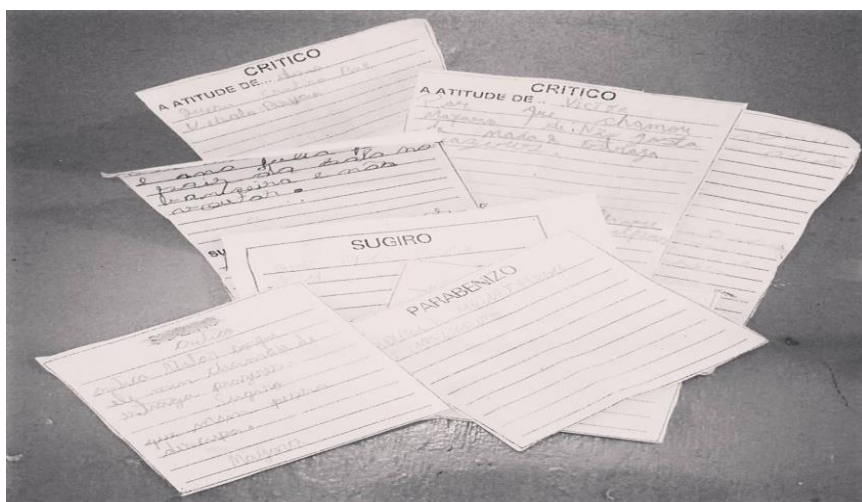
De acordo com Cavalcanti (2017, p.44) “O momento da Reunião Cooperativa expressa o caráter de autogestão da classe e possibilita uma análise coletiva das relações entre os alunos”. Durante toda a semana, os alunos vão escrevendo bilhetes que vão sendo colocados em envelopes relacionados aos dizeres dos painéis.

Esses, escritos servem como ferramenta para resolver conflitos. Neles os alunos fazem registros que posteriormente serão utilizados como pauta na reunião. Ainda de acordo com Cavalcanti (2017) é preciso ter nas reuniões três preocupações básicas vejamos:

A primeira será abordar, analisar, discutir e rever diferentes aspectos dos relacionamentos do grupo no desenrolar dos trabalhos de classe. A segunda, planejar e organizar os trabalhos a serem desenvolvidos no determinado espaço de tempo da semana, para que a reunião possa ocorrer toda sexta-feira de cada semana. A terceira é avaliar os resultados obtidos na execução do plano de trabalho que é elaborado coletivamente (CAVALCANTI, 2017 p. 18).

Como já descrito o dia que ocorre a reunião cooperativa é na sexta feira. Essa reunião deve ter um tema sugerido pelos alunos de acordo com o que foi recorrente em toda a semana que se passou. Logo após esse momento, inicia-se a retirada dos bilhetes colocados nos painéis com os dizeres *eu critico*, *eu sugiro* e *eu parablenizo*, que serão devidamente lidos pelo presidente. Segue abaixo alguns registros que nos foi possível acessar durante nossa pesquisa

Figura 13 - Formulários utilizados para a reunião cooperativa na Escola. Formulários do Eu critico, eu parablenizo e eu sugiro da turma do 9º ano.



Fonte: Acervo da autora (2019)

Conforme pode se observar na imagem o preenchimento é individual. Então, cada aluno que tenha escrito algum desses bilhetes terá a oportunidade de expor seus pensamentos e sentimentos quanto às suas opiniões e motivações que o levaram a escrevê-lo. Cada assunto

será levado em conta num diálogo coletivo com a finalidade de se superar os problemas e assuntos causadores de conflitos na turma com o fito de resolvê-los.

Em seguida, realiza-se a *auto-hétero-avaliação*, que é quando cada aluno avalia sua conduta e suas atitudes por meio das cores *verde: Muito Bom, amarela: Bom e vermelha: Preciso melhorar*.

É interessante explicar que essa atividade dispõe de um tipo de organização gerencial, em que nas series da Educação Infantil e Fundamental Anos Iniciais (em especial do 1º ao 5º ano) esse gerenciamento ou mediação poderá ser realizada pelo professor, e a partir do 6º ano passa a função de gerenciamento e mediação para os alunos.

Dando continuidade, pode-se observar que o presidente organiza as falas dos alunos para que todos que desejem possam se expressar verbalmente enquanto o secretário anota os resultados em ata. Esse momento é chamado de consideração final, o professor participa, mas não interfere, a não ser que seja preciso. Mas, o professor também faz no final a sua avaliação da reunião.

Com essa técnica, Freinet (2004) cria as condições para que os próprios sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem se impliquem como sujeitos que avaliam e percebem as mudanças promovidas na e pela escola, pois seu êxito não está centrado na figura do professor ou dos conteúdos.

Assim, o aluno não é mais visto como alguém que só recebe informações e a escola passa a ser um local de perspectiva coletiva, de produção de conhecimento e comunicação através de palavras, falas e posicionamentos dos alunos.

A eficiência intelectual, moral, social de sua atividade educacional não é condicionada exclusivamente, como quiseram nos fazer crer durante tanto tempo, pela personalidade do educador, ou pelo valor mágico de um método. Ela é função do material, empregado da perfeição desse material e da organização técnica do trabalho (FREINET, 1995. p. 98)

Tal processo estimula não apenas a cognição ou a percepção, mas proporciona a fundo a educação moral, quando o aluno faz uma análise não apenas das atitudes dos seus colegas e professores, mas também de si próprio, trabalhando diretamente as questões e normas de convivências, criando conceitos morais sobre o ambiente, suas atitudes, as atitudes de seus colegas e de todos que fazem parte da escola.

Podemos encontrar uma aproximação estreita no livro *Democracia e participação escolar: propostas e atividades* (PUIG, 2002) quando argumenta que a escola democrática deve ser uma instituição capaz de instruir e formar alunos por meio da participação, juntamente com os docentes. Deve permitir a construção de um espaço em que o aprendiz seja protagonista da

própria educação, adotando compromissos de partes do processo formativo possíveis de se deixar em suas mãos.

Ainda sobre o assunto o autor fala que se deve atribuir aos jovens alunos o que pode ser realizado sem, no entanto, transferir responsabilidades e tarefas impossíveis de serem cumpridas. “Uma escola democrática é uma escola que facilita a participação dos jovens e das jovens sem negar, contudo, o papel e a responsabilidade dos educadores e das educadoras” (PUIG, 2002, p.34)

Tanto na Escola Freinet quanto neste livro, as ideias apresentadas são que a participação democrática permite fomentar experiências básicas aos estudantes a fim de proporcionar a educação moral. Os problemas da vida coletiva, não devem ser ignorados ou resolvidos de maneira mecânica. A solução, nessa perspectiva, deve contemplar princípios e práticas de uma democracia.

No entanto, nada é perfeição. Então, é preciso ter cuidado para que não ocorra confusão entre pensar na realidade de uma sociedade democrática e a de uma escola democrática. “As instituições escolares têm de apresentar fórmulas originais que, respeitando as suas singularidades, implantem o mesmo espírito de igualdade, de participação e de justiça” (PUIG, 2002, p.45).

Sobre isso vejamos o que nos diz o autor sobre o diálogo coletivo, marca presente na escola democrática e na Reunião Cooperativa.

O diálogo coletivo cria o sentimento de responsabilidade diante dos companheiros e das companheiras. As assembleias e os outros momentos de diálogo escolar nos permitem deliberar a respeito dos temas que nos interessa, acordar soluções, normas e projetos de ação, melhorar a compreensão mútua e, finalmente sentirmos mais comprometidos com os acordos que se deve adotar. A democracia compõe diálogo e ação cooperativa, porém ampliando e precisando as funções que comentamos até aqui, pensamos que o diálogo e a ação cooperativa também são meios de tomar consciência do conjunto da experiência escolar. (PUIG, 2000, p. 34-35)

Esse conjunto de experiências e ocasiões são tidas como momentos essenciais de participação em que os alunos sentem a importância de fazer parte da comunidade escolar colaborando, sendo mediadores e problematizando assuntos que fazem parte da vida de todos os colegas e não apenas de um em especial.

Quando o aluno vai para a reunião cooperativa sabendo que esta atividade dispões de dois momentos: um momento de avaliação e outro momento de organização, já chega com a concepção de que irá avaliar as mais diversas situações de toda a semana, e que terá que se posicionar tanto com relação a si mesmo quanto com relação a seus colegas.

Nesse sentido, observa-se que quando o estudante faz parte de um universo escolar como esse, aprende e aceita participar da avaliação por não se tratar de algo imposto, mas compartilhado, coletivo. Quando cada um tem a sua vez de falar, de escutar, de sugerir e criticar, é como se fosse um grande fórum, no qual todos podem participar.

Continuando, após o processo de auto-hétero-avaliação, ocorre o processo de avaliação e organização da turma, em que serão analisados os planos semanais de trabalho, que são planos coletivos. Então, esse momento abre espaço para se construir outras atividades que fazem parte das técnicas desenvolvidas na escola, como o livro da vida e o quadro de responsabilidades.

Caso o professor venha a realizar um plano antes de escutar os alunos, realizará um plano dele, ou seja, impondo aos alunos suas ideias e metodologias e então não será um plano cooperativo, de todos.

Nesse caso morre todo o discurso e perde todo o sentido o processo de cooperação e de escuta ao aluno. Na organização é que vemos a participação de todos e a preocupação e o empenho dos alunos em estar planejando suas próprias atividades.

C) A Aula-passeio

A aula-passeio (ato denominado as atividades de observação da esfera extraescolar) surgiu diante da observação de Freinet sobre as necessidades dos alunos que se interessavam por questões fora do âmbito escolar. Freinet começou a praticar caminhadas e passeios no intuito de incentivar a participação das aulas e tornar estas mais prazerosas e significantes.

Por isso, esta técnica visa garantir os eixos fundamentais da prática pedagógica de Freinet. Ela precisa contemplar:

[...] a experimentação, sempre que isso for possível, que pode ser tanto observação, comparação, controle, quanto prova, pelo material escolar, dos problemas que a mente se formula e das leis que ela supõe ou imagina. A criação, que, partindo do real, dos conhecimentos instintivos ou formais gerados pela experimentação consciente ou inconsciente, se alça, com a ajuda da imaginação, a uma concepção ideal do devir a que ela serve. Enfim, completando-as, apoiando-as e reforçando-as, a documentação – a busca da informação desejada em diferentes fontes – que é como uma tomada de consciência da experiência realizada, no tempo e no espaço, por outros homens, outras raças, outras gerações. (FREINET, 1998, p. 354-355, grifos do autor).

Segundo Elias (1997), Freinet preconizava também, que a afetividade deveria permear a relação entre as pessoas e o objeto do conhecimento.

Cabe ressaltar que o educador francês não concebia que suas técnicas fossem consideradas como procedimentos e as atividades da *pedagogia popular* fossem denominadas

como um método, mas como um movimento de vivências enriquecedoras à formação dos alunos no processo escolar. Assim,

[...] a “Pedagogia Freinet” da escola Moderna tem a pretensão de contribuir não só com as respostas indispensáveis, além das respostas teóricas cada vez mais fáceis, mas também, sobretudo, com a prova de que as teorias generosas dos grandes pedagogos podem atualmente tornar-se realidade (são já realidade em determinados meios escolares, onde tem evidenciado os seus benefícios); por isso, vislumbra-se agora uma luz verde nas vias ainda caóticas do futuro (FREINET, 1973, p. 15).

Baseando-se em princípios e técnicas pedagógicas freinetianas, a aula-passeio é um momento de vivenciar, descobrir e sentir novas sensações, despertando novos interesses e curiosidades nos alunos. Segundo Freinet (1973) a aula-passeio proporciona sentir com todo o nosso ser, não só objetivamente, mas com toda a nossa sensibilidade natural.

As aulas-passeio são experiências humanizadoras que ressignificam a posição do professor em formação inicial, transformando tanto sua visão de ser, quanto de estar no mundo. Desse modo, procuramos expor experiências referentes às aulas-passeio que acontecem na Escola Freinet, como recurso didático no desenvolvimento das práticas e concepções políticas sociais dos alunos. Vejamos algumas situações que conseguimos acessar, por meio dos arquivos durante nossa pesquisa. Vamos nos debruçar um pouco sobre a imagem da aula de Campo a Recife/PE. Trata-se de uma visita ao Instituto Ricardo Brennand²⁷, em setembro de 2019.

Uma aula-passeio inesquecível para a turma que vivenciou esse momento.

Figura 14. Aula-passeio a RECIFE-PE, Instituto Brennand – setembro 2019 turma do 9º ano (Portão de Entrada).



Fonte: Acervo da autora (2019)

²⁷ O Instituto Ricardo Brennand (IRB), também conhecido como Castelo de Brennand, é uma instituição cultural brasileira sem fins lucrativos localizada na cidade do Recife, capital do estado de Pernambuco. Fundado em 2001 pelo colecionador e empresário pernambucano Ricardo Brennand, o Instituto foi aberto ao público no mês de setembro de 2002 com a exposição *Albert Eckhout volta ao Brasil*, em evento de gala que contou com a presença do príncipe herdeiro da Dinamarca, Frederik. Em 2003, a então rainha da Holanda, Beatrix, esteve no Instituto para inaugurar a exposição *Frans Post e o Brasil Holandês*, até hoje aberta para visitação. O complexo é composto pelas seguintes edificações: o Museu Castelo São João, a Pinacoteca, a Biblioteca, o Auditório, o Jardins das Esculturas, a Galeria (para exposições temporárias e eventos), o Restaurante e a Capela Nossa Senhora das Graças

Figura 15. Aula-passeio a RECIFE-PE, Instituto Brennand – setembro 2019 turma do 9º ano (Sala do Museu de Cera)



Fonte: *Acervo da autora (2019)*

As duas imagens nos possibilitam uma aproximação das sensações dos estudantes que a experimentaram. Se na primeira imagem identificamos no olhar dos dois alunos da frente uma expressão de expectativa e o professor ao lado atento a fila formada pelos alunos, na segunda imagem percebemos que todos estão sentados e atentos à apresentação no museu de cera de pessoas que se encontram vestidas com roupas de pintores de séculos passados.

Essas aulas-passeio na Escola Freinet, são propostas pelos professores interessados em oferecer a atividade, de forma que se contemplem as necessidades dos alunos e das disciplinas integradas ao curso. Neste caso em que analisamos os eixos mais contemplados foram o do componente curricular História.

A deliberação quanto às aulas-passeio ocorre da seguinte forma: todas as decisões são tomadas coletivamente durante a reunião cooperativa quando os alunos colocam em pauta porque querem ir aquele determinado local e sua relevância. Em seguida, as propostas são colocadas em plenária para a direção da escola. Óbvio que para haver o aceite do destino da aula-passeio, é feito todo um processo de organização junto à direção e coordenação da escola e aos pais no que diz respeito às questões financeiras de transporte e de cuidado para com os alunos.

Durante as reuniões cooperativas pautamos a relevância de os alunos terem o contato e a apropriação da cultura mais elaborada, por meio de aulas-passeio, ou seja, “aquilo que melhor o homem produziu ao longo da história” (MELLO, 2010, p.56). Esse é o eixo condutor de se argumentar favoravelmente as aulas-passeio nas reuniões cooperativas.

Assim, assistir peças teatrais, visitar museus, exposições, participar de atividades musicais, conhecer outras cidades que tragam questões regionais diferenciadas, amplia e aprofunda a compreensão do mundo pelos estudantes, por meio da aula passeio e aproxima os que experimentam aquilo que *pulsa*, aquilo que *une*, que coloca os humanos juntos nessa Terra.

Existe um pulsar que está muito além das formas diversas que a vida tem para se manifestar. Essa percepção amplia a visão que cada um tem do mundo em que vive. Esse pulsar da vida é melhor e mais facilmente percebido quando entramos em contato com o mundo natural.

Dá a importância das vivências com a natureza. Nessa perspectiva, as aulas-passeio são capazes de nos mostrar o quanto sair *fora da sala de aula* é eficaz para a mobilização da quebra de paradigmas e na construção de novas formas de pensar e agir, na melhoria da convivência entre professor/aluno, homem/ natureza e na compreensão acerca da relação teoria e prática discutida em sala de aula.

Observando e refletindo sobre essa técnica orientada pelas experiências e formulações de Freinet, que estão sendo praticadas na escola que pesquisamos, podemos sugerir que a aula-passeio possibilita aos alunos transcender as paredes da escola e imergir em sensações sobre outros mundos que pulsam cotidianamente fora do prédio escolar.

Nas palavras de Freinet (1989), as aulas-passeio fazem com que professores e alunos sintam as mais diversas estações desde a primavera com as flores de laranjeiras, ao inverno os grandes lençóis estendidos sobre as oliveiras, assim como o ferreiro, o marceneiro e o tecelão. “Sentíamos com todo o nosso ser, não só objetivamente, mas com toda a nossa sensibilidade natural. E trazíamos as nossas riquezas: fósseis, nozes, avelãs, argila ou uma ave orta” (FREINET, 1973, p. 23). Assim, consideramos fundamental levar aos alunos de pedagogia à experiência vivida.

D) As Conferências e debates

No decorrer da pesquisa, muitas foram as técnicas que nos ajudaram a entender as práticas e concepções políticas e pedagógicas no processo educativo dos alunos. Porém, as *conferências e debates* nos trazem o aporte maior para as práticas que em grande maioria expõe o aluno a processos ligados à construção e exposição dos seus pensamentos, ao mesmo tempo em que possibilita a cada aluno se reconhecer como parte do todo.

Sendo assim, sujeitos que trabalham diretamente com os processos democráticos, constroem seu pensamento quanto aos processos políticos no dia a dia das aulas. Essas

atividades ajudam o aluno a se liberar da timidez e a se posicionar perante os colegas como conhecedor daquele saber que foi estudado por ele, com esmero e muita responsabilidade.

Nesse sentido, afirmamos que os processos democráticos experimentados na escola são diferentes dos que os estudantes experimentam fora da escola, ou escutam dos políticos neoliberais. Pois, observamos que na Escola Freinet a democracia fundamentada no reconhecimento da existência do outro e na disposição para se conviver com a diferença, sem evitar os conflitos de ideias e diferentes posicionamentos, é uma realidade presente no cotidiano da escola que pesquisamos.

Desse modo, podemos sugerir que as conferências e debates se constituem na técnica que afirma o fato de que a democracia tem um conteúdo que só pode ser apreendido se for ocorrer de forma concreta através das práticas que acontecem na escola. Nessa perspectiva, os debates não excluem uma íntima relação entre debater e se alimentar, conforme pode se observar na atividade que é muito apreciada pelos alunos e acontecem nas aulas de filosofia e chama-se *café filosófico*. Vejamos abaixo:

Figura16. Conferência e Debate — Café Filosófico 9º ano.



Fonte: Acervo da autora (2019)

É importante registrar que essa atividade, como café filosófico, não é descrita como técnica Freinet, mas sim, técnica que integra os conceitos da liberdade e desenvolvimento social e político dos alunos, de acordo com o pensamento Freinetiano e são desenvolvidas na Escola Freinet Natal.

Trazendo a atividade para o contexto democrático e para o pensamento político, social e ético, podemos enxergar implícita a ideia de que não estamos apenas vendo acontecer um discurso, mas sim, ações de práticas que possam corporificá-la.

Sem dúvida, só se aprende a fazer, fazendo, experimentando, errando e acertando. Então, é preciso criar espaços para a participação de todos na escola, para se a prender a exercitar a democracia.

De acordo com o professor de Filosofia da escola, ele realizou com os alunos o *Café Filosófico* para trabalhar as concepções de ética e de democracia, entre outros. A ideia do café, conforme o professor nos informou em sua entrevista, aconteceu de forma espontânea e natural, misturando o que se tem de estrutura dentro da escola para explicar um determinado *Fenômeno*, um objeto de estudo da Filosofia: *a ética*.

O professor buscou trabalhar a ética com os alunos, a partir do pensamento pedagógico de Freinet e, para nutrir o debate pediu que cada aluno trouxesse um alimento para fazer um lanche compartilhado. Vejamos a descrição do que o professor pensa a respeito da sua atividade:

Eu trago um Pão Recife, que é grande, porem temos um problema, pois eu tenho um pão dividir entre 32 alunos, e através dessa divisão o aluno vai criando uma ideia de que é preciso dividir esse pão em partes iguais. E até é interessante que sobra para quem quiser comer depois. Nessa atividade que é simples, a divisão de um pão, e percebo que a sensação que todos tem depois é uma paz de espírito porque conseguimos partilhar o pão de forma igualitária. (Professor Hugo Castro, 2019)

Ainda sobre a atividade, o professor descreveu a respeito de sua prática, ao misturar categorias e o que esses ensinamentos podem representar para a construção do conhecimento dos alunos, quanto a entenderem através da metáfora da aula, como ocorrem os processos de partilha no estado público de direito, e o que pode ocorrer quando a ética não é praticada no meio político.

Isso não fui eu Professor Guto que criou, podemos ver o próprio exemplo de cristo. Sei que não misturamos teologia com filosofia, mas a partir de alguns ensinamentos que são válidos que são lógicos e inquestionáveis acabamos aprendendo que no Estado acontece a mesma coisa. Você reparte o pão em partes iguais o que rola da injustiça social, da corrupção, da falta de ética é justamente o contrário, você não parte o que você tem que é o capital que simbolicamente está ali exposto como pão que está na mesa, em divisões iguais, então é preciso que ao invés de jogar migalhas para as pessoas que estão fora dos grupos que detém a riqueza e o poder, se dar com as próprias mãos e não por meio de programas que ocorrem como se estivéssemos dando milho aos pombos. Não é caridade, mas sim direitos.” (Professor Hugo Castro, 2019)

Pelas palavras do professor de Filosofia podemos nos certificar que a dinâmica da Escola Freinet acontece dessa forma, através de um pão que precisasse dividir, e através desse processo trazer concretamente para os alunos a ideia de ser ético na divisão.

As escolas ensinam a competitividade e o individualismo, preparam e pautam seus processos pedagógicos na formação de um competidor e não de um ser humano solidário e que se implica com a defesa do fluxo da vida.

Assim, entende-se que quando se parte da ideia de ética, de forma filosófica, pelo pensamento Aristotélico por exemplo, cria-se o seguinte conceito: “Você tem o direito de ser feliz, mas a sua felicidade não é maior que o coletivo” (ARISTÓTELES, 1973, p. 249). Pela prática daquele momento, talvez o aluno nem lembre de Aristóteles um tempo depois, mas quando ouvir sobre a ideia de ética irá lembrar-se da experiência e debate sobre a partilha do pão em sala de aula.

Portanto, sobre as conferências e os debates podemos dizer que no processo de discussão coletiva acontece o pensar e repensar sobre o que se debate, e os professores nessas situações se descobrem como sujeitos de uma prática que intencionalmente articula o seu fazer pedagógico com a reflexão.

Para os alunos e professores pensar sobre a prática implica buscar alternativas para mudanças, tomar decisões para a inovação da prática educacional. Nesse sentido, a ação pedagógica poderá se consolidar realmente numa *práxis* transformadora. Esse processo é importante, pois “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão” (FREIRE, 2003, p. 92).

Não há diálogo, porém, “se não houver um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não houver amor que a infunda.” (FREIRE, 1989, p. 93-94). Sem dúvida, é preciso que o educador tenha amor à vida, à profissão, à criança em desenvolvimento. É preciso ter projeto e ter esperança na construção de um futuro melhor.

E) O Texto livre

O texto livre é a forma mais natural de expressão do aluno. Para esta prática o educador nada deve determinar, como por exemplo: a hora, o local e tampouco o tema. Devem ser realmente livres.

Freinet (1976, p. 20), procura esclarecer a sua técnica do texto livre, diferenciando-o da tradicional redação, em que o texto é encomendado num determinado tempo e sobre um tema específico. Também não é semelhante ao texto com tema livre, em que numa hora fixa o aluno fica livre para escrever sobre o que desejar. “Um texto livre deve ser realmente livre. Quer isto

dizer que escrevemos quando temos alguma coisa a dizer, quando sentimos a necessidade de exprimir, escrevendo ou desenhando, aquilo que em nós se agita.” (FREINET, 1976 p.2)

Por exemplo, quando o aluno coloca no seu plano de trabalho, individual ou coletivo um momento para a escrita de um texto, trata-se de um texto livre, embora a escolha tenha sido feita antecipadamente. Se o texto também é escrito num momento diferente como em um passeio, em casa ou mesmo numa hora de brincadeira, trata-se de texto livre. O texto não é livre se o tema, a hora de escrevê-lo é determinada pelo professor, por exemplo, depois de uma aula passeio, quando o professor convida os alunos para escreverem um texto, cuja finalidade é discutir os conteúdos da referida aula, não se trata de um texto livre, embora seja um texto importante e necessário para o estudo dos conteúdos trabalhados naquela aula.

Constatamos uma coisa muito importante durante as idas a sala de aula no processo de construção dos dados no campo de pesquisa. A constatação foi que a Pedagogia Freinet abre espaço ao aluno para que ele construa o seu saber, mas com a ordem e a disciplina necessárias à sua formação para atuar na sociedade como cidadão.

Dentro da perspectiva da técnica do texto livre, percebemos que existem duas técnicas que dão suporte para que os alunos possam produzir o texto livre. Trata-se do jornal escolar e da correspondência escolar.

O jornal escolar, na perspectiva freinetiana, não é uma réplica dos modelos de periódicos convencionais, pois é original na concepção pedagógica, que faz nascer o material a ser impresso. É composto dos textos e desenhos realizados dentro ou fora da sala de aula. O grupo cooperativo faz a escolha daqueles considerados como sendo os mais relevantes para serem socializados no jornal. Deste modo, nada deve ser produzido especialmente para este fim, pois comunica-se e documenta-se a história do cotidiano, registrada em textos, que são “agrupados, mês a mês, numa encadernação especial, para os assinantes e os correspondentes.” (FREINET, 1974a, p. 19).

Antigamente, os alunos usavam a imprensa escolar ou o limógrafo, ferramentas introduzidas por Freinet na sala de aula. Atualmente têm disponível o celular (smartfones) computador a impressora e a copiadora para a comunicação e a reprodução dos textos produzidos. Para falar do jornal escolar, enquanto arquivo vivo da sala de aula, Freinet comenta o quanto o caderno do aluno perdeu status na Escola Tradicional, para as produções técnicas, ou seja, os livros didáticos.

Com o jornal escolar e as tantas outras técnicas de documentação, “os ‘momentos’ memoráveis da vida da classe são fixados definitivamente sob uma forma que desafiará os anos, como aquelas fotografias de família a que a luz dos séculos não conseguirá nunca apagar os

traços” (FREINET, 1974a, p. 83-84). Na escola Freinet podemos encontrar na forma de murais, distribuídos pela escola e pelos Ateliês.

A correspondência escolar compõe o espectro de técnicas voltadas tanto para a comunicação, quanto para a documentação da vida do grupo da escola. É um instrumento político, pois estreita as distâncias para a discussão de temas de interesses comuns, promove as trocas de textos, relatórios de pesquisas, fotografias de aulas- passeios, postagens em redes sociais, materiais para pesquisas, vídeos feitos por um grupo de alunos, produzidos num ateliê ou em outro lugar da escola, enriquecendo as experiências mútuas e favorecendo à construção de atitudes solidárias e de vínculos de amizade e companheirismo.

Nos estudos de Elias (1997, p. 67) sobre a proposta de Freinet, destaca: “Na pedagogia Freinet a correspondência é o elemento essencial para estimular o equilíbrio, a comunicação, a expressão, a afetividade, a pesquisa, os conhecimentos, fonte permanente de realização individual e coletiva. Essas duas técnicas possibilitam aos alunos da escola o exercício da escrita e, esse exercício contribui para o aperfeiçoamento e sentido que o aluno tenderá a encontrar quando estiver produzindo o texto livre.

Seja o texto livre, o jornal escolar ou a correspondência, o que vai se constituir em fonte para esses exercícios da escrita é a pesquisa, mas uma pesquisa enquanto atitude frente a vida, uma pesquisa que se nutre da curiosidade, da problematização e do desejo de querer saber um pouco mais. Não se pode falar em renovação do ensino sem pesquisa.

A Pedagogia Freinet parece colocar a pesquisa como eixo central na condução de todas as atividades escolares. Essa foi uma das descobertas que fiz com esse estudo, ou seja, só depois de estudar os princípios e técnicas e analisar como essa relação acontece em uma escola freinetiana em Natal-RN, foi que percebi que todas as técnicas freinetianas demandam estudo e abertura ao desconhecido por parte dos professores, como também conhecimento e abertura a aprendizagem por parte dos alunos que as vivenciam, a fim de que haja o engajamento necessário à boa condução dos trabalhos e, conseqüentemente as aulas tenham o êxito esperado.

Para continuarmos ampliando e aprofundando a exposição do que nos foi dado conhecer com a pesquisa que realizamos, vamos agora nos debruçar atentamente sobre as narrativas dos alunos e professores que constituem a Escola Freinet de Natal-RN.

3.4 Com a palavra: os estudantes do 9º ano da Escola Freinet de Natal

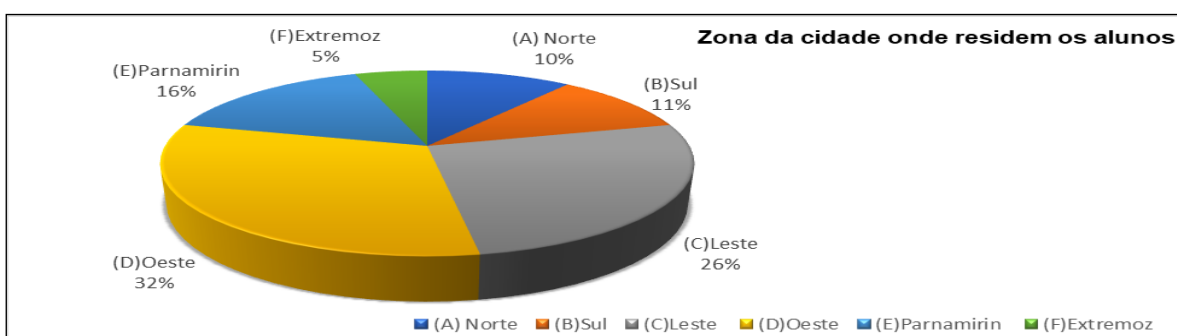
Chegamos a um momento muito especial de nosso trabalho, o momento em que vamos expor aquilo que apreendemos e nos possibilitou uma aproximação dos alunos da escola Freinet durante a pesquisa. Eles são nossos protagonistas e, por isso mesmo, pretendemos apresentar aspectos sócio, econômico, políticos e educacionais dos alunos do 9º Ano. Além de ouvirmos seu canto, por meio da pronúncia de sua palavra.

Nesse trabalho, buscamos compreender como se constrói a concepção política e social do aluno através das práticas que ocorrem na escola Freinet. Nesse sentido, vamos começar buscando conhecer os sujeitos desta pesquisa; onde vivem; o que pensam e o que sentem estudando na Escola Freinet.

É importante ressaltar que a Escola Freinet em seu ano de fundação, se destacava por ter alunos de várias classes sociais e essa mistura significava naquele momento histórico uma quebra de paradigma, pois tínhamos as escolas públicas que recebiam os mais humildes e desfavorecidos e as escolas privadas que recebiam os filhos das famílias abastadas como já descrevemos em capítulos anteriores.

Na escola Freinet podíamos encontrar uma mistura de classes sociais convivendo conflituosamente em um mesmo espaço educativo. Hoje, os alunos da Escola Freinet, cujo prédio localiza-se em um bairro de elite da Cidade de Natal-RN, são oriundos de diversas zonas da cidade de Natal e de diversas cidades do Rio Grande do Norte: Vejamos o gráfico.

Gráfico 1. Zona da cidade em que residem os alunos



Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2020)

O gráfico 1 aponta que a maioria dos alunos da escola hoje se concentram na zona Oeste de Natal – RN, não por coincidência, é uma zona da nossa capital, onde concentram-se muitos bairros periféricos que abrigam muitas famílias com situação sócio e econômica vulnerável.

A Escola Freinet, tinha uma característica peculiar, pois recebia alunos de classe média alta e, ao mesmo tempo, os filhos das lavadeiras e empregadas das casas e prédios que ficavam ao redor da escola. Essa característica inicial da escola permitia que os que pagassem, criassem as condições materiais para que outros que não podiam pagar recebessem o mesmo serviço educacional.

Mas, essa não é mais a realidade da escola, conforme sinalizamos existem poucos matriculados pagando as parcelas integralmente, o que induz a escola a funcionar precariamente, uma vez que seu público é muito mais constituído por bolsistas do que por alunos pagantes ou filhos de famílias da classe média alta.

Mesmo assim, identificamos que na escola permanece a mistura de classes, assim como encontra-se preservada uma prática educativa submetida a um só entendimento: o de proporcionar educação para todos os alunos, mesmo que sejam de classe sociais diferentes.

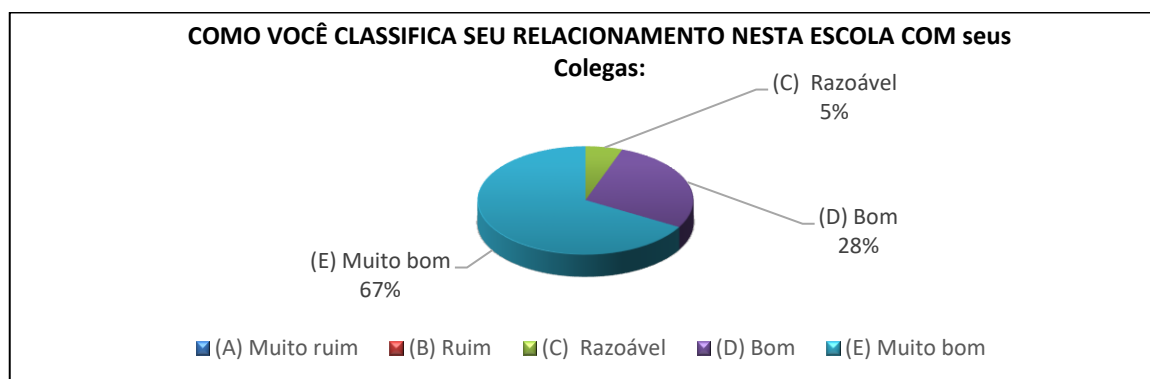
Indo mais a fundo, buscando uma maior aproximação e compressão junto as práticas educativas da escola, foi possível encontrar muitas situações que evidenciassem as concepções e práticas políticas e sociais desenvolvidas nesta escola e o quanto isso estaria sendo relevante para os alunos.

Mas, como pesquisadora que desejava construir as condições para que os alunos se expressam, busquei entre as técnicas realizadas por Freinet, aquela que nos possibilitasse desenvolver nosso trabalho através da fala dos alunos. E, entre as técnicas a que se apresentou mais sintonizada com o que necessitávamos, foi a técnica da Livre expressão.

Esta técnica já mencionada anteriormente é um dos princípios fundamentais na Pedagogia Freinet, pois aposta todas as suas fichas na comunicação tão desejada por todos os alunos, uma vez que falar e discutir sobre a vida se constitui em uma necessidade, que deve ser respeitada e trabalhada pela escola.

Pensando nisso, procuramos junto aos alunos encontrar uma maneira de saber como se sentem em relação a escola, de forma que expressassem seu pensamento quanto as suas opiniões, reações, posições e críticas.

Começamos por tentar entender, por meio da entrevista estruturada, como classificariam seu relacionamento junto aos seus colegas. Após obtermos as respostas dos alunos, nos foi possível organizar o Gráfico abaixo, que expressa o que eles pensam sobre essa temática. Vejamos:

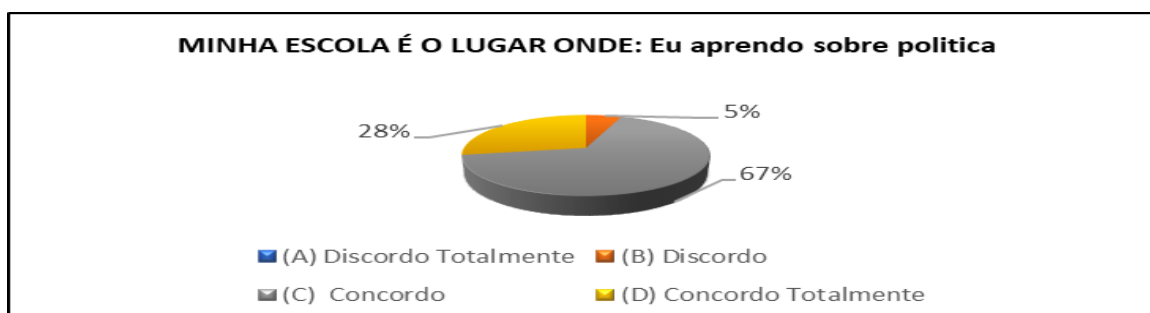
Gráfico 2. Classificação do relacionamento dos alunos com os colegas

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2020)

As respostas revelaram que a maioria dos alunos consideram a escola um lugar de encontro, de relações sociais não só com seus colegas, mas também com seus professores, um local onde ocorrem práticas sociais e onde aprendem sobre política. Também descobrimos que é um local onde os alunos se sentem à vontade.

As respostas também revelaram que consideram que a Escola Freinet em relação ao ensino e as práticas Sociais é melhor que a escola de seus amigos, que é um lugar onde conseguem aprender mesmo com o diálogo presente em sala de aula e que na maioria das vezes discutem a avaliação realizada pelo professor.

Essas constatações nos fazem pensar que em tempos tão difíceis, quando parece não haver mais alternativas torna-se urgente recuperar nas escolas a dimensão política da educação. Para nós, a recuperação política, implica em compreender e trabalhar a escola enquanto um espaço para promover o encontro de um determinado público, de modo que esse público construa sua relação dialogicamente, de tal forma que dialogando ela se sinta construindo seus caminhos na instituição. Vejamos no gráfico abaixo, como os estudantes compreendem a escola, enquanto um lugar onde pode se aprender sobre política:

Gráfico 3. Minha escola é o lugar onde: eu aprendo sobre política

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2020)

Observa-se no gráfico acima, que 67% opinam acerca de que a escola é um lugar onde eles aprendem sobre política. Essa dimensão da aprendizagem se encontra totalmente atrelado a nossa pesquisa quando falamos das concepções políticas e sociais que educam os sujeitos nesta escola.

Trazendo para o debate o pensamento de Paulo Freire (2002) podemos dizer que a educação que proporcione a leitura crítica do mundo e permita a compreensão da sua realidade social e política, seria a essência da educação emancipadora e autônoma, que possibilita que pessoas das classes menos favorecidas da sociedade desenvolvam uma consciência crítica de sua situação e vejam-se como protagonistas da própria história, capazes de transformar a realidade, sempre coletivamente: “Ninguém luta contra forças que não entende; ninguém transforma o que não conhece [...] Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor”(FREIRE, 2004, p. 45)

Já para Freinet (2004) o aluno tem responsabilidade pela aquisição de sua aprendizagem política, afirmando que ela é um processo natural nos seres humanos. A escola, de modo geral, não caminha para o mesmo sentido, ela se coloca no meio deste processo acreditando ser ela o elo entre aprendizagem e indivíduo, porém vejamos o que o autor francês afirma sobre a aprendizagem política ocasionada pelo método natural:

É o indivíduo que deve construir as bases sólidas de suas aprendizagens, sejam elas pedagógicas ou políticas, recorrendo aos adultos e ao meio, como auxiliares que favorece sua ascensão: existe, então, educação. Se, do exterior, se impõe ao indivíduo um quando de condicionamento que não serve a suas necessidades naturais, existe domesticação. O Método Natural, baseado na livre expressão do aluno e na pesquisa experimental, favorece as aprendizagens no sentido de um trabalho genético, que responde a todas as exigências do homem. (FREINET, 1998 p.84)

A concepção de aprendizagem de Freinet (2004) que se dá pelo método natural encontra sua fonte nas necessidades do educando, que recorre aos adultos ou a escola, como auxiliares, pois só o indivíduo pode construir as bases sólidas de sua aprendizagem.

Por esse motivo, Freinet (2004) não acreditava na formação dos alunos para uma futura cidadania, os alunos atuam na vida hoje, enfrentam todo dia ocasiões que exige delas a utilização de seus valores para tomar decisões, e fazer escolhas, para nos ajudar a entender (BOLEIZ, 2012) explica:

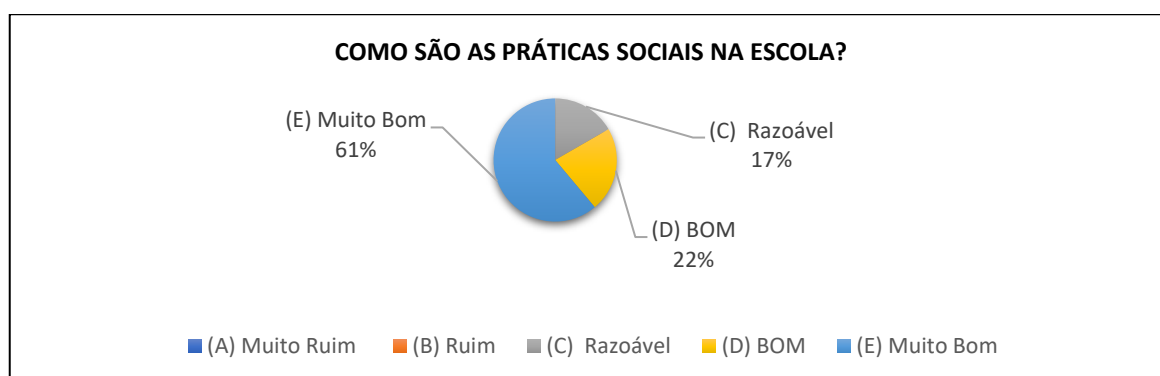
Assim, a escola não tem o caráter de preparar os educandos para virem-a-ser, mas, desde já e a todo o momento, de propiciar a vivência concreta e real de inserção social a todas as crianças. As especificidades do contexto histórico e social em que Freinet nasceu e viveu sua infância e adolescência obviamente contribuíram para sua visão de mundo e para sua compreensão do significado da educação (FREINET, 2012, p. 73)

Conforme nos sugere BOLEIZ (2012), a tarefa da escola não é preparar o aluno para o futuro, mas criar as condições para inseri-lo na sociedade em que ele vive. Nesse sentido, o ponto de partida de uma boa aula pode ser a que cria as condições para que o aluno se expresse. Assim, as perguntas fundamentais, podem ser: qual é a necessidade desse aluno? O que ele deseja aprender? Quais são suas inquietações?

Para responder estes questionamentos, teremos que falar das práticas sociais e culturais que acontecem na escola, sabemos que assim como a política outro eixo central deste trabalho são as práticas sociais vivenciadas pelos alunos e tão importantes na maioria dos eixos e teorias educacionais.

Por este motivo, buscou-se também saber dos alunos se para eles a escola representava um lugar de práticas sociais. Vejamos a representação no gráfico abaixo:

Gráfico 4. As práticas sociais na escola



Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2020)

Nesta perspectiva as práticas sociais na escola têm grande importância para os alunos pois é através da materialização deste fenômeno que eles podem criar e moldar a sua concepção de política e de prática social e cultural dentro da escola.

Destaco ainda, a importância de um espaço escolar que permita essas trocas de experiências, para que o trabalho pedagógico propicie a participação ativa desses alunos, através da compreensão destes como sendo sujeitos ativos de sua aprendizagem.

Podemos averiguar através dos diálogos na reunião do grupo focal, que os próprios alunos se posicionam de forma positiva quanto a importância das práticas na escola dentro dos contextos da aprendizagem, da política e da liberdade, vejamos o que o representante C5, nos diz:

A gente acha que tipo, os debates, os trabalhos pedagógicos, as dinâmicas e o próprio grêmio escolar a diversidade fazem a diferença. O teatro é algo muito importante também, pois era uma coisa difícil para mim, e agora eu consigo participar. Gosto de Tudo na escola. Eu aprendi a respeitar a opinião dos outros, mudei muito desde que

vim parar aqui nessa escola. Gosto da forma de ensino, porque eu vim de uma escola bem tradicional e o que eu aprendi foi tentar ter mais paciência com o outro. Eu gosto de ter abertura para conversar eu acredito que tudo se baseia na conversa e em ouvir o outro (REPRESENTANTE C5, 2019).

Observamos nas falas dos alunos uma grande marca representativa da expressão livre e do uso da cultura como algo importante e marcante para a formação e constituição das concepções políticas e sociais dos alunos. Obvio, que para que isso aconteça gradativamente é preciso que o aluno possa entender o que cada uma dessas categorias representa em sua formação.

E, para que esse conhecimento possa de fato acontecer, constata-se nos exemplos descritos pelos alunos o papel importante do educador como uma figura parceira que proporciona caminhos condizentes com as práticas, políticas, liberdade e situações que sempre ocorrem na escola. Vejamos:

Eu gosto das aulas de Ademar (Professor de Geografia) porque ele conversa bastante e usa questões da vivência e da política em suas aulas e o professor Guto também. Eu gosto da Liberdade da forma de ensino e a forma como ela (Escola) se organiza, pois em outras escolas, todos os alunos sentam um atrás do outro em fileiras e aqui não todo mundo está sentado da forma que quiser, ou em roda e todos conversam não só o aluno, mas sim o aluno e o professor também, então não é só o professor dizer: EU FALO e vocês fazem, tem uma troca (REPRESENTANTE, A3 2019)

Podemos perceber que para isso o educador precisa antes de tudo conquistar seus alunos, estabelecendo um clima de confiança e segurança em sala de aula e fora dela e a motivação intrínseca deverá funcionar como uma mola propulsora ao longo do processo educativo. Segundo Pereira (1997),

[...] A prática da expressão livre segundo a experiência por tentativas, em Freinet, é considerada etapa indispensável no processo de relações entre criança e o meio, e entendida como trabalho resultante da reflexão e análise [...] instrumento de expressão dos seus pensamentos. (PEREIRA 1997, p. 82-85)

Olhando com carinho para o trabalho político, pedagógico e as práticas sociais da Escola Freinet, através das práticas culturais que esta instituição desenvolve, nos foi possível perceber que nessa escola trabalha-se as atividades culturais, atribuindo-se a elas a mesma importância dos conteúdos pragmáticos escolares que fazem parte do currículo escolar.

Mas o que é cultura e qual a sua relação com a educação? Candau (2003) afirma que cultura é um fenômeno plural, multiforme que não é estático, mas que está em constante transformação, envolvendo um processo de criar e recriar. Ou seja, a cultura é por sua vez um componente ativo na vida do ser humano e manifesta-se nos atos mais corriqueiros da conduta do indivíduo e, não há indivíduo que não possua cultura, pelo contrário cada um é criador e propagador de cultura.

Ribeiro (1972) afirma que

[...] cultura é a herança social de uma comunidade humana, representada pelo acervo co-participado de modos padronizados de adaptação à natureza para o provimento da subsistência, de normas e instituições reguladoras das reações sociais e de corpos de saber, de valores e de crenças com que explicam sua experiência, exprimem sua criatividade artística e se motivam para ação. (RIBEIRO, 1972, p.83)

O autor converge na ideia de que embora a cultura seja um produto da ação humana ela é regulada pelas instituições de modo que se lapida a ideia a ser manifestada segundo os interesses ou valores de crenças de determinado grupo social. A cultura para Ribeiro também é uma herança que se resume em um conjunto de saberes que são perpassados através das gerações, saberes estes manifestados e experimentados pelo ancestrais.

Quando se trata de cultura e educação, podemos dizer que são estes fenômenos intrinsecamente ligados, a cultura e a educação, juntas tornam-se elementos socializadores, capazes de modificar a forma de pensar dos alunos e dos professores; quando adotamos a cultura como uma aliada no processo de ensino-aprendizagem estamos permitindo que cada indivíduo que frequenta o ambiente escolar se sinta participante do processo educacional, pois ele nota que seu modo de ser e vestir não é mais visto como "antiético" ou "imoral", mas sim uma forma de este se socializar com os demais colegas, alguns autores defendem a ideia de a educação não pode sobreviver sem a cultura e nem a cultura sem a educação.

Candau (2003) afirma que:

A escola é, sem dúvida, uma instituição cultural. Portanto, as relações entre escola e cultura não podem ser concebidas como entre dois polos independentes, mas sim como universos entrelaçado, como uma teia tecida no cotidiano e com fios e nós profundamente articulados (CANDAU, 2003, p. 160).

É claro que nem todos os alunos absorvem da mesma forma o que aprendem, não podemos também deixar de pensar na liberdade que se apresenta e que as vezes a prática da liberdade exige um certo grau de maturidade, no entanto tudo vai depender de como o professor direcionará a sua aula, vejamos o exemplo descrito abaixo:

Chamo meus alunos de partilhantes, não uso a forma tradicional de *Professor x Aluno* e eu os deixo bem à vontade. Inclusive um dia um aluno até se assustou. Pois percebendo que ele não estava gostando da minha aula, me aproximei e disse a ele: "Você tem direito de na minha aula sair da sala, se nesse dia você não estiver a fim de assistir a minha aula. Você pode sair pois eu vou achar um ato de repudio a minha aula e eu vou repensar como te conquistar, pois esse é meu dever, sem perder sua amizade, o aluno ficou desconfiado, mas, mesmo assim saiu da sala de aula. Uns dez minutos depois, ele volta a porta e pergunta se pode voltar, eu pergunto por que ele gostaria de voltar? Ele Responde: Porque sua aula está mais legal do que lá fora! (PROFESSOR HUGO CASTRO, 2019)

É claro que poderia ter acontecido o contrário e o aluno poderia achar que estava dispensado da aula e que poderia fazer isso com todos os outros professores e ainda levar a aprendizagem dessa experiência para as ruas, para seu cotidiano, para a sociedade, para os grupos com os quais convive. Essa é a grande questão. Como essa situação criou uma concepção de que ele precisava voltar para a sala de aula? A concepção de ser ético e consciente das suas responsabilidades?

Acreditamos que ao experimentar a sensação de pensar no que fazer de sua liberdade o aluno sentiu a necessidade de gerenciar a liberdade que lhe foi proporcionada pelo professor. Assim, ao não ser tratado como objeto que se possa manipular, mas pelo contrário, como pessoa provida do direito de escolha ele pode fazer sua escolha e, no caso ele decidiu voltar para aula.

Construindo dados e informações, ao ouvir os estudantes, muitas vezes nos surpreendíamos com as respostas ou reflexões que eles pronunciavam. Vejamos pela própria fala do aluno, como ele percebe a proposta de educação em que a liberdade é praticada.

Tipo, a escola tradicional é feita para o mercado de trabalho: Exemplo, Sentar-se na fileira, passar 5 horas sentado fazendo alguma coisa que não gosta, sob o tom hierárquico de alguém que está ali mandando em vocês, onde não temos liberdade. Nesse caso a figura hierárquica é a do professor, aquele que a gente tem que obedecer. E Aqui não, aqui é totalmente ao contrário, até a maneira como a escola se organiza é diferente da tradicional é interessante, eu gosto disso (REPRESENTANTE, A2 2019).

Os professores nessa escola compreendem a importância de ouvir os alunos. “Precisamos ouvir nossos alunos, o mundo está mudando rapidamente, e precisamos acompanhar essas mudanças, como dar uma aula sobre liberdade? Dando Liberdade”. (Professor Hugo Castro, 2019).

Esse entendimento é de ordem prática, pois, a liberdade não é uma abstração, ela manifesta-se na medida em que as condições são criadas para seu exercício, mas liberdade não se dá nem se recebe, ela é construída na relação que tende a ser conflituosa.

Entende-se, que nesse contexto em que a educação se constitui em uma prática da liberdade o aluno ao sentir que faz parte da organização descobre um sentido pessoal e social na escola, que deixa de ser apenas um espaço que ele vai por obrigação e passa a ser um lugar em que ele se implica, por sentir-se parte da instituição.

Ao se reconhecer como um membro da comunidade escolar passa a colaborar, mediar conflitos e problemas; faz a escola se tornar o campo de construção social, e não apenas de instrução, e que educação moral é, portanto, aprender sobre o que significa a construção de indivíduos autônomos, pensantes e democráticos. Vejamos o que um dos alunos com o qual conversamos pensa:

Aqui a gente é incentivado a acreditar na nossa capacidade de fazer e a fazer coisas que em muitas escolas os alunos são oprimidos, aprende-se a respeitar o outro em sociedade, pois nessa escola tem muitos alunos especiais e assim aprendemos a viver com as diferenças” (REPRESENTANTE A4, 2019)

Ouvindo esses dois últimos alunos não podemos deixar de pensar em duas palavras citadas em suas falas: Liberdade e opressão. Estas palavras aparecem como afirmação da liberdade que experimentam na Escola Freinet e como recusa do que se vive em outras unidades de ensino: a opressão.

Não podemos deixar de pensar em Paulo Freire quando ouvimos essas duas palavras. Na obra, intitulada: Medo e Ousadia (1987), em um de seus diálogos, Freire fala claramente que “Quem sabe essa seja a razão pela qual a educação formal nas salas de aula não consiga motivar os estudantes. Os estudantes são excluídos da busca, da atividade e do rigor. ” Vejo neste pensamento de Paulo Freire uma aproximação com a prática pensada por Freinet.

Pode-se perceber que é dada sempre muita importância para o que os alunos estão fazendo nos processos de construção dos seus conhecimentos, a Pedagogia Freinet oferece oportunidades de viagens para outro lugar sem sair da escola, porém, na escola que pesquisamos existe um cuidado para que essa construção pelo aluno se articule com os conteúdos do 9º ano.

É perceptível na escola que as áreas próximas a Filosofia como a Sociologia, parecem ter um papel fundante para os alunos pois o intuito da escola não é a de fabricar peças de reposição para o mercado, como médicos, advogados, trabalhadores como mão de obra alienados de si e da profissão, mas sim preparar para o mundo tendo visão crítica, política e social.

Essa preparação pode ocorrer por vários caminhos, entre eles o da arte. Mas, o que talvez faça diferença no processo formativo é estabelecer a relação entre as disciplinas, borrando as fronteiras e instaurando cada vez mais nos corpos dos alunos um saber que sabe que tudo se articula, se relaciona e que essa relação não nega a especificidade de cada disciplina.

Quando pensamos em como a escola educa os alunos para a criação das suas concepções políticas e sociais através da prática educativa precisamos pensar em política, como se constitui o pensamento político destes alunos? No sentido de entender em primeiro lugar o que é política? Qual o papel dos alunos quando falamos de política na escola.

De acordo com os alunos a política está em tudo que constitui a escola, foi muito bonito perceber que eles compreendem a escola enquanto um espaço politizado e que a política se faz presente em tudo. Para uma aproximação do que nos foi dado saber na pesquisa, fiz a descrição do que um estudante nos narrou, vejamos:

A política está em tudo! É a maneira da gente se relacionar com todo mundo. A política aqui na escola é diferente porque eles (os professores) nos dão ouvidos, escutam o que a gente fala, mesmo que a gente não acolha tudo que eles dizem, mas eles estão abertos a nos escutar. (REPRESENTANTE B2, 2019)

Diante desta fala da representante B2, observa-se que uma das diferenças no processo de educação política da escola é que mesmo os alunos não concordando com tudo o que os professores dizem, eles têm a certeza de que os professores os escutam. Talvez, essa seja uma das atitudes educativas mais importantes da escola, a escuta autêntica.

O que podemos perceber nestes alunos é que vivem uma situação de relações. Relações através das práticas políticas e pedagógicas da escola, relações não apenas de contato, mas com o mundo, e ao serem capazes de compreender este fenômeno os alunos criam sua concepção política e social de sujeito atuante e assim a educação reproduz em seu plano uma estrutura dinâmica e dialética na produção de conhecimento desses alunos.

Sabemos que nem tudo é perfeito em todo esse tear educacional. Mas, a escola deixa marcas, como que tatua nas pessoas os processos positivos e suas marcas negativas. Assim, sendo, nos parece que a visão da liberdade dos alunos é uma fonte a partir da qual eles se pronunciam quanto ao que é positivo e negativo na escola e no seu processo educativo.

Podemos dizer que a formação da personalidade das pessoas que frequentaram a escola, carrega muito do que viveram no tempo da construção de sua educação escolar. Para os alunos da Escola Freinet, observamos durante as conversas, entrevistas e utilizando outros instrumentos, como a observação para nos aproximarmos dos alunos que, para eles a questão profissional parece estar ligada ao sentimento de se reconhecer ou não no que a profissão escolhida lhes reserva.

Para eles parece-me que a habilitação profissional, assim como a formação não se implica apenas em escolher algo para fazer quando se tornarem adultos, mas está ligado a formação humana, a ética e a gostar do que irão escolher para ser. Vejamos na fala da aluna:

A principal coisa que eu aprendi foi a ter senso crítico, e a enxergar as coisas de uma maneira mais artística eu acho que eu comecei a me questionar muito sobre as coisas e a formar opiniões e é isso. Eu gosto da convivência na escola das pessoas ao redor e das amizades. Eu aprendi que eu tenho voz e direitos que devem ser respeitados e que eu posso usar eles. Por isso, acho muito legal porque os professores, sempre nos perguntam onde queremos que a aula aconteça, se na sala de aula ou lá fora, isso para mim é liberdade. (REPRESENTANTE C7, 2019)

Nesse sentido, pensando nas palavras dos alunos, podemos entender que estamos todo o tempo falando das práticas pedagógicas que ocorrem dentro e fora da sala de aula, pois são

as conversas em outros espaços, a convivência e amizades que constroem cotidianamente uma atmosfera de aprendizagem o que importa a Escola Freinet.

Sabemos que os alunos ao longo de toda a trajetória de vida irão adquirir conhecimentos concebidos por suas próprias experiências, por suas relações sociais com outros alunos, com amigos, no âmbito familiar e em instituições educadoras e são essas relações que estarão moldando esses alunos como sujeitos históricos e atuantes na sociedade.

Por fim, entendemos que todo esse debate em torno do pensamento do aluno se constitui na busca por dialogar sobre a importância de ouvir o aluno, reconhecendo-o enquanto agentes do conhecimento, potencialmente transformadores da escola.

Entendemos que numa Pedagogia vivenciada na condição moderna os alunos têm acesso a uma variedade infinita de informações e que o papel de professores, sabedores dos conteúdos validados culturalmente é de apenas auxiliá-los a construir sentidos e articulação das informações para que elas se transformem em conhecimentos providos de significado à sua realidade.

Quanto mais se realizam pesquisas que têm como estratégia ouvir a voz dos alunos e alunas, mais se amplia e se aprofunda a compreensão de que não podemos falar por eles, mas que precisamos criara as condições para que eles se pronunciem, o que implica necessariamente em um processo de assumirmos que na pesquisa que envolve jovens e adolescentes a tarefa do pesquisador é ouvi-los.

A fala dos alunos do 9º Ano, nos possibilitou compreender que é necessário ouvi-los para nos aproximarmos dos modos como a cultura escolar se materializa, uma vez que a escola existe, entre outros motivos, pela existência de cada um desses alunos que nos falou e, que durante a pesquisa estávamos prontos para ouvi-los.

Vamos sair dessa pesquisa, com consciência de que é lindo ouvir a voz dos alunos, mas ouvir de modo autentico, sem querer transferir para eles nossos discursos, no momento em que fazemos a transcrição das falas ou a interpretação dos dados e informações que eles nos possibilitaram acessar quando pronunciaram suas palavras.

Por fim, podemos inferir que os alunos evidenciaram que na escola onde estudam, são escutados e que, em uma escola com esse projeto educativo a educação não se restringe a uma mera transferência de conhecimentos, se torna um lugar de vida, de produção de conhecimento e que propulsiona novas formas de interpretar, ver e ouvir a realidade a partir de si, mas na relação com o outro. Agora, vamos nos aproximar de um outro segmento que constitui a centelha de fogo que mantém a escola viva: os professores.

3.5 Para uma aproximação dos professores da escola Freinet

Quem são os professores da Escola Freinet? Essa é uma pergunta pretenciosa, que não podemos responder, mas apenas tatear, buscando uma aproximação dessas pessoas. Realizamos essa aproximação, por meio de conversas livres, em que elaboramos perguntas simples, como por exemplo: A quanto tempo estavam na escola?

Foi um movimento de pesquisa muito importante, porque nos possibilitou percebermos muitas coisas interessantes, que florescem em uma conversa quando se parte de um concreto posto, como por exemplo, o tempo que cada professor se encontra trabalhando na escola.

Os depoimentos dos professores que participaram da conversa livre, foram no mínimo instigadores. Pois, enquanto alguns professores novos estão na escola há pouco mais de um ano, os professores mais antigos já possuem mais de uma década que compõem a Escola.

No processo de construção dos dados e informações, que inicialmente se deu pela conversa livre e posteriormente por meio das entrevistas, foi comum nas falas dos professores entrevistados o fato de sentir-se livre para realizar sua aula da forma que achar mais espontânea possível, vejamos a fala do professor de Filosofia que está na escola *a pouco mais de um ano*:

[..] A Ideia de aula ela acontece de forma espontânea e natural misturando o que se tem de estrutura dentro da escola para explicar um determinado “Fenômeno”, um objeto de estudo da Filosofia como por exemplo: A Ética. Trabalhar a Ética com os alunos a partir do pensamento pedagógico de Freinet. É fantástico. (Professor GUTO, Filosofia, 2018)

Observe-se aqui, no depoimento do professor, que ele se refere a uma mistura entre o que há de estrutura na escola com as teorias de Freinet. Talvez, seja esse um dos desafios da escola, trabalhar com a estrutura física daquilo que conhecemos como uma escola, como sala de aula, por exemplo, relacionando com uma formulação que denuncia essa estrutura e anuncia outras possibilidades de se educar.

Essa perspectiva anunciada pelo professor, parece se espalhar por todo o corpo docente. Estes tendem a tomar como base de orientação para suas práticas, duas referências: aquilo que a escola possui e não uma estrutura física idealizada e o pensamento pedagógico de Freinet.

Conforme observávamos, compreendíamos que tudo o que estava em curso entre os professores se dirigia para a transformação do momento de estudo e de aprendizagem, em um momento especial para aluno e professor num processo dialógico constante.

Pensando nos processos dialógicos, nos remetemos a Paulo Freire, pois este é um dos eixos principais e fundantes de toda a teoria freiriana: o diálogo. Nascido na prática da liberdade, enraizado na existência, comprometido com a vida, que vira história no seu contexto.

Vejamos em sua obra *Pedagogia do Oprimido* o que nos diz Freire, sobre a dialogicidade:

A dialogicidade é a essência da educação como prática da liberdade. O diálogo é tratado como um fenômeno humano em Paulo Freire, “se nos revela como algo que já poderemos dizer ser ele mesmo: a palavra. Mas, ao encontrarmos a palavra, na análise do diálogo, como algo mais que um meio para que ele se faça, se nos impõe buscar, também seus elementos constitutivos (FREIRE, 2005, p.89)

Assim, cria-se, nas diversas áreas do conhecimento, situações em que o aluno aprenda a utilizar os seus saberes como instrumento de compreensão da realidade, seja de utilidade prática, seja na formação de estruturas do pensamento. Vejamos um exemplo citado por um dos professores da instituição:

[...] Por convicção e respeito ao indivíduo, e como partilhante deste em sala de aula, procuramos promover a liberdade intelectual e estimular o uso da razão pura, do pensamento mais autêntico de cada um. Senão qual o sentido de trabalhar com a Filosofia? Essa necessidade de estimular a liberdade intelectual de cada partilhante é uma provocação a velha escola - quando somente os professores e os livros eram promotores do saber e a gente tinha que decorar tudo para passar de ano. Fico extasiado com meus alunos pela excelência dos conteúdos filosóficos ministrados em sala por eles. Foi sensacional, inédito, fascinante. (PROFESSOR GUTO, FILOSOFIA, 2018)

Este depoimento do professor anuncia uma forma de educar em que o professor reconhece que os educandos educam: “Fico extasiado com meus alunos pela excelência dos conteúdos filosóficos ministrados em sala por eles”.

Além disso, percebemos a busca do professor em oferecer meios que permitam ao aluno expressar e comunicar suas ideias de modo claro e preciso, compreender e se fazer compreendido nas suas elocuições, (princípio da comunicação e expressão); desenvolver uma consciência positiva sobre a valorização do trabalho na construção da cidadania e propiciar um clima harmonioso de trabalho, em sala de aula de modo que o aluno se sinta corresponsável nas suas aprendizagens e as assumam com autonomia e responsabilidade, (atendendo assim ao princípio da educação para o trabalho);

Os professores dessa escola também procuram desenvolver atitudes de respeito, solidariedade, ajuda mútua e sociabilidade, garantindo um convívio social democrático no seio do grupo no qual o aluno está inserido, ao tempo que propicia condições de um crescimento maior e mais eficaz face as contribuições valiosas dadas e recebidas do grupo classe, vivenciando assim o princípio da cooperação; orientar o aluno de modo que ele se perceba como agente transformador da sociedade.

Vejamos uma situação vivenciada pela professora de Língua Portuguesa que está na escola *há quase uma década*.

[...] Ontem mesmo (Dia 21/05/2019) tive aula no nono ano, era aula de redação, e quando fomos escolher os temas teve um aluno que disse: Professora, vamos falar dos cortes das verbas na educação? Aí eu disse, calma pessoal, já temos aqui outros temas que vocês escolheram, mas o aluno disse: “Professora, esse tema é mais urgente. Inclusive professora eu fui ao “Ato” e isso me deixou com muita vontade de falar. Outra coisa interessante é o momento da reunião inicial, que é o momento que precisamos ouvir o aluno, e na escola tradicional isso vem se perdendo, existe uma pressão muito grande nas outras escolas pelas questões quantitativas, em relação as avaliações, as notas que aqui não temos. Estamos preocupados em que o aluno aprenda. Associando as questões sociais e políticas com o conteúdo e assim vão formando uma opinião e um posicionamento. Se você for conversar com o aluno você vai perceber nele um lado político e crítico ali criado e estabelecido socialmente (VANESSA, PROFESSORA DE LP, 2018).

Para a professora é clara a importância de estabelecer momentos de reflexão individual, em grupo e coletiva para que o aluno possa repensar suas aquisições, tanto cognitivas como comportamentais e atitudinais e, se necessário, retomá-las e refazê-las no caso das aprendizagens cognitivas e reorganizá-las e reestruturá-las.

No caso das aquisições comportamentais e atitudinais o processo será contínuo de construção e reconstrução de seus saberes e de sua formação de um modo geral, ou de outro modo podemos dizer que se evidencia o princípio do tateamento experimental.

Podemos constatar que para o educador da Escola Freinet, se apresenta um grande desafio: Pensar e praticar a educação enquanto uma atitude política aberta a desconstrução, construção e reconstrução de saberes e valores socialmente construídos. Esse processo implica muitas vezes em choques entre a proposição da escola Freinet e a trajetória formativa de alguns professores.

Foi visto durante a pesquisa que para os professores é exigido muito empenho na sua formação, sobretudo no que concerne as exigências da pedagogia Freinet, na condução do processo de ensino-aprendizagem, para que assim possa chegar aos resultados esperados - a formação de um cidadão livre e consciente de suas responsabilidades perante a sociedade na qual está inserido. A orientação dos alunos na vivência da pedagogia também é uma condição essencial ao seu engajamento no processo de sua formação e essa orientação deve ser dada pelo professor, tantas vezes se faça necessária.

Para isso o professor precisa observar que o dialogo coletivo cria o sentimento de responsabilidade diante de alunos e professores e transforma o dialogo escolar em um momento em que é possível deliberar respeito, temas que interessam, propor e acordar soluções, melhorar a compreensão mútua e fazê-los sentir mais comprometidos com os acordos que se devem adotar.

Nos voltando ao contexto do educador, trazemos para o debate a maneira como Freinet e Freire veem o ato educativo. Para estes dois educadores é impossível que haja no processo de

educação a neutralidade. Por isso, nos parece que os dois educadores partilham da ideia de que o conteúdo a ser trabalhado na escola pode ser construído e que além dos conteúdos obrigatórios se faz necessário trabalhar a consciência política e a recusa de manipulação do homem.

Esses dois educadores, demonstraram que a ação pedagógica possui grande relevância no processo de libertação e conscientização humana, mesmo tendo estes, atuado em épocas diferentes. O modo que Freinet trabalhava suas aulas deixava clara a sua contribuição para o desenvolvimento da autonomia, juízo crítico e responsabilidade nas crianças.

Práticas como a “expressão livre” dava criatividade e liberdade aos educandos e estes tinham palavra e vida no processo de ensino-aprendizagem. Já Freire, concebia a palavra como algo capaz de transformar a realidade político-social dos sujeitos, pois ao utilizar a palavra, as pessoas constroem seus caminhos de forma consciente.

Praticar a pesquisa também é uma máxima que Freire (1996, p. 32) chama a atenção, “não há ensino sem pesquisa nem pesquisa sem ensino”. Para que haja a pesquisa o professor precisa saber pensar, que é pôr em dúvida suas certezas, suas verdades para aprender o conhecimento já existente e aquele que ainda não existe.

A cooperação e relação dialógica entre alunos e professores são princípios defendidos por Freinet e Freire. Freinet focaliza a modificação do espaço escolar mediante de métodos ativos de ensino, da cooperação e comunicação dos caminhos de meio natural e social; e Freire enfatiza o trabalho educativo ligado à ação e a organização social e política do mundo adulto.

Gostaria de salientar que apesar de pensamentos e práxis que dialogam com esta propostas pedagógicas de Freinet e Freire em alguns momentos se assemelham e em outros se diferenciam. Freire desenvolveu o método de investigação, codificação e decodificação temática (FREIRE, 1970). Enquanto Freinet cria o método natural de ensino, mostrando que o desenvolvimento do aluno se dá de forma gradativa, tendo relação com as necessidades próprias destes alunos e as condições fisiológicas, psicológicas e técnicas.

Freinet (1998) via a formação do homem integral como um direito de todos os cidadãos, que passaria de um plano concreto de vida para um mais abstrato quando conquistassem a liberdade. Este pensamento está claro em todo o trabalho de Freinet, tanto no aspecto educacional, quanto no aspecto político e social. Isto porque ele acreditava numa escola contextualizada, nascida no seio da comunidade, dinâmica e integrada, principalmente, à cultura em geral.

Já para Freire, para que houvesse educação, ou melhor, uma nova educação, era necessária uma grande modificação da sociedade, da política, da ética, do cotidiano dos indivíduos e dos grupos sociais.

Suas raízes de pensamento refletem uma educação para a autonomia e formação de cidadãos plenos onde não aconteça a exploração dos oprimidos. Mas apesar dessa divergência podemos dizer com propriedade que Freinet e Freire contribuíram, sobremaneira, para o projeto político dedicado ao aprimoramento de um direito social: a educação.

Diante desse debate, podemos constatar em muitos momentos ao observar as práticas educativas desempenhadas pelos professores nas aulas na escola Freinet, que o trabalho com o aluno acontece como uma aula aberta, quase nunca se usa o quadro, sendo praticamente sempre em forma de dinâmicas que internalizam os temas estudados. Ouvindo a voz do aluno, fazendo seminários e as voz do aluno quase que sempre está mais presente que a do professor.

Porém, até onde o professor da escola Freinet entende o seu trabalho educativo articulado com essas duas perspectivas? Essa é uma pergunta que trazemos para esse debate? Freinet tem o projeto da escola do povo e para que essa escola aconteça continua a exigir a dimensão investigativa, experiencial e colaborativa, por parte daqueles que se sentem mobilizados a desenvolvê-lo.

A Escola Freinet fez esta opção político-pedagógica, porém, constatamos que apenas alguns dos colaboradores da nossa pesquisa são imbuídos de tal espírito, o que, seguramente, tem influenciado para o grande *turnover*²⁸ de professores e colaboradores na escola.

As dificuldades técnicas, vivenciadas durante o período em que estive na escola expõe o fato de que a escola tem deficiências na área da Gestão-Administrativa, destaco em principal a dificuldade em gerir uma escola cooperativa com o pensamento de estar gerindo uma empresa, pois sabemos que cada uma compõe um seguimento diferente com características diferentes, não podendo o gestor pensar em gerir uma cooperativa da mesma forma que gere uma empresa.

Outra situação que abala a estrutura da gestão escolar e em consequência o trabalho pedagógico é o baixo número de captação de novos alunos anualmente e também o alto percentual de alunos que paguem pelo serviço que a escola presta de modo integral, Já que grande parte do quadro de alunos se constitui por alunos bolsistas. Essa configuração financeira da escola se apresenta como um gargalo para todos que fazem parte da cooperativa em especial os professores, porque compromete a sua retirada mensal de proventos, o que se configura por seus salários.

²⁸ A rotatividade de Pessoal, no contexto de Gestão de Pessoas, está relacionada com o desligamento de alguns funcionários e entrada de outros para substituí-los, ou seja, a rotatividade é caracterizada pelo fluxo de entradas e saídas de pessoas em uma organização.

Essa situação pode vir a trazer respostas para a grande demanda de professores que já passaram pela escola e que abraçam a pedagogia Freinet para o seu caminho educacional, porém não permanecem na escola. Acredito que este seja um grande mote para futuras pesquisas que estejam no âmbito da gestão administrativa de uma escola cooperativa.

LIÇÕES APRENDIDAS – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar as práticas e concepções políticas e sociais da Escola Freinet, objetivando compreender as implicações dessas dimensões no processo educativo dos estudantes do 9º ano, foi o que nos mobilizou para esta pesquisa.

Procurando ampliar e aprofundar o entendimento sobre, como a escola a partir do seu projeto educativo constrói com os estudantes uma concepção de política e de sujeito social atuante, de tal forma que essa construção fique tatuada em cada aluno e professor envolvido no processo, foi que escrevemos nosso texto dissertativo, reconstituindo a história da COOPERN e a criação da Escola Cooperativa Freinet. Nesse sentido, nossa intenção foi pesquisar possibilitando na pesquisa e em seus resultados o protagonismo dos sujeitos envolvidos: alunos e professores.

Buscamos nessa reconstituição compreender e expor os princípios do cooperativismo, eixos e assuntos pouco explorados quando voltados para assuntos educacionais, porém importantes para a nossa pesquisa.

Realizamos um estudo e partilhamos no início dessa dissertação aspectos históricos importantes sobre a escola cooperativa no Brasil, como por exemplo, como e porque ocorre o seu surgimento, no final dos anos 1940, sendo um movimento idealizado e constituído por professores, assim como o que deu a constituição da Escola Freinet.

Também se fez necessário uma aproximação de aspectos da vida, história e obras de Celestín Freinet, procurando saber sobre seu pensamento, técnicas e práticas para podermos entender como as concepção e práticas políticas e sociais da Escola Freinet afetam e educam os alunos do 9º Ano.

Queremos crer, que o nosso objeto de estudo se revestiu de uma substancial originalidade, em razão da pouca produção científica deste assunto estudado voltada para o ensino fundamental, e para o fato de procurarmos construir a percepção sobre as implicações do processo educativo da Escola Freinet, a partir da percepção e voz dos alunos que estudam nessa unidade de ensino.

Sobre as questões que desencadearam a pesquisa, teceremos os nossos comentários sobre essa nossa experiência com a pesquisa-ação, pois entendemos que sejam oportunas para uma reflexão acerca das conclusões as quais chegamos com nossa pesquisa.

Desde a fase de organização do nosso projeto, colocamos como característica principal a proposta de realizarmos uma pesquisa, que nos permitisse interagir e intervir junto aos alunos.

A interação, na perspectiva interventiva, entre pesquisadora e sujeitos colaboradores, permitiu a discussão sobre as práticas pedagógicas acompanhadas do olhar pedagógico dos professores e do olhar curioso e orgulhoso dos alunos que participaram das entrevistas e da reunião do grupo focal, assim, foi-se nutrindo através destes momentos o respaldo teórico para possíveis e necessários redimensionamentos e, por outro lado, a partir da complexidade e fertilidade da sala de aula, revelar conhecimentos novos, pertinentes à consistência que deve revestir o ato de ensinar e de aprender.

O que se pode constatar diante das observações, reuniões, entrevistas, momentos em que estava apenas a participar de algum processo interacional, como por exemplo o São João da Escola ou a Feira de Arte e cultura percebeu-se que em princípio o engajamento dos alunos nestes momentos é algo que faz parte do seu dia a dia, porque se sentem parte da escola.

Entender as práticas e concepções políticas e sociais da escola através da ação mediadora ao ouvir a voz dos alunos era o verdadeiro sentido do nosso trabalho na Escola Freinet. Vislumbramos compreender e também contribuir com o nosso estudo para que os educadores dessa escola ou aqueles que trabalham com a pedagogia Freinet, tenham mais uma ferramenta de estudo para orientarem e reorientarem as suas ações.

Consideramos que as práticas que acontecem nessa escola de fato educam o sujeito para a cidadania, para os processos políticos porque o projeto educativo possibilita uma consciência de que o que aprendem e apreendem no cotidiano escolar serve para a vida dentro e fora da escola. Pensamos assim, porque percebemos que as aprendizagens estão sempre imbuídas de um conteúdo que contempla um fazer político articulado com as relações sociais, como podemos constatar no capítulo em que tratamos das técnicas da escola.

É óbvio, que não pretendemos com nosso estudo usar do eufemismo para suavizar possíveis pontos negativos que observamos durante a pesquisa, como por exemplo questões organizacionais e pedagógicas da escola que muitas vezes se chocam com o projeto educativo da escola, como apontam os próprios alunos quando dizem não concordar com algumas decisões da direção da escola, como por exemplo não concordar com algumas aulas que representem liberdade em demasia para os alunos.

Este contraponto é algo salutar para o debate já que a escola traz em sua proposta a prática da construção da autonomia através da Livre expressão e a prática da liberdade por meio do fazer pedagógico. Tal situação muitas vezes pode representar para o aluno um complicado paradoxo e é algo relevante para ser debatido.

No desdobramento da pesquisa, procuramos não interferir na singularidade das pessoas envolvidas nem do grupo que pesquisamos, uma vez que se fizéssemos isso, não estaríamos

possibilitando que o objeto de estudo se anunciasse, mas construindo algo que a priori já teríamos estabelecido e estávamos apenas constatando.

Todo o nosso trabalho se pautou em buscar compreender mais detalhadamente sobre como os alunos da escola, constituem-se do saber político e social. Para isso foi preciso entender como tudo acontece na escola, entender o pensamento e posicionamento dos educadores e se de fato abraçam a pedagogia Freinet e o pensamento de uma pedagogia libertaria.

Apesar de muitos relatos e constatações de como as práticas dessa escola são revolucionárias e integradoras, muitos são os pontos negativos que encontramos durante o caminho. Começamos por dizer que a pedagogia Freinet é um modelo de ensino voltado para as séries iniciais, já anunciava o próprio Freinet.

O fato é que é possível verificarmos os avanços na produção científica e num bom número de práticas pedagógicas entre os professores da educação infantil e das séries iniciais, na perspectiva de uma ação pedagógica, que concebe o aluno enquanto sujeito ativo da sua aprendizagem e corresponsável na organização do trabalho em sala de aula.

Porém, quando se trata das práticas docentes nos quatro últimos anos do ensino fundamental, as propostas progressistas são tomadas como algo praticamente impossível de materializar-se. Em se tratando de pedagogia Freinet, historicamente, as experiências de maior sucesso que temos conhecimento, foram desenvolvidas em turmas do ensino fundamental, até a 4º ano.

Com isso, pretendemos colaborar para o preenchimento da lacuna que fizemos referência, partindo do entendimento de que as bases da pedagogia iniciada por Freinet não determinam limites quanto à faixa etária dos alunos, nem tampouco de etapas educacionais, no que concerne a possibilidade de vivência da mesma no âmbito das escolas. Sobre esta questão Freinet (1995) diz:

Não estimamos em absoluto que a escola deva parar sua ação na puberdade, que é, por assim dizer, o limiar da vida. Mas como fazemos questão de falar apenas dos temas que conhecemos particularmente, limitamos à puberdade nosso projeto educacional, deixando aos educadores do segundo e terceiros graus o cuidado de fornecerem um estudo similar relativo às idades que lhes concernem, para as quais os princípios gerais que enunciamos permanecem essencialmente válidos (FREINET, 1995, p. 17)

Todos esses dados demonstram a importância desta pesquisa quando trazemos para os debates as práticas e técnicas Freinetianas sendo desenvolvidas em uma turma do 9º ano dos Anos Finais.

Começamos as nossas citações por explicar por exemplo, que na escola Freinet até 5º ano as crianças assistem aulas em ateliês, já nos anos finais a partir do 6º ano os alunos passam a ter uma sala fixa o que se distancia da pedagogia Freinetiana de uma forma peculiar.

Mas, mesmo tendo tratado de princípios e algumas das técnicas de Freinet, reconhecemos que ao concluirmos esse trabalho descobrimos que há muito a se estudar, no que diz respeito as proposições desse pensador e educador francês, sobretudo quando constatamos as dificuldades dos que se dizem seguidores da sua proposta, para se inserirem na prática da pesquisa científica.

Também é nossa intenção, de alguma forma, atenuar a dívida da comunidade acadêmica, especialmente do âmbito educacional, em relação a Célestin Freinet, pois percebemos estudando que na academia por vezes tratam Freinet como sendo autor de uma obra menor, esvaziada de consistência teórica.

Os estudos que realizamos, evidenciaram não só a consistência teórica de Freinet, mas nos permite na conclusão dessa dissertação afirmar que Freinet é um dos poucos teóricos praxiológico no campo educacional, na medida em que observando as demandas da sua prática, pensou e formulou teoricamente e experimentou as ideais formuladas.

Vejo que Freinet tomava a vida, ou seu acontecendo como um *a-se-pensar* (*pensar no que fazia*) e *a-se-transformar* (*para que ocorra a transformação*). E, assim o fez, formulando e transformando. Desse modo educou os seus alunos de forma humanizada e, ele próprio se humanizou educando. Talvez, Freinet resguarde em si a beleza de ser um homem que sem gritar na sala de aula com crianças, conseguiu promover a autodisciplina e autonomia das crianças de forma que deve ter inspirado seus alunos a querer ser mais e melhores.

Cabe ainda ressaltar, que neste período de minha formação em nível de mestrado, enquanto aprendente, posso dizer que a minha imersão na Escola Freinet, por meio da pesquisa e os momentos formativos trabalhados pelos componentes curriculares do Programa de Pós-Graduação em Educação quando os cursei; os encontros e debates promovidos sistematicamente pelo Grupo de Pesquisa Sertânia e Educação, que sou membro e as conversas com outros pesquisadores do programa, me possibilitaram realizar muitas metamorfoses como pessoa e profissional que atua na educação.

Após a realização da pesquisa, compreendi que a desconstrução de uma prática pedagógica fragmentadora e fragmentada que se sustenta na existência de disciplinas que não dialogam entre si é um grande desafio.

Por isso, o sentimento de equipe, respaldado pela vivência cooperativa, é necessário que esteja presente nos grupos que trabalham com a pedagogia Freinet. No caso particular da Escola Freinet, o entusiasmo entre aqueles que compõem o quadro de associados da Cooperativa de Professores do Rio Grande do Norte - COOPERN, mostra-se tão relevante, quanto a qualificação das práticas a partir dos princípios do Cooperativismo e dos fundamentos teóricos que norteiam o projeto político-pedagógico da escola.

Porém observamos que a escola não se constitui apenas de práticas, mas de gestão, seja esta, pedagógica ou administrativa. Observamos muitos pontos que se tornam gargalos para que essa escola se mantenha viva com sua proposta bonita e libertaria, e sem dúvida esses gargalos contribuem muitas das vezes para que o processo pedagógico não seja adequado ao que os responsáveis pelos alunos muitas vezes esperam como retorno.

Por tudo que a análise dos dados nos revelou, quanto ao que acabamos de relatar sugerimos à Escola Freinet, que institua uma assessoria de Gestão Administrativa já que a escola passa por muitos problemas financeiros para manter-se viva e que essa assessoria atue, de maneira sistemática, ao lado da gestão e dos educadores.

Como última e principal questão para este estudo, parabenizamos ao fato de como a maneira da pedagogia Freinet pode ser significativa para a formação dos alunos, que se encontram no ensino do 9º ano dos anos finais. Eis que para isso podemos sentir a fértil presença em sua vida escolar das orientações pedagógicas, norteadas pelas ideias de Freinet e pelo pensamento de Paulo Freire.

Sabemos que a Escola Freinet de Natal-RN, orienta-se pela Pedagogia de Freinet, mas é impossível não falar da aproximação com os ideários de Paulo Freire, em principal, nos anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Quando sabemos que muitas das falas dos alunos trazem em seus enunciados algumas máximas de Paulo Freire, como por exemplo: Não há docência sem discência, ou seja, não há professor ou escola se não há alunos a serem ensinados, que ensinar exige pesquisa, criatividade, respeito e criticidade, ética e alegria, e em principal ensinar exige liberdade.

Todos estes pontos que podemos encontrar na obra de Paulo Freire, Pedagogia da Autonomia, nos lembram em muitos momentos as situações que descrevemos ao longo de nosso trabalho. É muito interessante observar todos esses pontos relatados entrelaçados ao pensamento de Freinet.

Sendo assim acredito que *A escola do povo*, que tanto defendeu Freinet, é a escola na qual o aluno de hoje é o cidadão do amanhã o homem livre. Livre para ser sujeito, que pensa, age e faz escolhas, diferentemente do imobilismo imposto por certas propostas tradicionais,

desenvolvidas por inúmeros professores, aos quais Freinet, C. (1978b, p. 16) se dirige: “podeis manter as vossas crianças sentadas na aula, mas não podeis acorrentar o seu pensamento, a sua imaginação e a sua audácia que vão para algures, para onde borbulha doravante o progresso e o futuro.”

Já para Freire a tarefa de todo ser humano para muito além da escola seja ela qual for, a tarefa do ser humano é ser mais, é se humanizar, é se tornar senhor de si, autônomo, consciente, sujeito da história.

No entanto, Paulo Freire não confunde autonomia com autossuficiência, pois sempre afirmou que ninguém se liberta sozinho, e sim que os homens se libertam em comunhão. Mais ainda:

A libertação, por isto, é um parto. E um parto doloroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos. A superação da contradição é o parto que traz ao mundo este homem novo, não mais opressor; não mais oprimido, mas homem libertando-se (FREIRE, 1981, p.36).

Por fim, reiteramos a relevância deste trabalho, que, na sua completude, apresenta uma proposta educacional de cidadania, à luz da pedagogia Freinet, e do pensamento político de Paulo Freire abrangendo as dimensões teórica e prática, cujas possibilidades concretas de ser implementada, estão disponíveis para todas as séries.

Aos educadores, de modo geral, aos companheiros do Movimento Freinet e à comunidade acadêmica, temos a dizer, que: não tivemos, aqui, absolutamente, a pretensão de construir nenhum texto maravilhoso que traz um parecer de uma experiência educacional perfeita e por esta razão fica aberto para ser objeto de reflexão, crítica, ponto de partida para novas pesquisas, experimentações, atualizações e adaptações, por parte daqueles que o tema possa vir interessar.

Não penso que é em demasia ressaltarmos, que a abertura dada pela COOPERN/Escola Freinet, para que pudéssemos realizar este estudo, foi um exercício de confiança na pesquisa científica e no poder que ela tem de se tornar acessível e útil às escolas.

Sou grata pela receptividade dos que fazem essa instituição, aos que se propuseram a mostrar seu pensar educacional e pedagógico, para aprenderem mais e permitirem que eu pudesse aprender com eles.

Concluimos que, mostrar-se não é uma tarefa fácil, assim como dissertar num trabalho acadêmico sobre os fazeres do outro, exige dosar sensibilidade e rigor científico. Este foi o maior desafio, assim como tem sido um esforço imenso, a tarefa de finalizar este texto. Porque, a cada ponto final, vêm as releituras, oportunidades valiosas de constatarmos a nossa

incompletude e a grandeza do ato de pesquisar, mas, entendo que preciso terminar, para partilharmos o conhecimento com outras pessoas, quando a pesquisa, finalmente, cumprirá o seu principal papel. Para isso gostaria de deixar registrado mais um pensamento pela voz do próprio Freinet. Vejamos:

Gostaríamos de romper este muro de silêncio para examinar os problemas na sua realidade objetiva. Era a um verdadeiro trabalho científico que queríamos entregar-nos, estudando experimentalmente as taras de que sofre a escola, os impasses a que chegou, as causas profundas das perturbações que detectamos, os sintomas e possibilidades de cura, na esperança de que uma vasta campanha de pesquisa e ação, ultrapassando a escola, desencadeie no país uma corrente de opinião que exija, por fim, a modernização e humanização do nosso ensino (FREINET 1978, p. 22).

Assim ditas as palavras de Freinet, aquele que aportou quase todo esse trabalho, tenho a grande alegria de escrever as minhas próprias, para dar fim ao que comecei no capítulo um desta dissertação. Posso dizer então: Que a travessia, de saída, pareceu-me árdua, trazendo a seguinte questão: como trabalhar com uma linguagem acadêmica, quando ainda não conhecia essa vastidão, como meus versos poderiam agradar a todos se ainda não fazia parte? De repente entendi que “Tudo é porta / tudo é ponte”.

O que fiz foi traduzir o meu trabalho em matéria acadêmica. O risco foi aplicar uma teoria ao texto, foi colocar-me entre o escritor e sua amante, o objeto. Assim aprendi o fazer científico, provocando algumas vezes a dimensão poética como agora, no sonho de despertar e propor o mesmo sentimento a outros pelo assunto estudado. Práticas de Freinet, política na escola, educação que liberta, o pensar Freiriano, uma educação emancipadora.

Para que entre o sonho e o despertar que nos faz muitas vezes voltar ao começo possa provocar outras experiencias, reescrevendo a própria experiencia através desta, buscando novos sentidos renovados por outras pessoas que tenham o mesmo despertar que eu tive.

Para terminar meu caso de amor profundo com essa dissertação digo, que meu maior intuito não foi ao da crítica a um trabalho de mediação, mas sim de abrir passagens, e articulações não apenas no interior do texto, mas entre os diferentes campos do saber.

E, por que não afirmar, que da relação amorosa entre autor e texto; produzir ou assumir o lugar da crítica como amante do texto é perfeitamente normal, pois a gente só critica aquilo que ama, que seja então esse trabalho um lugar em que a crítica seja capaz de buscar relações fecundas, para gerar novos pensamento e apontar novas relações, outras histórias e palavras, já que a sua leitura nos deixa fecundados por tantas falas que carregam sementes.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. Dicionário de filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ALMEIDA, C. de; CARVALHO, E.A. (org.). Edgar Morin. Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios. Trad. Edgar de Assis Carvalho. São Paulo: Cortez, 2002.

ALMEIDA, C. de; CARVALHO, E.A. (org.). Ciências da Complexidade Educação: Razão Apaixonada e Politização do Pensamento Trad. Edgar de Assis Carvalho. São Paulo: Cortez, 2002.

ARISTÓTELES. Tópicos. Dos argumentos sofísticos. Metafísica: livro I e livro II. Ética a Nicômaco. Poética. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Os pensadores, 4).

ARISTÓTELES. A política. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BACHELARD, Gaston. Conhecimento comum e conhecimento científico. Tempo Brasileiro. São Paulo, n.28, jan./mar. 1972.

_____. A formação do espírito científico. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996b.

_____. O novo espírito científico. Lisboa: Edições 70, 1996a.

BARBOSA JUNIOR, Walter Pinheiro. O ethos humano e a práxis escolar: dimensões esquecidas em um Projeto Político Pedagógico. 203f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2002.

BOGDAN & BIKLEN (1994). Investigação Qualitativa em Educação. Porto: Porto Editora.
BOFF, Leonardo. Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra. 20. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BOLEIZ JUNIOR, Flávio. Freinet e Freire: Processo Pedagógico como Trabalho humano. São Paulo, 2012. Tese (Doutorado), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.

BOLEIZ JUNIOR, Flávio. Freinet e Freire: Educadores populares que dialogam. Uberlândia, 2010. Artigo, Revista Ed. Popular. V9 p. 37-45 Jan/Dez 2010.

BRANDÃO, C.R. Educação Popular. 2ª.ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRANDÃO, C. R. O que é educação. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em 05 dez. 2019.

_____. Lei nº 5.764, de 16 de dezembro de 1971. Define a Política Nacional de Cooperativismo, institui o regime jurídico das sociedades cooperativas, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCivil_03/Leis/L5764.htm>. Acesso em 05 dez. 2019.

_____. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

CANDAU, Vera Maria (Org). Sociedade, Educação e Cultura(s): questões e propostas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CAVALCANTI, Adriana Vasconcelos. Freinet: A Relevância da Reunião cooperativa para o processo de ensino e aprendizagem na gestão das relações sociais do Ensino Fundamental. Trabalho de conclusão de curso. Pedagogia. Centro de Educação. UFRN (2017).

COSTA, Michele Cristine da Cruz. O pensamento educacional de Célestin Freinet e suas aproximações aos ideais do movimento da Escola Nova. Araraquara, 2008. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) — Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, 2008.

DANTAS, Joana D'arc de Souza.; LIMA, Evely Barros Paz. É possível viver na escola? Pedagogia Freinet: por uma educação viva. (Orgs). 01. ed. Natal: CARTGRAF, 2007. v. 1. 252.

DANTAS, Joana D'arc de Souza. A ação pedagógica do professor e a aprendizagem do aluno: um trabalho cooperativo, 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2001.

DESCARTES, R. Discurso do método. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção os pensadores)

DOMINGOS SOBRINHO, Moisés; BARBOSA JÚNIOR, Walter Pinheiro. Cultura de gestão democrática no Brasil: participação popular e controle social. In: FRANÇA, Magna; MOMO, Mariangela (Orgs). Processo democrático participativo: a construção do PNE. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2014

ELIAS, M. C. Pedagogia Freinet – Teoria e Prática. Campinas: Papyrus, 1997

FAZENDA, IVANI & Cols. Metodologia da. Pesquisa. Educacional, São Paulo, Cortez, 2006. Page 2. Page 3. Page 4. Page 5.

FERREIRA, Adir Luiz. Formação social do sujeito contemporâneo: discutindo a socialização e os papéis sociais na vida escolar. In: FERREIRA, A. L. (org.) *A escola socializadora: além do currículo tradicional*. Natal: EDUFRRN, 2006.

FRANÇA, Magna, BARBOSA JUNIOR, Walter Pinheiro. Políticas e Práxis Educativas. Natal Editora Caule de Papiro, 2017.

FREINET, Célestin. Para uma escola do povo: Guia prático para organização material, técnica e pedagógica da Escola Popular. (Trad.: Eduardo Brandão). São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. Educação do trabalho. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. Ensaio de psicologia sensível. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. Pedagogia do bom senso. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

FREIRE, Paulo. 1921-1997 18 ed. Extensão e Comunicação, São Paulo. Paz e Terra. 2017

_____. Pedagogia do Oprimido. Paz e Terra, 1991.

_____. Educação como prática de liberdade: a sociedade brasileira em transição. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2000.

_____. P, Shor I. Medo e ousadia: o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1986

FRIGOTTO, Galdêncio. A Produtividade da Escola Improdutiva: (Um exame das relações entre educação e a estrutura econômica-social e capitalista/ Gaudêncio Frigotto -7. Ed – São Paulo: Cortez, 2001.

GATTI, Bernardete Angelina. Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas. Brasília: Líber Livro, 2005.

GOETHE, J. W. Fausto. Rio de Janeiro: W.M. Jackson Inc., 1948.

GOMES, A. J. Escola Cooperativa no Brasil: mito e realidade. In: Ivana Maria Lopes de Melo Ibiapina; Maria Vilani Cosme de Carvalho. (Org.). A Pesquisa como mediação de práticas socioeducativas. EDUFPI: Teresina, 2007, v. 2, p. 117-130.

_____. Origem e evolução do Cooperativismo no mundo e no Brasil e suas contribuições para constituir o segmento educacional brasileiro. In: José Augusto de Carvalho Mendes Sobrinho. (Org.). Formação e Prática Pedagógica: Diferentes Contextos de Análises. EDUFPI: Teresina, 2007, v. 1, p. 183-212.

KANT, I. Crítica da razão pura. Trad. Valério Rohden e Udo B. Moosburger. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção os pensadores).

KOSIK, K. Dialética do Concreto. Rio de Janeiro Paz e Terra, 1976

KUHN, Thomas. A estrutura das revoluções científicas. 8.ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARTINS, Adalberto (Org). O cooperativismo no pensamento marxista. (Marx, Rosa, Karl, Lenin, Mao) São Paulo: CONCRAB, Caderno das Experiências Históricas de Cooperação n. 2., junho 2000. MARX, K. & ENGLES, F. Obras escolhidas. Tomo II. Lisboa: Edição Avante, 1983.

MAROY, C. A Análise qualitativa de Entrevistas. In: ALBARELLO, L. et al. Práticas e métodos de investigação em ciências sociais. Lisboa: Gradiva, 1997, p. 117-155. [[Links](#)]

MARX, K. O capital: crítica da economia política. Livro Primeiro, o processo de produção do capital v.II., 12.ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998

MARX, Karl. Contribuição à crítica da economia política. Tradução de Maria Helena Barreiro Alves. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção clássicos).

MARX, Karl. Contribuição à crítica da economia política. Tradução de Maria Helena Barreiro Alves. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção clássicos).

_____; ENGELS, Friedrich. A ideologia alemã. Introdução de Jacob Gorender. Tradução de Luís Cláudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1989. (Coleção novas direções).

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A ideologia alemã. Introdução de Jacob Gorender. Tradução de Luís Cláudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1989. (Coleção novas direções).

MELLO, S. A. Infância e Humanização: algumas considerações na perspectiva histórico-cultural. Perspectiva, Florianópolis, V. 25. n. 1. P. 83-104. Jan/jun 2007.

OCB. Organização das Cooperativas brasileira. Cooperar em prol da educação. Disponível em: <<https://www.ocb.org.br/ramo-educacional>>. Acesso em 10 out. 2018.

OCB (Organização das Cooperativas do Brasil). **Os ideais do cooperativismo**. Disponível em: <<http://www.ocb.org.br/site/cooperativismo>>. Acesso em: 23 dez. 2019.

OLIVEIRA, Anne M. Milon. Cèlestin Freinet: Raízes sociais e políticas de uma proposta pedagógica. Rio de Janeiro: Pápeis e cópias de Botafogo e Escola de Professores, 1995.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. Gestão democrática da educação: Desafios contemporâneos. Petrópolis, Rj: Vozes, 1997.

PARO, Vitor Henrique. Educação como exercício do poder: crítica ao senso comum em educação. São Paulo: Cortez, 2008.

PESSOA, Fernando. Poemas e Escritos. Obras em Prosa. Organização introdução e notas: Cleonice Bernarda. Rio de Janeiro: Nova Aguiar. 1998.

PEREIRA, Francisco de Assis. As contribuições do texto livre na vitalização pedagógica da sala de aula: uma experiência na Escola Pública. Natal, 1997. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 1997.

PEREIRA, Sandra Maria Borba. O ato pedagógico como ato gnosiológico em Paulo Freire ensinar como uma aventura criadora. 2010. 186 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.;

PRADO JÚNIOR, C. Dialética marxista do conhecimento. 4. ed. v.2, São Paulo: Brasiliense, 1963.

PUIG, Josep M. NOVELLA. Anna M. Democracia e Participação Escolar, Proposta de Atividades, Página 09 a 39.

SAMPAIO, Rosa Maria W. F. Freinet – Evolução Histórica e Atualidades. 2a ed. São Paulo :Scipione, 1994.

SANTOS, Maria Lúcia dos. Texto livre: expressão viva num sistema interativo. In: ELIAS, Maria Elisa Del Cioppo (Org.). Pedagogia Freinet: teoria e prática. Campinas: Papyrus, 1996.

SANTOS, M. L. A construção de um projeto educativo à luz dos princípios da Pedagogia Freinet. PUC/SP, 1996 (mesa redonda-não publicado)

SAVIANI, Demerval. Da nova LDB ao plano nacional de educação: por uma outra política educacional. 5.ed. Campinas- SP, 2004.

SEVERINO, Antônio J. Metodologia do trabalho científico. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUZA, D. B. DE. Celestin Freinet: uma pedagogia popular? **Revista Educação em Questão**, v. 2, n. 2, p. 63-71, 15 jun. 1989.

_____. A Pedagogia Freinet nas séries iniciais do 1º grau: algumas sugestões de organização do trabalho pedagógico. Natal: 1996. Caderno n. 03.

_____. A Pedagogia Freinet: perspectiva de integração entre ensino, pesquisa e extensão. In: ENCONTRO DE PESQUISA EDUCADOR DO NORDESTE: EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL, 12, 1997 Natal. Anais. Natal: EDUFRRN, 1997.

ROSA, Guimarães João. Grande Sertão: Veredas. 20. Ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

RIBEIRO, Darcy (1985), Teoria do Brasil, Petrópolis: Ed. Vozes.

RIOS, G. S. L. **O que é cooperativismo**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

WALLON, Henry (1973/1975). A psicologia genética. Trad. Ana Ra. In. Psicologia e educação da infância. Lisboa: Estampa (coletânea).

_____. O desenvolvimento cognitivo da criança a partir da emoção. Revista Didática Sistêmica, vol.4, julho dezembro de 2006.

**APENDICE A - DECLARAÇÃO DE SIGILO ÉTICO-CIÊNTIFICO PARA A
PESQUISA NA ESCOLA FREINET NATAL RN**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



DECLARAÇÃO DE SIGILO ÉTICO-CIENTÍFICO

Eu, Adriana de Vasconcelos Cavalcante, mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, matrícula de nº 20181006460, declaro para os devidos fins que se fizerem necessários que o uso do conteúdo das entrevistas realizadas junto aos cooperados (a), da Escola Freinet de Natal RN tem a finalidade exclusiva de atender aos objetivos acadêmico-científicos da dissertação em elaboração, conforme foi mencionado nas orientações e nos esclarecimentos prévios e, em proteção à imagem e a não estigmatização dos sujeitos entrevistados, utiliza-se codinomes para referenciar o seu conteúdo.

Natal, 19 de Abril de 2019.

Adriana de Vasconcelos Cavalcante

Adriana de Vasconcelos Cavalcante

Mestranda – Programa de Pós-Graduação em Educação - UFRN

Matrícula de nº 20181006460

APENDICE-B - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA A PARTICIPAÇÃO DA ESCOLA PARA A PESQUISA NA ESCOLA FREINET NATAL RN



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PARTICIPAÇÃO DA ESCOLA FREINET DE NATAL-RN NA PESQUISA

Eu, Adriana de Vasconcelos Cavalcanti, mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, solicito autorização para desenvolver a pesquisa, intitulada: **Práticas educativas e concepções política e social da escola Freinet Natal/RN no processo educativo dos estudantes do 9º ano do ensino fundamental**, sob a orientação do Professor Walter Pinheiro Barbosa Júnior.

Trata-se de uma pesquisa que objetiva identificar e problematizar as práticas educativas e concepções políticas e sociais da Escola Freinet, buscando compreender como essas práticas e concepções educam os estudantes do 9º ano do ensino fundamental.

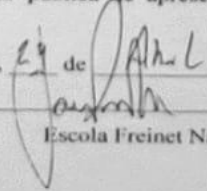
Vamos realizar nosso estudo orientado pela seguinte pergunta: De que forma as práticas e concepções política e social da Escola Freinet Natal/RN, educam os estudantes do 9º ano do ensino fundamental?

Para responder a essa pergunta, vamos percorrer um caminho trabalhando com técnicas e estratégias, tais como: Grupo Focal com alunos; aplicação de questionários, e entrevistas do tipo livre conversacional com a Direção, Coordenação da Escola e estudantes do 9º ano do ensino fundamental.


Nesse sentido, assumimos junto a escola, os seguintes compromissos:

1. Utilizar as informações obtidas no âmbito da pesquisa, exclusivamente, com fins acadêmicos;
2. Preservar integralmente o anonimato dos sujeitos, de modo que os entrevistados não terão suas identidades reveladas em qualquer trabalho ou publicação decorrente da pesquisa;
3. Fazer a devolutiva dos resultados à toda comunidade acadêmica na ocasião de defesa da dissertação, a ser publicada em site oficial do IFRN;
4. Realizar uma sessão pública de apresentação da Dissertação, para a Escola Freinet;


Natal, 24 de Junho de 2019.


Escola Freinet Natal-RN

APÊNDICE C - QUADRO DOCENTE DA ESCOLA FREINET DE NATAL RN
(2018 – 2020)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



Quadro de Identificação dos colaboradores (Docentes e Cooperados) da pesquisa

Informações prestadas entre março e novembro de 2018 durante entrevista gravada, individualmente.

Colaborador (a)	Atividade na Escola Freinet.	Tempo de experiência	Tempo de experiência na Escola Freinet.	Em quantas outras escolas trabalha.	Atua em instituições públicas e/ou privadas.	Situação na Cooperativa: E ou ETPA
José Klinei	Gestor	20 anos	15 anos	—	—	ETPA
Jelys Kirof. Lima	Gestor	10 anos	3 anos	—	IFRN	ETPA
Amo Gústino Gomes	Docente	22 anos	3 anos	—	—	E
Amelicia	Secretária	3 anos	1 ano	—	—	ETPA
Vanessa Christina	Docente	7 anos	5 anos	—	—	E
Moris Edna Passamento	Docente	10 anos	2 anos	1	Sim	E
Moris de Sácora	Coordenadora de Curso	4 anos	3 anos	—	—	ETPA
Jessica Nunes	Docente	4 anos	2 anos	2	Sim	E
Janine Leal	Docente	2 anos	1 ano	—	—	E
Daniella Kelso	Docente	3 anos	1 ano	2	Sim	E
Danielle	Docente	3 anos	1 ano	2	Sim	E
Rhaniel Jobim	Docente	7 anos	6 anos	2	Sim	E
Daniella Moris	Docente	12 anos	2 anos	2	Sim	E
Oto Peterson	Docente	3 anos	1 ano	2	Sim	E
Guto Guazzoni	Docente	3 anos	1 ano	—	Sim	E

Legenda:

E = Educador
ETPA = Equipe Técnico Administrativo Pedagógico

APÊNDICE D



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



Quadro de Identificação dos colaboradores (Docentes e Cooperados) da pesquisa

Informações prestadas entre março e novembro de 2018 durante entrevista gravada, individualmente.

Colaborador (a)	Atividade na Escola Freinet.	Tempo de experiência	Tempo de experiência na Escola Freinet.	Em quantas outras escolas trabalha.	Atua em instituições públicas e/ou privadas.	Situação na Cooperativa: E ou ETPA
Juliano de Souza	Docente	2 anos	1 ano	1	Sim	E
Maltecio de Sousa	Docente	2 anos	1 ano	-	-	E
Kenonio Koline	Docente	2 anos	1 ano	1	Sim	E
Rogorelly Fernando	Docente	1 ano	1 ano	-	-	E
Ademar Bento	Docente	3 anos	1 ano	1	Sim	E
Blicis Rersones	Coordenador	3 anos	1 ano	2	Sim	ETPA

Legenda:

E = Educador

ETPA = Equipe Técnico Administrativo Pedagógico

APÊNDICE E

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS COLABORADORES DA PESQUISA (GRAVAÇÃO) (DIRETOR, COORDENADOR E PROFESSORES)

- 1- Fale como você define a proposta da(s) Escola Freinet.
- 2- Como se sente na Escola profissionalmente?
- 3- Qual o significado de trabalhar numa escola de uma cooperativa de professores?
- 4- Quais as suas experiências anteriores com a Pedagogia Freinet?
- 5- Como você avalia a sua prática pedagógica no tocante a pedagogia Freinet. Em que esta pedagogia facilita e/ou dificulta a ação docente?
- 6- Fale outros aspectos que considera que dificulta e/ou facilita a docência na Escola Freinet.
- 7- Quais os Livro(s) que você já leu e que são de autoria de Célestin Freinet.
- 8- Falar sobre os princípios fundamentais da pedagogia Freinet e de que maneira trabalha para que os mesmos sejam vivenciados pelos alunos.
- 9- Falar sobre as técnicas da pedagogia Freinet que considera que, na prática, têm sido desenvolvidas com mais êxito para a educação Pedagógica política e social dos alunos.
- 10- Falar como você entende que as práticas desenvolvidas na escola educam os alunos politicamente para um posicionamento implicado social.
- 11- Quais as contribuições da reunião cooperativa para a ação docente e construção da autonomia dos alunos. Além da experiência com a interdisciplinaridade.
- 14- Quais as situações que você considera que propiciam à construção de conhecimentos por parte dos alunos e qual o papel do docente, neste processo.
- 15- Como você considera a avaliação das aprendizagens dos alunos, você concorda com a forma da escola avaliar.
- 16- Como você colocaria a posição da escola para a educação no atual contexto.
- 17- Cite Mudanças que adotaria na Escola Freinet para fortalecer cada vez mais a
- 18- Como você entende a escola no contexto da Gestão democrática.
- 19- Você mudaria alguma coisa nessa escola?
- 20- Que mudanças você entende que as práticas dessa escola proporcionam ao aluno.

APÊNDICE F

CARACTERIZAÇÃO/PERFIL DOS PARTICIPANTES PARA O GRUPO FOCAL

ROTEIRO PARA GRUPO FOCAL - REPRESENTANTES DA COMISSÃO DE HORÁRIOS

1º Momento: Leitura do Termo de Anuência para participação da Escola Freinet Natal-RN na pesquisa e entrega da Declaração de Sigilo Ético-Científico (aspectos éticos vinculados ao estudo e ao processo interativo); assinatura do Termo de Consentimento Esclarecido pelos participantes da pesquisa (autorização da análise e publicação dos resultados); e, preenchimento do formulário de caracterização/perfil dos representantes da Comissão de Horários.

2º Momento: Socialização do objeto da pesquisa; orientações gerais acerca da dinâmica da discussão no grupo focal; duração do encontro; apresentação do pesquisador, moderador e papel de ambos na discussão;

Participaram: 18 Alunos sendo: 10 do sexo feminino e 8 do sexo masculino.

Mediadoras: Adriana e Raquel.

QUESTÕES DE ESTUDO	PERGUNTAS
Procurar evidenciar como os alunos enxergam a escola, que tipo de práticas eles acham importante para educá-los.	Como é a escola para vocês? O que acontece na escola que vocês gostam?
Evidenciar práticas políticas e sociais desenvolvidas na escola.	2. Como acontecem as decisões na Escola? Vocês moram na Escola? Em que momento ou lugar fora da escola vocês pensam sobre aprenderam na escola?
Identificar e refletir a respeito da organização das práticas e concepções políticas na Escola.	3. Como você acha que a escola se organiza? E qual seu papel nessa organização? 4. Como vocês, participam, elaboram e executam o trabalho escolar?

Identificar e refletir sobre os fatores facilitadores ou potencializadores educação política, pedagógica e Social do aluno.	
V. Elucidar e refletir sobre alguns Pontos: O que acontece na escola: Processos Políticos cooperativos e participativos na ESCOLA. A liberdade dos alunos. Aprendizagem política e Social na Escola. Como essa escola educa para as práticas políticas e Sociais? Consequências: A quem serve essa participação? Que interesses representam? Quais as consequências decorrentes das práticas na escola, particularmente, para os estudantes? Que concepções de sociedade, de educação, você acha que pode construir nessa escola?	5. O que você leva em consideração sobre as Práticas que acontecem nessa escola? Nessa Escola, todos: (Direção, cooperados, Professores e alunos) podem participar das decisões do dia a dia da escola? Pode-se conversar com os professores sobre assuntos fora da matéria escolar? Nessa escola se aprende coisas uteis que vocês irão levar para a vida? Nessa escola vocês, participam, refletem ativamente no dia a dia em quase todas as situações sejam essas, pedagógicas ou sociais?
VI. Contribuição das Assembleias;	6. A Reunião Cooperativa é importante? Por quê?
VII. Plano Semanal de Trabalho;	7. Quem deve mesmo planejar é você ou o professor?
VIII. Contribuições da Escola para a Educação Política Implicada;	8. Que práticas políticas são desenvolvidas na escola? Você se enxerga como atuante e implicado em alguma situação política dentro da escola?
IX. Refletir sobre o grau de controle e autonomia dos alunos e cooperados;	9. Vocês acham que são livres dentro da Escola?
X. Evidenciar o que os alunos entendem Sobre a Escola.	10. A Escola de Vocês é diferente??

TABELA PARA GRUPO FOCAL – FALA DOS REPRESENTANTES

CATEGORIA	UNIDADE DE SENTIDOS (TRECHOS)	
A - Escola	— “A escola é um lugar bom, onde eles podem expor suas ideias, onde tem liberdade de expressão, onde podem usar a criatividade para fazer os seus trabalhos”.	A1
	— “Aqui a gente é incentivado a acreditar na nossa capacidade e fazer e a fazer coisas que em muitas escolas os alunos são oprimidos, aprende-se a respeitar o outro em sociedade, pois nessa escola tem muitos alunos especiais e assim aprendemos a viver com as diferenças” (Vivian)	A2
	— “Eu gosto das aulas de Ademar (Professor de Geografia) porque ele conversa bastante e usa questões da vivência e da política em suas aulas e o professor Guto também. Eu gosto da Liberdade da forma de ensino e a forma como ela (Escola) se organiza, pois em outras escolas, todos os alunos sentam um atrás do outro em fileiras e aqui não todo mundo está sentado da forma que quiser, ou em roda e todos conversam não só o aluno, mas sim o aluno e o professor também, então não é só o professor dizer: EU FALO e vocês fazem, tem uma troca”. (Samuel)	A3
A - Escola	— “Tipo, a escola tradicional é feita para o mercado de trabalho: Exemplo, “Sentar-se na fileira, passar 5 horas sentado fazendo alguma coisa que não gosta, sob o tom hierárquico de alguém que está ali mandando em vocês. Nesse caso a figura hierárquica é a do professor, aquele que a gente tem que obedecer”. E Aqui não, aqui é totalmente ao contrário, até a maneira como a escola se organiza é diferente da tradicional é interessante, eu gosto disso”. (Tânia)	A4
B - Política	— “É a maneira da gente se relacionar com todo mundo”.	B1
	— “Sim... a política está em tudo! A política aqui na escola é diferente porque eles (os professores) nos dão ouvidos, escutam os que a gente fala, mesmo que a gente não acolha tudo que eles dizem, mas eles estão abertos a nos escutar”. (Raquel)	B2
	— “Sim, quer um exemplo? A liberdade de expressão, é um grande exemplo, tem também o respeito as diferenças pois convivemos com muitos alunos com necessidade especiais, e com muitas pessoas diferentes aqui na escola e aprender isso nos faz levar para o dia a dia de uma maneira ou de outra. A gente tem que respeitar. Aprendemos a ser críticos sobre coisas e não nos tornamos pessoas alienadas isso nos faz questionar as pessoas além da escola, pois procuramos saber mais das coisas e expressamos a nossa opinião”. (Maria Eduarda)	B3
	— “Muitas vezes é cansativo e chato e me sinto pressionada a fazer, muita gente não cumpre, e nem todos cumprem os afazeres. Vai de cada um a organização” (Lilit)	C1
	— “A gente sabe que é nossa responsabilidade, nós não estamos mais na educação Infantil, é claro que tem pessoas que podem ter problemas e aí não fazem, mas sabemos que é nossa responsabilidade”. (Vivian)	C2
	— “Depende do professor, como por exemplo o professor Guto (Filosofia) pois ele tem a opinião diferente de alguns colegas, e a Direção fica receio sobre ele, não achamos isso legal. Ele gosta de prezar a liberdade dos alunos,	C3

C- Práticas	<p>ele deixa a gente LIVRE, eu acho que isso é muito bom, ele quer ouvir a nossa opinião em relação ao que a gente pensa e em relação a aula dele.</p> <p>Outro professor é Ademar (Geografia) por exemplo ele pergunta como foi as nossas férias e então depois que a gente fala como foi e para onde fomos ele fala tudo sobre a economia daquele lugar que a gente conheceu. Tipo ele fala 1 hora sobre a ideia que você deu a ele, é tipo, tudo que ele traz para a aula é dentro da realidade que estamos vivendo”. (Samuel)</p>	
	<p>— “É uma ideia interessante, é chatinha, mas é necessária. A parte legal é que quando a gente briga com alguém, é o canto bom para resolver!</p> <p>É um lugar para ver e avaliar a sinceridade de cada um. Porem achamos que falta a participação de alguns professores, tipo, apenas um professor participa da nossa reunião. Achamos que se fossem todos, seria melhor. Porque tem vezes que tem algum problema e só aquele professor que acompanha a reunião é quem pode ajudar” (Tânia).</p>	C4
C- Práticas	<p>— “A gente acha que tipo, os Debates, os trabalhos pedagógicos, as dinâmicas e o próprio grêmio escolar a diversidade fazem a diferença. O teatro é algo muito importante também, pois era uma coisa difícil para mim, e agora eu consigo participar. Gosto de Tudo na escola. Eu aprendi a respeitar a opinião dos outros, mudei muito desde que vim parar aqui nessa escola. Gosto da forma de ensino, porque eu vim de uma escola bem tradicional e o que eu aprendi foi tentar ter mais paciência com o outro. Eu gosto de ter abertura para conversar eu acredito que tudo se baseia na conversa e em ouvir o outro”. (C5)</p>	C5
C- Práticas	<p>— “Sabe não há fórmula mágica para mudar a sociedade, aqui você quer entender cada realidade, como cada pessoa se comporta, como é a realidade de cada um, e aqui essa escola dá muito espaço para o desenvolvimento artístico do aluno. Sabe eu estudei em escolas tradicionais e ela suga todo o seu tempo que você tem com as disciplinas como se escola fosse a única coisa que você tem na vida, sendo que não. Eu gosto do espaço aberto da escola em todas as escolas que eu estudei as escolas eram fechadas, aprendi a respeitar o próximo. Gosto dos professores, e aprendi a ter paciência. E aqui eu posso me dedicar mais a Arte”. (Samuel)</p>	C6
C- Práticas	<p>— “A principal coisa que eu aprendi foi a ter senso crítico, e a enxergar as coisas de uma maneira mais artística eu acho que eu comecei a me questionar muito sobre as coisas e a formar opiniões e é isso”. (Lili)</p>	C7
C- Práticas	<p>— “Eu gosto da convivência na escola das pessoas ao redor e das amizades. Eu aprendi que eu tenho voz e direitos que devem ser respeitados e que eu posso usar eles”. (Vivian)</p>	C8
C- Práticas	<p>— “Vocês acham que são livres aqui dentro?? Ouvi um SIM sonoro. Eu acho muito legal porque os professores, sempre nos perguntam onde queremos que a aula aconteça, se na sala de aula ou lá fora, isso para mim é liberdade”. (Raquel)</p>	C9
C- Práticas	<p>— Digam uma palavra para vocês que represente a liberdade e que represente a Escola Freinet. Arte, cultura, sentimentos, atividades práticas, expressões, empatia, amizade... (ninguém falou conhecimento)</p>	C10

Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas.

Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do vô.

Pássaros engaiolados são pássaros sob controle.

Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser.

Pássaros engaiolados sempre têm um dono.

Deixaram de ser pássaros.

Porque a essência dos pássaros é o vô.

Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados.

O que elas amam são pássaros em vô.

Existem para dar aos pássaros coragem para voar.

Ensinar o vô, isso elas não podem fazer, porque o vô já nasce dentro dos pássaros.

O vô não pode ser ensinado.

Só pode ser encorajado.

Rubem Alves

Fim